

Mariana Filipa Mesquita Anes

**Acolhimento aos migrantes - Integração das crianças
migrantes em contexto escolar**

Orientador(a): Professora Doutora Hélia Augusta de Magalhães Correia Bracons Carneiro

Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa

Instituto de Serviço Social

Fevereiro, 2024

Mariana Filipa Mesquita Anes

**Acolhimento aos migrantes - Integração das crianças migrantes
em contexto escolar**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa, no dia 22 de fevereiro de 2024, com o Despacho de Nomeação N° 516/2023, de 12 de dezembro de 2023, com a seguinte composição:

Presidente: Prof^ª. Doutora Paula Ferreira

Arguente: Prof^ª. Doutora Maria Neves Gonçalves

Orientador: Prof^ª. Doutora Hélia Bracons

Universidade Lusófona - Centro Universitário de Lisboa

Instituto de Serviço Social

Lisboa

Fevereiro, 2024

Agradecimentos

E chega assim ao fim estes dois anos de mestrado, foram sem dúvida dois anos desgastantes, mas bastante enriquecedores, apesar da dificuldade e em muitas vezes haver a vontade de desistir, foram também dois anos de momentos muito felizes que me encheram o coração e que permitiram levar pessoas espetaculares para a vida.

Esta dissertação resulta do contributo de diversas pessoas sem as quais não seria possível a sua conclusão, por tudo isso aqui deixo o meu sincero e profundo agradecimento.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais por todo o esforço que fizeram para me manter nesta instituição, por acreditarem em mim e no meu valor, por nunca me deixarem desistir dos meus sonhos/objetivos que tenho vindo a traçar ao longo da vida, por toda a compreensão nos momentos menos bons e principalmente por se orgulharem de mim, obrigada por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço a minha avó Maria Celeste por demonstrar sempre preocupação e incentivar a nunca desistir.

Quero deixar o mais sincero agradecimento à professora Doutora Hélia Bracons, por me acompanhar tão bem neste percurso da minha vida, por todo o trabalho desenvolvido nas orientações tutoriais, por toda a paciência e por toda a disponibilidade e por dar sempre a sua opinião e fazer sempre uma análise crítica de todo o meu percurso.

Agradeço à Eva, à Susy, à Carmo e à Paula, por me incentivarem sempre e se disponibilizaram a ajudar-me sempre que fosse necessário, especialmente no contacto com as escolas.

À professora Luísa pela disponibilidade, apoio e incentivo à realização deste estudo.

Aos meus amigos por me apoiarem e ajudarem a concretizar esta minha etapa, mesmo quando pensei que iria ser impossível terminar. Em especial à Mónica e à Catarina, por sempre me apoiarem e estarem sempre presentes nos bons e maus momentos ao longo deste processo.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram com palavras de carinho, estímulo e incentivo para que fosse possível concluir mais um grande objetivo.

Resumo

Nos últimos anos têm-se vindo a registar um aumento dos fluxos migratórios, devido a questões económicas, falta de segurança, a questões políticas e conflitos armados.

Com a chegada de novos migrantes muitas vezes acompanhados das suas famílias, é fundamental haver uma preocupação acrescida com o seu acolhimento e a sua integração, focando-nos na integração das crianças no meio escolar.

Para que o processo de integração seja bem eficaz é fundamental haver uma sensibilização junto dos indivíduos, para fomentar a integração e evitar conflitos e comportamentos desadequados para com a população migrante.

O presente estudo procurou conhecer a perceção dos estudantes imigrantes do segundo e terceiro ciclo quanto à sua integração escolar e identificar as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças. Para tal, foi realizado um estudo exploratório, recorrendo à metodologia qualitativa, nomeadamente, a entrevistas semiestruturadas que foram realizadas a 24 professores e a 47 alunos do agrupamento de escolas de Benavente, em articulação com o Centro Local de Apoio ao Migrante (CLAIM) e Câmara Municipal de Benavente (CMB).

Através da análise do conteúdo conseguimos destacar que a maioria dos alunos se sente integrado na escola e o seu acolhimento é realizado de uma forma bastante positiva, dando ênfase a que para se sentirem mais integrados deveriam ser reforçadas as aulas da disciplina de Português Língua não Materna (PLNM). Os professores à semelhança dos alunos também sentiram que a integração destes alunos foi realizada sem grandes conflitos, apesar de haver alguns comportamentos desadequados para com os alunos migrantes, sendo necessário uma intervenção mais integradora.

As dificuldades sentidas por parte dos professores vão de encontro com algumas dificuldades dos alunos, nomeadamente a barreira linguística, que por vezes limita a socialização e consequentemente a integração. A Escola não tem um método/projeto de integração comum, ou seja, cada professor tem a sua forma de acolher e integrar os seus alunos como considera mais vantajosa e melhor para o seu aluno. No entanto, as preocupações de uma integração plena, eficaz e integradora são propósitos comuns da comunidade educativa.

Palavras-chave: Migração; Integração; Educação Intercultural; Diversidade Cultural.

Abstract

In recent years, there has been an increase in migratory flows, due to economic issues, lack of security, political issues and armed conflicts.

With the arrival of new migrants, often accompanied by their families, it is essential to be more concerned about their reception and integration, focusing on the integration of children into the school environment.

For the integration process to be very effective, it is essential to raise awareness among individuals, to encourage integration and avoid conflicts and inappropriate behavior towards the migrant population.

The present study sought to understand the perception of second and third cycle immigrant students regarding their school integration and identify the strategies adopted by teachers to promote children's integration. To this end, an exploratory study was carried out, using qualitative methodology, namely semi-structured interviews that were carried out with 24 teachers and 47 students from the Benavente school group, in conjunction with the Local Migrant Support Center (CLAIM) and Benavente City Council (CMB).

Through content analysis we were able to highlight that the majority of students feel integrated into the school and their reception is carried out in a very positive way, emphasizing that in order to feel more integrated, classes in the subject of Portuguese as a non-native language should be reinforced (PLNM). Teachers, like the students, also felt that the integration of these students was carried out without major conflicts, despite there being some inappropriate behavior towards migrant students, requiring their intervention.

The difficulties experienced by teachers are in line with some of the students' difficulties, namely the language barrier, which sometimes limits socialization and consequently integration. The School does not have a common integration method/project, that is, each teacher has their own way of welcoming and integrating their students as they consider most advantageous and best for their student. However, the concerns of full, effective and integrative integration are common purposes of the educational community.

Key words: Migration; Inclusion; Intercultural Education; Cultural Diversity.

Índice de Abreviaturas e Siglas

AEB - Agrupamento de Escolas de Benavente

AESC - Agrupamento de escolas de Samora Correia

CAIC - Escola Municipal Professor Carmelitas Carvalho Garcia

CLAIM - Centro Local de Apoio ao Migrante

EE - Encarregado de Educação

ENAR - Rede Europeia contra o Racismo

INE - Instituto Nacional de Estatística

OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico ou Econômico

OIM - Organização Internacional para as Migrações

PALOP – Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa

PLNM- Português Língua Não Materna

SEF - Serviço de Estrangeiros e Fronteiras

TR - Título de Residência

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

QNQ- Quadro Nacional das Qualificações

Índice

Resumo	3
Abstract	4
Introdução	10
Capítulo I - Enquadramento teórico.....	13
1.1. Breve contextualização das migrações.....	13
1.2. Integração de migrantes.....	16
1.3. Criança migrante em contexto escolar	21
1.4. Multiculturalidade e diversidade cultural.....	27
1.5. Interculturalidade e educação intercultural.....	29
1.6. As competências culturais.....	31
1.7. Discriminação na escola	32
Capítulo II - Metodologia	36
2.1. Tema	36
2.2. Objetivos.....	37
2.1.1. Objetivos Gerais	37
2.1.2. Objetivos Específicos.....	38
2.3. Tipo de Estudo - instrumentos utilizados	38
Capítulo III - Apresentação, análise e discussão dos resultados	41
3.1. Análise de dados - Professores.....	41
3.1.1. Breve caracterização dos professores	41
3.1.2. Estratégias adoptadas com a chegada de alunos migrantes	45
3.1.3. Medidas de integração promovidas pela escola	46
3.1.4. Maiores dificuldades sentidas pelos alunos	46
3.1.5. Receção dos alunos migrantes	47
3.1.6. A discriminação dos alunos migrantes	47
3.1.7. A diversidade cultural	48
3.1.8. Demonstração de interesse dos EE para com os seus educandos	49
3.1.9. Condições de acolhimento pedagógico e curricular.....	50
3.1.10. Comparação do maior e menor desempenho por parte dos estudantes	51
3.1.11. Condições criadas pela escola para a integração nas atividades escolares.....	51
3.1.12. Iniciativas adotadas pelos professores em contexto de sala de aula.....	52
3.1.13. Iniciativas desenvolvidas para integração no plano curricular e nas atividades escolares.....	52
3.2. Apresentação e Análise de dados - Alunos	53
3.2.1. Breve caracterização dos alunos	53
3.2.2. Maiores dificuldades quando chegam à escola	55
3.2.3. Relações, amigos e receção.....	57

3.2.4. Sentimentos na escola	58
3.2.5. A integração na escola	59
3.2.6. A discriminação em contexto escolar	59
3.2.7. Relação entre alunos e professores	60
3.2.8. Diferenças entre a antiga e atual escola	61
3.2.9. Gosto e tempo dedicado ao estudo	62
3.2.10. Acompanhamento no estudo	62
3.2.11. Relação com os colegas/professores/funcionários	63
3.1.12. Mudanças na escola para que os alunos se sintam mais integrados	64
3.3. Discussão dos resultados	64
Considerações finais	69
Referências bibliográficas	72
Apêndices	79

Índice de Apêndices

Apêndice I - Guião de entrevista aos professores	79
Apêndice II - Guião de entrevista aos alunos.....	81
Apêndice III - Grelha de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos professores.....	85
Apêndice IV- Grelha de análise de conteúdo das entrevistas realizadas aos alunos.....	103

Índice de Figuras

Figura I - N° de alunos nas escolas AESC e AEB.....	36
Figura II - N° de alunos migrantes AEB	37
Figura III - Gráfico Idade	41
Figura IV - Gráfico Género	42
Figura V - Gráfico Habilitações Literárias	43
Figura VI - Gráfico n° de anos a lecionar	43
Figura VII - Gráfico n° de anos a lecionar no AEB	44
Figura VIII - Gráfico n° de alunos de outra nacionalidade/cultura	45

Introdução

Com o fenómeno da globalização, percebeu-se que ao longo dos anos, a migração tem vindo a ter uma expansão significativa. Nos dias que correm, devido ao conflito armado entre a Ucrânia e a Rússia, Portugal considerou-se um dos países que abriu as portas a muitos refugiados com Estatuto de Proteção Temporária. Com o passar do tempo e com o acompanhamento e o desenvolvimento do trabalho que a investigadora tem no CLAIM de Benavente, conseguimos perceber que vários refugiados passaram a ser migrantes e desejam estabelecer a sua vida em Portugal. Uma das nacionalidades de maior significância no concelho de Benavente é a nacionalidade Brasileira que procura melhores condições de vida, alegando também a falta de oportunidades e a insegurança sentida no seu país de origem (CLAIM, 2023).

Através do aumento significativo de migrantes em Portugal, e de acordo com os censos de 2021, registou-se um total de 542 165, representando assim cerca de 5,2% da população residente em Portugal. No ano de 2021 verificou-se ainda que, a maioria dos migrantes vinham da América do Sul com (39,8%), dos quais se destaca os indivíduos de nacionalidade brasileira (INE, I.P., 2022).

Segundo Neto (1986, citado por Ferreira, 2007), o migrante é um indivíduo que tem intenção de ir para outro país durante um período de tempo perspectivado, mas que posteriormente tenciona voltar ao seu país de origem.

Para Hortas (2013), um aluno migrante perante a lei deve ter os mesmos direitos que um cidadão português.

Atualmente estamos perante turmas multiculturais, sendo o multiculturalismo visto como uma medida que demonstra preocupação com as diferenças existentes na sociedade, dando ênfase à questão da aceitação do outro (Caré, 2010). É importante que as crianças sejam sensibilizadas para a aceitação das diferenças que podem surgir a nível cultural, linguístico e das tradições. Para que possamos assim, uma escola inclusiva.

A educação intercultural pode ser identificada como uma forma de ensinar sustentada em princípios e valores com o intuito de impulsionar e garantir o pluralismo cultural na sociedade. Nesta fase a educação tem um grande enfoque para a construção de indivíduos que tenham a consciência de respeitar o outro apesar das suas diferenças culturais através de um diálogo e participando ativamente em três grandes focos: igualdade, crítica e a tolerância (Sales & Garcia, 1997 citado por Vieira, 2011).

Os professores têm também um papel fulcral na educação e na forma como recebem/acolhem e integram os novos alunos, segundo Fonseca (2021), para que essa situação seja realizada de forma positiva é necessário que haja por parte do docente uma capacidade de adaptação perante as

circunstâncias e a realidade de cada aluno, tentando manter e preservar a felicidade desses alunos e tendo presente as necessidades, para que consiga adotar medidas de modo a cativar e integrar o aluno dentro do meio escolar.

Nos dias que correm, existem alguns factores que não permitem a integração e a felicidade de todos os alunos, pois cada vez mais as crianças têm uma capacidade de tentar magoar o outro quer por comportamentos racistas, xenófobos ou mesmo através da prática de *bullying*, algo presente na escola onde a investigação está a ser realizada. O racismo acarreta comportamentos e atitudes de preconceito perante a diferença assim como comportamentos discriminatórios para com os outros alunos (UNESCO, 1978, citado por Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (2022)).

É ainda fundamental fazermos uma pequena análise sobre o conceito de xenofobia, que de acordo com o Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (2022), está relacionado com o racismo.

“A xenofobia contra estrangeiros, particularmente migrantes, refugiados e requerentes de asilo, constitui uma das principais fontes do racismo contemporâneo e que as violações dos direitos humanos contra membros de tais grupos ocorrem, frequentemente, no contexto de práticas discriminatórias, xenófobas e racistas” (Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022, pp.11).

É crucial que se adotem medidas para combater estes casos repugnantes, para que as crianças se sintam acolhidas e integradas, uma vez que para estas já é complicado toda a mudança e se não houver aqui uma preocupação acrescida com o seu desenvolvimento escolar poderá se tornar num problema para a sociedade contemporânea.

Em relação à estrutura deste trabalho no capítulo I, iremos definir os conceitos chave, nomeadamente: Migração; Integração; Educação Intercultural; Diversidade Cultural, fazendo um aprofundamento do tema em questão. Posteriormente no capítulo II serão apresentados os objetivos gerais e específicos.

Com a chegada de novos migrantes surge o propósito de conhecer como os alunos são integrados e acolhidos nas escolas, mais concretamente no agrupamento de escolas de Benavente.

De acordo com o tema selecionado foram definidos os seguintes objetivos gerais: conhecer a perceção dos estudantes migrantes do 2.o e 3.o ciclo sobre a sua integração em contexto escolar e identificar as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças migrantes. E posteriormente indo de encontro aos objetivos gerais, definimos os seguintes objetivos específicos: definir o perfil sociodemográfico de crianças migrantes do 2.º 3.º ciclo no agrupamento de escolas de Benavente; identificar os percursos migratórios das crianças migrantes; conhecer como

foi realizada a integração e acolhimento dos alunos em contexto escolar; identificar práticas de integração promovidas pelos professores e perceber algumas dificuldades sentidas pelos professores no contacto com os alunos migrantes.

Ao longo deste trabalho irá ser utilizada a metodologia qualitativa, que de acordo com Guerra (2014), consiste numa análise onde a grande preocupação não está centrada na questão numérica, mas sim na “1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador” (Guerra, 2014, p. 11).

Após a definição dos objetivos e da metodologia selecionada para a análise iremos analisar os resultados obtidos através da entrevista semi estruturada realizada aos alunos e professores, da qual retiramos as informações mais relevantes para o estudo, sendo feita uma discussão de resultados e apresentadas recomendações.

Numa fase final, no capítulo III, após aplicarmos as entrevistas serão apresentados os resultados obtidos através das mesmas, assim como a análise de resultados, para a obtenção da conclusão de todo o trabalho.

Estão ainda, elencadas as referências bibliográficas, das quais serviram de suporte para a realização de todo o trabalho. Para finalizar, estão os apêndices, que se constituem pelo guião de entrevista aos professores, o guião de entrevista aos alunos, bem como as respostas dadas por ambos.

Capítulo I - Enquadramento teórico

Neste capítulo pretende-se dar a conhecer o tema em geral, os conceitos chave definidos e o seu desenvolvimento. Uma vez definido o tema Acolhimento aos migrantes - Integração das crianças migrantes em contexto escolar, considerou-se fundamental analisar alguns conceitos-chave, nomeadamente o conceito de migração, de integração, educação intercultural e diversidade cultural.

Estes conceitos são fundamentais para a perceção do tema em geral, e ao fazer a pesquisa foi notório o seu envolvimento de um conceito para o outro havendo a necessidade de os interligar para uma compreensão mais eficaz, relacionando sempre com a base de estudo em questão, tentando ir ao encontro e perceber a realidade da migração nas escolas e quais as medidas implementadas para que posteriormente se conseguisse perceber se havia novas visões.

1.1. Breve contextualização das migrações

A palavra “migra” surge no latim “migrãre”, que de forma geral envolve o termo partir/mudar de país ou de local de residência (Ferreira, 2007).

Segundo Trindade (1993), Portugal sempre foi um país de contacto com as diversas etnias e nacionalidades.

De acordo com Góis & Marques (2018), há cerca de 40 anos Portugal era um país mais direccionado para a emigração contando com poucos imigrantes. Sendo que ao longo dos tempos esta realidade tem-se vindo a alterar (Martins, 2015).

Com a Revolução do 25 de abril em 1974, foi sentido um aumento de imigrantes oriundos da África e posteriormente da Europa Central e de Leste, consequência da queda do muro de Berlim (Martins, 2015).

Nas décadas de 80 e 90 houve um aumento substantivo da receita económica, com o surgimento de novas obras o que se tornou apelativo para os migrantes, chegando assim novos fluxos migratórios com o intuito de ocuparem esses cargos (Martins, 2015). Góis & Marques (2018) afirmam que em 1999, sentiu-se um aumento exponencial da população migrante em Portugal.

Por sua vez, no século XXI, a maioria dos migrantes são provenientes do Brasil e da Ucrânia (País de Leste), chegando a Portugal de forma intensa e num curto período de tempo (Góis & Marques, 2018).

De acordo com a OIM, nos últimos 50 anos tem-se registado um aumento significativo de migrações pelo mundo, afirmando que 1 em cada 30 indivíduos são migrante. “The current global estimate is that there were around 281 million international migrants in the world in 2020, which

equates to 3.6 per cent of the global population” (OIM, 2020).

De acordo com os censos, a população estrangeira a residir em Portugal em 1961 era de 106 664 (1,1%), registando um aumento significativo ao longo dos últimos anos, em 2021 registou-se um total de 542 165, representando assim cerca de 5,2% da população residente. No ano de 2021 verificou-se ainda, que a maioria dos migrantes vinham da América do Sul com (39,8%), dos quais se destacam os indivíduos de nacionalidade brasileira, registando-se um total de 199 810, (36,9%) (INE, I.P., 2022).

Segue-se Angola com cerca de 31 556 residentes, Cabo Verde regista 27 144 que diminuiu face a 2011 (38 895), (INE, I.P., 2022)

A maioria da população reside na área metropolitana de Lisboa (46,9%), seguindo-se o Norte com 17,1% e o Centro com 15,5%. (INE, I.P., 2022).

Fazendo uma pequena comparação com o número de filhos por famílias nucleares ou monoparentais, podemos verificar que os portugueses registam 49,9% face aos de nacionalidade estrangeira com 44,5%. A situação contrária encontra-se com famílias com 3,4 ou mais filhos onde os portugueses apresentam uma ligeira diminuição face aos estrangeiros (INE, I.P., 2022).

Os indivíduos com um grau académico superior, nomeadamente licenciatura, mestrado, doutoramento, pós graduações, quando chegam a Portugal tentam junto das faculdades efetuarem o reconhecimento do seu grau académico/habilitações literárias, este processo nem sempre é fácil e por vezes bastante demorado, existem situações em que o indivíduo terá de frequentar algumas disciplinas para poderem obter a equivalência e poderem exercer a profissão em Portugal de uma forma legal.

De acordo com Oliveira (2022), existem dois indicadores fulcrais para que o seu processo de integração e acolhimento na sociedade seja bem-sucedido no país que os acolhe, consiste na educação e na qualificação.

Oliveira (2022), destaca ainda que existem duas grandes razões para que os indivíduos venham para Portugal para completar/ frequentar o ensino português, um dos motivos são as razões educativas que cativam os estudantes a escolherem o nosso país para progredirem a nível académico e a outra grande razão são os menores que vêm acompanhados pelos pais e que tem de se integrar nas escolas portuguesas.

De acordo com Oliveira (2022), entre os anos letivos de 2010/2011 e de 2015/2016 foi registado um decréscimo de cerca de 37% (-21.519) de alunos a frequentar o ensino básico e secundário português. Sendo que este valor ao longo dos anos tem-se vindo a alterar, registando assim, no ano letivo de 2020/2021 cerca de 71.652 alunos matriculados, oriundos de outros países, tendo um aumento de 5,3% em relação ao ano letivo de 2019/2020 (68.018 alunos). Neste ano letivo o 1º ciclo foi o que registou um maior número de alunos matriculados com cerca de 24.993 (34,9%),

o 2º ciclo regista um total de 12.477 (17,4%), sendo este o valor mais baixo de todos os ciclos escolares, o 3º ciclo apresenta cerca de 19.135 (26,7%) alunos e por fim o ensino secundário que regista cerca de 15.047 (21%) alunos.

Ao compararmos com os dados do ano letivo anterior percebe-se que estes não sofreram grandes alterações, o 1º ciclo mantém os 34,9% (23.729), o 2º ciclo tinha cerca de 12.043 (17,7%) alunos, o 3º ciclo contava com 18.530 (27,2%) alunos e para finalizar o secundário registava 13.716 (20,2%) alunos (Oliveira, 2022).

No sistema educativo português, no ano letivo 2020/2021 foram contabilizadas 183 nacionalidades face às 179 registadas no ano letivo anterior. (Oliveira, 2022).

A maioria dos alunos matriculados nas escolas portuguesas são oriundos da América do Sul (maioria do Brasil) com 48,7%, seguem-se os países dos PALOP com 23,3%, da União Europeia registam-se cerca de 9,5%, da Europa de Leste contabilizam-se cerca de 5,7%, da Ásia 8,0% e por fim de outras zonas não identificadas cerca de 5,1%. (Oliveira, 2022).

No concelho de Benavente tem-se vindo a registar um aumento de migrantes, oriundos maioritariamente da Ucrânia devido ao conflito armado e do Brasil devido à falta de segurança e instabilidade sentida (CLAIM Benavente, 2022).

De acordo com os dados fornecidos pelo agrupamento de escolas de Benavente, existem 142 desde o pré- escolar ao ensino secundário.

Numa primeira instância, a United Nations (1953), define que para um indivíduo ser designado como migrante teria de permanecer por um período de doze meses no país estrangeiro. Posteriormente, a United Nations (1998), faz uma diferenciação entre migrante de longa e curta duração, sendo a diferença estipulada pelo limite de doze meses em que o migrante fica ou não no país estrangeiro.

De acordo com Neto (1986, citado por Ferreira, 2007), o migrante é um indivíduo que tem intenção de ir para outro país durante um período de tempo perspectivado, mas que posteriormente tenciona voltar ao seu país de origem.

A maioria dos casos de migrações ocorre pela procura de melhores condições de vida, sendo que os países com um nível de desenvolvimento acrescido acabam por receber um elevado número de migrantes (Hartwig, 2016). Existem ainda, casos em que os indivíduos migram devido a “questões ideológicas, políticas, religiosas, questões de género, desastres naturais, guerras, conflitos, estas são, regra geral, consideradas pessoas refugiadas” (Hartwig, 2016, p. 5).

A Organização Internacional para as Migrações (OIM), define que os migrantes são todos os indivíduos que saem do seu país de origem e vão residir para outro país, sendo importante destacar

que não é considerada a legalidade da pessoa, se a troca é voluntária ou involuntária, quais as motivações que levam a troca, assim como a duração da sua permanência no país que escolheu.

Hartwig (2016) considera que as migrações consistem em movimentos de indivíduos, podendo ser distinguidas através de migrações internas (dentro país) e migrações internacionais (entre países).

1.2. Integração de migrantes

Ao longo dos anos, fruto da migração a diversidade cultural a nível europeu ganha o seu reconhecimento, sendo necessário impulsioná-la e fazer com que seja aceite e respeitada. Para isso foi necessário implementar políticas comunitárias através da publicação de diversos documentos. (Hortas, 2013). Com o intuito de promover a diversidade cultural e a igualdade entre os cidadãos, dando destaque à educação com o intuito de promover a igualdade de todos.

Na Constituição da República Portuguesa são definidos alguns artigos cruciais para este trabalho nomeadamente o artigo 13 que defende o Princípio da Igualdade “Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica, condição social ou orientação sexual (alínea 2). O artigo 15 remete para os Estrangeiros, apátridas, cidadãos europeus, alínea 1 advoga que “Os estrangeiros e os apátridas que se encontrem ou residam em Portugal gozam dos direitos e estão sujeitos aos deveres do cidadão português”. Neste artigo é importante referirmos que todos os cidadãos, incluindo os migrantes que estão a residir em Portugal de forma legal, têm igualdade perante a lei para os direitos de cidadania como direitos cívicos, sociais e económicos tendo a ascensão dos direitos a nível político.

No artigo 26 que remete para os direitos pessoais é importante destacar a alínea 1, que em todos os cidadãos é reconhecido o direito à identidade pessoal, ao desenvolvimento da sua personalidade e de relevância a proteção legal contra todas as formas que possam existir de discriminação.

Na Constituição da República Portuguesa, no capítulo III, onde estão designados os Direitos e Deveres culturais, o artigo 73º remete para a educação, para a cultura e para a ciência, referindo que “Todos têm o direito à educação e à cultura”. O ponto nº 2 destaca que “O Estado promove a democratização da educação e as demais condições para que a educação, realizada através da escola e de outros meios formativos, contribua para a igualdade de oportunidades, a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, o desenvolvimento da personalidade e do espírito de

tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida coletiva”. Neste artigo podemos ainda retirar que “O Estado promove a democratização da cultura, incentivando e assegurando o acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as colectividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais”.

O artigo 74 referente ao ensino, da Constituição da República Portuguesa afirma no ponto 1 que “Todos têm direito ao ensino com garantia do direito à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar”. Ainda neste artigo no ponto 2 destacamos alguns artigos onde o Estado se compromete a “Inserir as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação do ensino e das atividades económicas, sociais e culturais (alínea f), e a Assegurar aos filhos dos emigrantes o ensino da língua portuguesa e o acesso à cultura portuguesa (alínea I), e por fim “Assegurar aos filhos dos imigrantes apoio adequado para efetivação do direito ao ensino”, (alínea j). Através deste artigo conseguimos concluir que todas as crianças/migrantes têm direito a frequentar o sistema educativo português, mesmo que estejam legais ou em processo de regularização ou mesmo ilegais, sendo o processo de regularização nem sempre fácil e os jovens só podem pedir o título de residência a partir do 7º ano.

De acordo com Hortas (2013), nos últimos anos Portugal tem-se vindo a destacar de forma positiva no que se trata à integração e ao acolhimento de cidadãos estrangeiros, fruto das medidas políticas que têm vindo a adotar.

Ferreira (2007), defende que um dos pilares da integração da população migrante deve assentar-se na educação, isto irá fazer com que os indivíduos migrantes se sintam integrados e com direitos igualitários (Ferreira, 2007).

Segundo Oliveira (2022), ao longo dos tempos o conceito de integração foi-se alterando ao ponto de ser consensual, este conceito é visto como um processo multidimensional, apesar de terem sofrido alterações desde o tempo de Lanker, posteriormente em 2010, na Declaração de Zaragoza foram debatidos os diversos indicadores da integração, tendo os definido em quatro pontos, como emprego, educação, inclusão social e cidadania ativa (Oliveira, 2022). Para este trabalho iremos focar no indicador da educação, pois é o indicador mais relevante para o tema definido.

Segundo a OIM (2009), a integração é,

“o processo através do qual o imigrante é aceite na sociedade, quer na sua qualidade de indivíduo quer de membro de um grupo. As exigências específicas de aceitação por uma sociedade de

acolhimento variam bastante de país para país; e a responsabilidade pela integração não é de um grupo em particular, mas de vários actores: do próprio imigrante, do Governo de acolhimento, das instituições e da comunidade” (OIM, 2009, p.34).

De acordo com Peres (2000, citado por Botas, 2017), a integração não deve ser olhada apenas num sentido unidirecional, mas sim bidirecional, “a integração não é uma coisa de um só em que o outro se integra, mas um processo conjunto” (Botas, 2017, p. 34).

Segundo Ramos (2001), a autora afirma que a comunicação deve ser vista como um progresso que proporciona a integração, pois é através da comunicação que podemos refletir sobre os contactos com os indivíduos bem como as “relações entre o ser humano e a própria sociedade e a sociedade e a cultura” (Ramos, 2001, p. 157).

A criança é “todo o ser humano menor de 18 anos, salvo se, nos termos da lei que lhe for aplicável, atingir a maioridade mais cedo”¹ (art.º 1 da Convenção dos Direitos da Criança). De acordo com o relatório desenvolvido pela Undesa e a OCDE (2013), podemos afirmar que o conceito migratório é bastante complexo, dada a dificuldade na harmonização da metodologia e das informações expostas bem como superar a dificuldade de perceber de onde vêm os migrantes, onde se situam e contabilizar o nº exato de migrantes que chegam aos países.

Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, o artigo 26º visa que “toda a pessoa tem direito à educação”, independentemente da sua condição social,

“Não existe força transformadora mais poderosa do que a educação para promover dignidade e direitos humanos, para erradicar a pobreza e aprofundar a sustentabilidade, bem como para construir um futuro melhor para todos, com base em igualdade de direitos e justiça social, respeito pela diversidade cultural, solidariedade internacional e responsabilidade partilhada: aspectos fundamentais da nossa humanidade comum” (Irina Bokova, diretora-geral da UNESCO, 2016, p. 15).

Para ser criança migrante tem de ter menos de 18 anos e estar a residir fora do seu país de origem. São diversos os factores que podem afetar as experiências vividas pelas crianças migrantes, nomeadamente, as questões ligadas à idade com que migram, se o fazem sozinhas ou acompanhadas, se até ao momento tenham vivido sem os pais e regressam para outro país para junto dos pais (reagrupamento familiar), a condição socioeconómica e sentimentos de pertença ou de discriminação que possam sentir.

¹ Adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas a 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal a 21 de Setembro de 1990 (Resolução da Assembleia da república nº 20/90).

Segundo Ramos (2007), com o aumento circunstancial de migrações e do reagrupamento familiar em Portugal, houve um crescimento significativo de crianças e jovens em idade escolar, tendo um valor significativo no contexto educacional.

O reagrupamento familiar pode ser solicitado junto do SEF, através do artigo 98º nº2, por um indivíduo que queira trazer para Portugal um familiar seu, desde que ao titular deste direito já lhe tenha sido concedido o Título de Residência.²

Na perspetiva de Botas (2017), Portugal é considerado um país facilitador na entrada das crianças recém chegadas de outros países no sistema educativo, uma vez que dá a possibilidade de frequentarem o ensino e tentando que não desistam. Os desafios surgem na chegada à escola uma vez que os alguns professores não têm a capacidade de aproveitar/expandir os conhecimentos que esses alunos trazem e colmatar as dificuldades.

A educação também é um fator facilitador para os menores se legalizarem em Portugal obtendo o título de residência, sendo que para essa obtenção terão de frequentar o 3.º ciclo ou o ensino secundário (a partir do 7.º ano até ao 12.º ano), poderiam assim solicitar junto do SEF a autorização de residência através do artigo 92.º - “Autorização de residência para estudantes do ensino de níveis de qualificação 4 ou 5 do QNQ ou profissional”³.

De acordo com a UNESCO (1994), a inclusão presume que esteja disponível uma resposta pedagógica para todas as crianças/alunos, tendo um ambiente propício ao desenvolvimento das suas capacidades.

Nos últimos anos as migrações têm desencadeado algumas questões e desafios para a população residente, como a gestão da multidimensionalidade das diferenças (OIM, 2022). Segundo a Organização para as Migrações (2022), a gestão da multidimensionalidade das diferenças revela-se um dos paradigmas fulcrais para a integração, pois esta foca-se em incentivar com o intuito de obter uma maior coesão social possível, conseguindo assim, proporcionar uma boa integração da população migrante.

Um dos desafios com que os migrantes se debatem é a questão da comunicação que acaba por influenciar a interação entre os indivíduos, Wood e Landry (2008, citado por Costa 2015), defendem a existência de duas teorias, a da “*culture-distance hypothesis*” (distância cultural) e a “*similarity-*

² Solicitar Residência em Portugal - Residir em Portugal e Reagrupar Família (Art.º 98º, N.º 2 – Reagrupamento Familiar, Com Familiar em Território Nacional).

³ Solicitar Residência em Portugal - Estudar em Portugal. (Art.º 92º – Autorização De Residência Para Estudantes Do Ensino Secundário, De Cursos De Níveis de Qualificação 4 ou 5 do QNQ ou de Cursos de Formação Profissional).

attraction” (atração-similitude), estas teorias enaltecem a perceção de como a comunicação tem uma influência na vida das pessoas (Wood e Landry 2008 citado por Costa, 2015 p. 59-60). A junção das duas teorias implementam que ao existir uma distância entre uma cultura e a outra, dependendo do seu nível de diferença, quanto maior for, maior será o desafio para ultrapassar as diferenças culturais (Costa, 2015, p. 59-60). Como forma de não se submeterem a estes desafios, as pessoas acabam por dar preferência à convivência laboral e tratam-na na escola e lideram tendo algum tipo de apoio com aqueles que têm características iguais ou maioritariamente semelhantes às suas (Costa, 2015, p.59-60).

De acordo com Ramos (2009), as populações migrantes confrontam-se com alguns desafios para o seu acolhimento e integração nos países recetores, nomeadamente relacionados com “factores psicológicos, socioeconómicos, culturais e políticos, que enviam ao próprio estatuto social, económico e jurídico do indivíduo de origem estrangeira na sociedade de acolhimento, às suas redes sociais e de suporte e às atitudes e políticas da sociedade de acolhimento” (Ramos, 2009, p. 14).

Ramos (2009), revela ainda que os migrantes se defrontam com alguns constrangimentos e que têm de se adaptar e tentar-se incorporar através de estratégias que devem definir a nível linguístico, a nível das novas regras culturais e sociais com que se deparam no novo país, para que consiga ultrapassar qualquer dificuldade entre a cultura da comunidade que o acolhe e a sua cultura de origem.

A autora Ramos (2001), defende que o conceito de comunicação nos países ocidentais é um dos valores fulcrais (XVI- XVII) este conceito está destacado a vários tipos e evoluções desde a tecnologia, a compreensão, e ainda há forma de não discriminar a mulher e o homem e as culturas existentes (Ramos, 2001).

A mesma autora defende a comunicação como omnipresente, ou seja, está representada nas nossas, englobando todas as sociedades, do qual marca a diferença através da “pluralidade e pluri - interculturalidade” (2001, p. 157).

A comunicação provém do latim “communicare”, partilhar a sua opinião, trocar ideias, conferenciar, sendo que o facto de as pessoas estarem a comunicar tem um propósito, isto é, existe a troca de informações (Pinheiro, 2005). Para Ramos (2001), para existir a comunicação é necessário que haja um emissor ativo para transmitir a informação pretendida e um recetor passivo para a rececionar sendo que ambos terão de se envolver formando assim um diálogo que gera um conjunto de interações/retroações comunicativas entre os membros.

Para Ramos (2001), a comunicação está presente em todas as pessoas independentemente da sua condição, reproduzindo-se na vida social e nos espaços sociais de cada ser humano, como no seio

familiar, no meio escolar, nos hospitais, nos locais de trabalho, quer seja em fábricas, empresas, cafés, ou seja onde existam duas ou mais pessoas e onde existe um motivo para haver comunicação.

A comunicação ao longo dos anos tem vindo a alterar-se nas diversas áreas, sendo a globalização, as mais diversas transformações ao social e cultural, todas elas fruto do avanço tecnológico que tem sido notório especialmente nas últimas décadas (Ramos, 2001).

1.3. Criança migrante em contexto escolar

De acordo com Hortas (2013), podemos assumir, de acordo com a lei,

“que um aluno migrante é um cidadão com direitos e estatutos iguais aos cidadãos nacionais, motivo pelo qual não encontramos na legislação referente ao acesso ao sistema de ensino português, assim como nos documentos produzidos pelo Ministério da Educação, uma definição de "aluno imigrante" (Hortas, 2013, p. 57).

De acordo com Oliveira (2022), os fluxos migratórios têm vindo a aumentar fruto da chegada dos alunos migrantes aos diversos países que escolhem para serem acolhidos (Oliveira, 2022).

Segundo a autora, recorrendo aos dados da EUROSTAT, nos anos de 2020 e 2021, da UE27, a Irlanda é o país que se destaca na primeira posição como já tem sido hábito de anos anteriores com o maior número de alunos a escolher este país para progredir nos seus estudos, alunos estes que recorrem através da autorização de residência para estudantes. Portugal no ano de 2012 atingiu os 26% tendo tido um total acima da média europeia, tendo vindo ao longo dos anos a perder essa distinção (Oliveira, 2022).

Segundo Oliveira (2022), são diversos os estudos internacionais que fazem referência aos alunos que migram para outros países com o intuito de progredirem os seus estudos, onde a sua integração no sistema educativo e nos estudos tem sido vista como problemática. Estes alunos estão sujeitos a alguns desafios/dificuldades como a questão da aprendizagem da língua do país de acolhimento, as regras estabelecidas nos institutos, os objetivos que têm sobre o ensino, que podem colocar em causa os seus resultados académicos.

É importante destacar que os alunos migrantes têm algumas condicionantes, como mencionadas acima, no entanto os piores resultados dependem na maioria da sua condição socioeconómica (Oliveira, 2022).

No ano de 2015 Portugal destacou-se por ser o país em que os resultados entre os alunos migrantes e os alunos nacionais foram mais semelhantes, ou seja, houve uma redução de resultados. (Oliveira, 2022). Portugal foi eleito o país que conseguiu de uma forma positiva alcançar bons

resultados e equilibrados nas diversas áreas de ensino entre os alunos imigrantes e os não migrantes, sobretudo na melhoria de resultados dos alunos migrantes, entre os anos de 2006 e 2015 (Oliveira, 2022). De uma forma geral, podemos aferir que estas melhorias tenham sido fruto de algumas políticas educativas adotadas pelo país ou mesmo mudanças que tenham ocorrido nos alunos que migraram e escolheram o sistema educativo português para os acolher (Oliveira, 2022).

Em 2018, na edição de Pisa, em Portugal foi notória uma ligeira diminuição face ao ano de 2015 em que os resultados foram superiores. Contudo na edição Pisa de 2019, Portugal destacou-se e apresentou valores um pouco superiores em relação à média da OCDE, em diferentes disciplinas como as ciências, leitura e a matemática. Esta edição destaca ainda que Portugal é ainda um dos poucos países a ter esta subida de resultados nas três disciplinas (Oliveira, 2022).

Botas (2017), afirma que nas últimas décadas devido aos fluxos migratórios que têm ocorrido, a escola acaba por ser uma zona de encontros multiculturais, designando as salas de aula como salas multiculturais, onde existe um grande interesse em aprofundar a diversidade na educação, revelando os interesses e a personalidade de cada criança/jovem, as diferentes formas e o ritmo com que cada um aprende, a motivação sentida.

Na Declaração de Salamanca (1994), ficou estabelecido no artigo 7, que o grande foco de uma escola inclusiva é que todos os alunos aprendam juntos, sem ter em conta as dificuldades e diferenças de cada criança/jovem. Defende ainda que as escolas inclusivas, “devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respetivas comunidades (Declaração de Salamanca, 1994, pp. 11-12).

De acordo com Araújo (2008), é fundamental que a educação seja um mecanismo para promover a capacidade de compreensão e intervenção entre as diversas culturas, promovendo o respeito pela diversidade cultural e incutindo a ideia de que a pluralidade deve ser vista de forma positiva, tornando-se num enriquecimento para todos os indivíduos. Araújo (2008), destaca ainda, a necessidade de existir uma educação que estimule o acolhimento e a integração, sendo abrangível a todas as idades, desde crianças a adultos. Segundo a autora, a escola é um local de partilha e onde é promovida a integração e o acolhimento dos migrantes na sociedade. Araújo (2008), refere que Portugal é um país de migrantes, onde é notória a diversidade cultural, sendo a escola o órgão de referência e a base para a multiplicidade cultural e fomentar a comunicação entre as diversas línguas.

No ano 1986, foi criada a lei de Bases do Sistema Educativo, no qual a escola foi dos primeiros setores a desenvolver ações com o intuito de promover/resolver os diversos desafios que a diversidade cultural acarreta. Após estas ações de sensibilização, a integração das crianças/jovens migrantes nas

escolas desenvolveu-se de uma forma bastante favorável. Foram desenvolvidos vários projetos como o Secretariado Coordenador dos Programas da Educação Multicultural (Entreculturas,1991), tendo como objetivo promover a diversidade cultural e reforçar as medidas de intervenção da inclusão social em parceria com o programa Escolhas (Estrela, 2014).

No II Plano para a Integração dos Imigrantes (2010-2013), são consideradas algumas medidas fulcrais para a integração das crianças migrantes em contexto escolar, sendo estas:

- “Formação para a interculturalidade na formação contínua de professores;
- Definição e implementação de recomendações para a constituição de turmas equilibradas e adequação das estratégias das escolas no acolhimento dos alunos estrangeiros e descendentes de imigrantes;
- Diversificação das ofertas educativas e formativas;
- Integração de agentes de mediação intercultural em contexto escolar no âmbito do Programa Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP);
- Acesso de estudantes estrangeiros aos apoios da ação social escolar, em todos os graus de ensino;
- Divulgação dos recursos pedagógicos interculturais junto das escolas; apoio ao acolhimento e integração de estudantes estrangeiros e descendentes de imigrantes e a iniciativa ”SEF vai à Escola” no âmbito da regularização documental dos imigrantes menores” (Martins 2008, citado por Estrela, 2014, p. 25).

Se há uns anos a sociedade repugnava as diferenças culturais, atualmente as culturas são vistas como um todo sem que nenhuma seja superior à outra, considerando que a diversidade cultural tornou-se benéfica para a transformação das sociedades.

De acordo com Eurydice (2004, citado por Hortas, 2013), podemos identificar que um aluno migrante é aquele que vem de outro país, podendo ser um país europeu ou não, e os progenitores decidiram entre si irem para outro país pelas diversas razões , como a questão da guerra em que é pedido o estatuto de proteção temporário, ou em busca de melhores condições de vida, podendo estes serem imigrantes legais em processo de regularização junto do SEF ou ilegais.

Nos dias que correm as migrações estão presentes na nossa sociedade, face a estas mudanças é fundamental acolhermos o outro de forma coesa (Lourenço, 2021). De acordo com Vasconcelos (2019, citado por Lourenço, 2021), a hospitalidade encontra-se no topo das migrações que acontecem devido ao clima, aos desastres ambientais e aos conflitos armados. Lourenço (2021), afirma que é urgente termos empatia e conseguirmos colocarmo-nos na situação do outro. “E se fosse eu? E se eu estivesse noutro país ou comunidade diferente onde se falasse outra língua, se não tivesse a mesma religião, a mesma cultura? Estamos a falar de acolher para integrar e principalmente incluir” (Lourenço, 2021, p.15).

Em 2013, Hortas desenvolveu um caso de estudo designado como: “Educação e imigração: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa”. Este

estudo tem como finalidade compreender a dimensão dos alunos imigrantes nas escolas da Área Metropolitana de Lisboa e analisar os seus processos de integração em Portugal, através de um estudo realizado em três agrupamentos de escolas no centro de Lisboa (Bairro Alto à Graça), (Hortas, 2013).

O estudo está direcionado para os alunos, as famílias e a escola, tentando compreender e perceber a imagem e as expectativas que os alunos e as suas famílias têm acerca do percurso escolar e ao contrário entender as expectativas que as escolas sentem com estes alunos (Hortas, 2013).

Através deste caso de estudo, foram detetados alguns constrangimentos, por parte dos imigrantes, nomeadamente:

- “falta de conhecimento sobre os direitos e deveres no acesso ao sistema de ensino por parte das famílias;
- desconhecimento das instituições que prestam apoio no acesso à educação;
- falta de informação sobre a organização dos ciclos de ensino e respetivos planos de estudo, por parte das famílias;
- dificuldades de comunicação, por desconhecimento da Língua Portuguesa, por parte dos alunos e respetivas famílias” (Hortas, 2013, pp. 171-172).

A autora destaca ainda, sentimentos sentidos pelas escolas, que referem a existência de:

- “dificuldade de comunicação com algumas famílias, por desconhecimento da língua dos países de origem;
- falta de contacto com as famílias que não se deslocam à escola;
- fraca capacidade de mobilização das famílias para a escola;
- pouca abertura à comunidade e às instituições locais;
- ausência de uma política de mobilização da comunidade escolar numa perspetiva de interação e conhecimento mútuo;
- dificuldade em encontrar respostas adequadas à diversidade de alunos, no plano curricular;
- falta de pessoal docente com competências específicas para o ensino da língua portuguesa a alunos de origens diversas;
- ausência de formação dos docentes para gerir turmas com alunos de origens diversas e diferentes níveis de proficiência linguística;
- falta de sensibilidade de alguns docentes para a diversidade existente no grupo-turma” (Hortas, 2013, pp. 171-172).

Para finalizar, a autora realizou questionários e entrevistas para compreender as práticas de acolhimento por parte das escolas, dos quais concluiu que:

- “os alunos imigrantes acedem à escola em situações de igualdade com os nativos, como está definido na legislação em vigor;
- os recém-chegados são integrados nas turmas atendendo às características das mesmas e à presença de alguns colegas com a mesma origem, por vezes é tido em conta o conhecimento que têm da língua portuguesa;
- aos alunos imigrantes é garantido um apoio específico na aprendizagem da língua portuguesa, contudo este é considerado insuficiente pelos diretores das escolas e pelas famílias;
- os diretores das escolas e docentes manifestam algum desacordo com a forma como é feita a integração dos alunos recém-chegados, sugerindo que exista uma situação intermédia que possibilite aos alunos a frequência de um curso intensivo de língua portuguesa e algumas aulas/tempos na turma onde são integrados;

- os alunos imigrantes são integrados nos projetos dinamizados pelas escolas em situação de igualdade com os nativos;
- as famílias imigrantes são acolhidas nas escolas como as restantes, não havendo práticas de acolhimento específicas para estas;
- os professores revelam ter dificuldades em recorrer a práticas pedagógicas diferenciadas para acolher todos;
- a formação de professores no domínio da educação intercultural e do ensino da Língua Portuguesa como língua não materna é uma necessidade sentida por alguns, mas não se generaliza à maioria;
- os alunos imigrantes, à semelhança dos nativos, constituem um grupo heterogéneo no que respeita aos conhecimentos, atitudes e comportamentos perante a escola, sendo diagnosticadas diferenças entre grupos de origens geográficas distintas, no seio de cada grupo e, em função da sua área de residência. A especificidade dos comportamentos associa-se a expectativas diferentes face à escola, à predisposição para a aprendizagem de determinados conteúdos, à facilidade de comunicação, às atitudes e valores e ao sucesso escolar;
- as situações de indisciplina que surgem na escola são comuns a todos os alunos, não sendo mais frequentes entre os alunos imigrantes” (Hortas, 2013, pp. 173-174).

Recentemente, em 2021, foi realizado um estudo, designado *Entre culturas: Olhares sobre a integração e inclusão em contexto social e escolar numa cidade dos Alpes Franceses*. Segundo Lourenço (2021), esta destaca dois objetivos gerais, que consistem em compreender os processos de integração e inclusão das famílias migrantes e das suas crianças em contexto social e escolar, assim como reconhecer e dar a entender a importância da mediação intercultural para a integração e inclusão (Lourenço, 2021).

A autora faz a sua análise com cinco famílias migrantes que escolheram ir residir para França, focando a sua análise no contexto familiar, no contexto social, nos desafios/dificuldades, e na relação escola-família (Lourenço, 2021).

No contexto familiar, de forma geral, as famílias adiam o regressar a Portugal uma vez que os filhos possivelmente continuaram as suas vidas em França, estas famílias continuam a ter relação com o seu país de origem, mantendo as tradições portuguesas (Lourenço, 2021). É notório o apego dos pais para com os seus filhos e naturalmente que querem estar presentes na sua vida futura, especialmente na etapa em que numa família nuclear irão chegar os netos, e aí mais do que nunca os avós terão um papel crucial na educação e no carinho para os menores.

No contexto social, a autora refere que os inquiridos realçam como aspeto positivo o facto de se sentirem integrados. Em relação à língua, os alunos apesar de em casa comunicarem em português na escola não apresentam dificuldades (Lourenço, 2021). Naturalmente é fundamental em casa a família manter a língua materna, e na escola terem o intuito de incentivar as crianças oriundas de outros países a aprenderem a língua não materna para haver uma integração de destaque.

Os inquiridos, de acordo com a autora, revelaram alguns desafios/dificuldades, nomeadamente a adaptação à língua francesa, na escola as crianças sentem-se integradas (Lourenço,

2021). No entanto um dos constrangimentos sentidos era o conhecimento da língua francesa, no entanto não se tornava impedimento para a sua integração escolar.

Na relação escola-família, de forma geral existe uma boa relação entre a escola e os pais, destacando o bom acompanhamento, quer em casa quer pelos professores (Lourenço, 2021).

De acordo com Ferreira, (2007) existem vários obstáculos para a integração das crianças migrantes destacando alguns pontos-chave como as questões linguísticas e culturais das crianças. Para que as mesmas se sintam plenamente integradas é fundamental que seja introduzida uma educação intercultural e multicultural, onde haja conversas entre as crianças, convívios com o intuito de descodificar as diferenças e integrá-las na sociedade respeitando sempre cada cultura (Ferreira, 2007, p.29).

De acordo com Leandro (2006, citado por Ferreira 2007, p.29), "os imigrantes integrar-se-ão tanto melhor quanto a sociedade onde vivem, seja capaz de lhes abrir as portas sem reservas e palmilhar, conjuntamente, caminhos de proximidade, em suma forjar laços sociais consistentes entre as diversas partes envolvidas".

De acordo com Peres (1999, p. 167, citado por Ferreira, 2007, p. 35),

"As práticas escolares monolíngues e as representações e atitudes negativas, por parte da escola e da comunidade, em relação a outras línguas diferentes da dominante, contribuem para que as minorias sub valorizem a sua própria língua, diminuindo a sua auto-estima e auto-confiança".

De modo a combater essas desigualdades é fundamental que o papel do professor seja o mais político, e seja correto com ambas as culturas não fazendo distinção entre alunos (Ferreira, 2007).

Em relação à barreira linguística, será essencial que a escola e a família trabalhem em conjunto para que a criança possa desenvolver as competências linguísticas do país onde reside. Segundo Ferreira (2007), os dois grandes impulsionadores para a familiarização com a língua não materna (português) é o sistema educativo e a família do aluno.

De acordo com Rodrigues (2013, citado por Fonseca, 2021), nos dias que correm ainda existe discriminação nas escolas, apesar de que ao longo dos anos ter-se vindo a melhorar e a preparar melhor as crianças para aceitarem a diferença. Uma das questões que a autora faz referência é que as crianças têm tendência a reproduzir os comportamentos dos adultos, e se estes têm comportamentos discriminatórios isso irá influenciar o comportamento da criança, reproduzindo essa discriminação perante os colegas na escola.

1.4. Multiculturalidade e diversidade cultural

Para que possamos falar da interculturalidade é fundamental analisarmos o que é a multiculturalidade sendo que se não existisse a multiculturalidade não seria questionada a interculturalidade (Vieira, 2011).

Para Cortesão & Pacheco (1991), o conceito multicultural remete para a existência de diversas culturas na sociedade e ao qual se pretende entender/perceber as suas especificidades.

A multiculturalidade é “una situación de hecho, la situación real de una sociedad con varios grupos culturales que mantienen la suficiente cohesión entre ellos de acuerdo con un cierto número de valores y normas” (Sabariego, 2002, p. 74). Sabariego (2002) refere que é através do conceito de multiculturalidade que se desvenda a heterogeneidade cultural de uma forma clara e sem preconceito respeitando as minorias, sendo que a falta de interação entre as minorias e as maiorias disputa atitudes de reprovação para com as minorias.

Para Candau (2008), devemos ter presente que o multiculturalismo não nasceu nas universidades e esta é uma luta com que se deparam os grupos sociais que são discriminados e excluídos da sociedade.

Segundo Candau (2008), o conceito de multiculturalismo deve ser diferenciado em duas abordagens, a descritiva que defende que é um traço da sociedade atual e a prescritiva sugere que seja reconhecida a diferença, com o intuito de se certificar que as diferentes culturas se expressam.

De acordo com Vieira da Silva (2008 citado por Caré, 2010), o multiculturalismo tem o intuito de refletir sobre o choque entre as diversas culturas, desenvolvendo assim uma reflexão ponderada nas situações de desigualdades e opressões vividas ou experiências pelos indivíduos, salientando a importância de reivindicar os direitos humanos, a igualdade de oportunidades, ressaltando ainda que é fundamental que o respeito pela diferença seja estabelecido entre os vários tipos de diferenciação, nomeadamente em termos de linguagem, da educação, da religião, presenciada por cada indivíduo, etc.

O conceito de multiculturalismo destaca-se pela sua preocupação para com a diferença nas diversas situações de vida vivenciada pelos indivíduos, iniciando na questão da aceitação por parte da sociedade e a forma como é identificado e resolvido todo o problema construído a partir de alguma diferença que possa surgir, ao longo do acolhimento, utilizando um quadro ideológico que serve de orientação para as práticas, dando assim, resposta às situações sociais elencadas (Caré, 2010).

Segundo Cortesão & Pacheco, numa primeira abordagem podemos afirmar que a interculturalidade consiste em vivenciar a cultura de outro indivíduo, tendo por base a “criação da igualdade de oportunidades supõe o conhecimento/ reconhecimento de cada cultura, garantindo,

através de uma interação crescente, o seu enriquecimento mútuo" (Cortesão & Pacheco, 1991, p. 34).

A interculturalidade é vista como a diversidade cultural, dando ênfase a que cada cultura tem a sua própria identidade, sendo importante ter um sentido de abertura para com outras culturas de modo a que as relações possam vir a ser complementares (Bracons, 2018).

Segundo Birzea, (2003 citado por Vieira, 2011), em síntese a multiculturalidade é vista como “um estado natural da sociedade, que apenas pode ser diversa” e a interculturalidade “é reconhecida por relações recíprocas e pela capacidade das entidades de construir projetos comuns, assumir responsabilidades partilhadas e construir identidades comuns” (Birzea 2003 citado por Vieira 2011, p. 8).

Segundo Wood & Landry (2008 citado por Costa, 2015), advogam que de modo algum o interculturalismo pode ser "imposto a partir de cima" (Costa, 2015, p. 62). É fundamental que haja um esforço por parte de todos os cidadãos para que haja a curiosidade em conhecer o outro e as suas diferenças para que seja assim possível encontrar um equilíbrio, que só se consegue alcançar se lhes forem impostas condições com intuito de alcançarem o grande objetivo (Costa, 2015).

Costa (2015), afirma ainda, que o interculturalismo não faz referência à diversidade cultural como forma de favorecer a cultura que está representada em maioria, pelo contrário opera de modo a que seja a partir da diversidade que nasça algo novo e coerente que se possa alargar a todos os cidadãos naquela área geográfica. De acordo com Costa (2015), só existe a possibilidade desta questão ser concretizada se houver a facilidade de o interculturalismo se distanciar de uma forma coesa daquilo que Walsh (2003), defende como o "tratamento antropológico da tradição folclórica" que consiste em valorizar as comunidades que estão em minoria através de uma política de representação que tem com o objetivo de enaltecer e firmar os designados estereótipos (Walsh, 2003 citado por Costa, 2015, p. 62).

Segundo Garcès (2009, citado por Costa, 2015), o interculturalismo recorre a um conjunto de práticas que têm como função fomentar o conflito assim como a resistência notória com o intuito de alcançar espaços de poder que até ao momento não eram reconhecidos, devido a esta questão o autor refere que o mesmo não poderá ser visto apenas como aspeto de “tolerância da alteridade”. Sendo o interculturalismo político visto como um espaço de troca de ideias geradoras de mudança e conflito, não sendo assim visto como uma troca de “harmonia” ou de pacificidade (Garcès, 2009 citado por Costa, 2015, p. 62).

Segundo Ramos (2009), nos últimos anos tem sido notório o aumento da diversidade cultural sendo esta uma consequência do aumento de migrantes que são acolhidos nos países recetores escolhidos para refazerem a sua vida.

De acordo com a Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural (2001), o artigo 2º faz referência ao pluralismo cultural e à diversidade cultural, destacando que é relevante contribuir de forma sustentável para que as relações sejam as mais pacíficas possíveis entre as comunidades com identidades culturais plurais. Sendo também fulcral adotarem políticas que promovam a inclusão destes indivíduos para que se alcance a coesão social.

Segundo Giroux (1993), o importante não é adotar os ideais que os indivíduos “diferentes a nós”, mas sim termos a “obrigação” de aceitar a diferença e respeitar os valores que todos os seres humanos defendem.

A pluralidade cultural é o contato entre pessoas de diversas culturas são características essenciais do nosso tempo. Portugal é hoje, “de maneira cada vez mais perceptível, um sítio de encontros, no qual se encontram pessoas de diversas culturas, de religiões, de histórias de vida e de identidades” (Bracons, 2018, p.11).

De acordo com a UNESCO (2009), a diversidade cultural é um facto, uma vez que se constata a existência de várias culturas numa sociedade identificadas diretamente através de observações etnográficas, sendo que existem características dentro de uma comunidade que não são visíveis numa primeira instância. Fruto do avanço da globalização é possível verificar que essas diferenças estão a ser diminuídas, os seres humanos estão assim a ganhar consciência sobre esta realidade tão importante nos dias de hoje, apesar de ainda estar longe do ideal.

A UNESCO (2009), reforça a importância de que é fundamental transmitir a todos os seres humanos que a diversidade cultural não deve ser apenas preservada, mas acima de tudo deve esta ser promovida, especialmente junto de domínios que têm um afastamento significativo com o conhecimento estrito sobre o conceito de cultura (UNESCO, 2009).

De acordo com Bracons (2018), a diversidade não deve ser vista apenas como uma forma de diferenciação, mas destacando o enriquecimento mútuo entre os indivíduos, sendo a partir da diferença que nasce o pluralismo.

1.5. Interculturalidade e educação intercultural

De acordo com Dietz & Cortés (2011 citado por Romero, 2017), com o surgimento de sociedades multiculturais contemporâneas, foi imprescindível criar modelos discursivos preparados por atores sociais e instituições educativas com o intuito de combater a adversidade da diversidade cultural em contexto educativo, realçando alguns pontos-chave, nomeadamente,

- “a) Educar para assimilar ou compensar: este modelo educativo promove um processo unidirecional de adaptação cultural dos alunos, ou seja, sua assimilação à cultura hegemônica, desconsiderando as diferenças existentes no contexto educativo.
- b) Educar para diferenciar ou biculturalizar: o qual se baseia no pluralismo cultural e estabelece que todas as comunidades autodeclaradas étnica e/ou linguisticamente distintas, têm o direito a uma educação específica.
- c) Educar para tolerar ou prevenir o racismo: foi considerado como um modelo que consiste numa das primeiras tentativas de interculturalização educativa, pois tinha como objetivo fomentar, entre os diferentes setores dos alunos, o respeito e a tolerância mediante a formação de valores, atitudes de solidariedade e comunicação humana.
- d) Educar para transformar: consiste em “empoderar” o outro. No entanto, corre o mesmo risco de produzir atitudes paternalistas, já que tem como base os princípios filosóficos do multiculturalismo crítico. e) Educar para interagir tem um princípio crítico, no entanto, dá maior ênfase no conjunto de educandos, não somente nas minorias étnicas. A tarefa pedagógica neste modelo, consiste não somente em tematizar a heterogeneidade excludente na sala de aula, mas principalmente aproveitá-la para gerar entre os alunos mecanismos intergrupais de formulação, negociação e resolução de conflitos.
- f) Educar para capacitar/fortalecer: está mais diretamente ligado aos movimentos multiculturalistas institucionalizados, é fortemente influenciado pela educação popular latino-americana e nas suas estratégias de conscientização dos grupos oprimidos acerca das possibilidades de transformação. É fortemente marcado pelas lutas e ações para a obtenção de cotas de participação política que se opõem às injustiças sociais.
- g) Educar para descolonizar: é um modelo mais característico de países latinoamericano e combate o modelo educativo unidirecional que promove a assimilação e a integração nacional” (Dietz & Cortés, 2011, citado por Romero, 2017, p.14-15).

Na visão de Romero (2017), este modelo não vai fazer face às dificuldades sentidas pela população migrante sugerindo a formulação de um novo modelo educativo.

A educação intercultural deve ser pensada de acordo com a cultura e toda a diversidade envolvente no que toca à integração (Vieira, 2011).

De acordo com Sales & Garcia (1997, citado por Vieira 2011), a educação intercultural pode ser caracterizada como uma fórmula de ensino e de aprendizagem que está fomentada em valores, crenças com o objetivo de impulsionar e garantir o pluralismo cultural na sociedade. Onde a educação tem um especial enfoque na construção de pessoas que respeitem as várias culturas com que se vão deparando ao longo das suas vidas, a partir do diálogo e participando ativamente no melhoramento da sociedade que tem como base três princípios fulcrais: igualdade, crítica e a tolerância.

A educação intercultural, de acordo com González (2013), é uma educação para todos, isto é deve abranger todos os estudantes independentemente das suas características, para que todos se sintam integrados, aprendendo a identificar e respeitar as diferenças entre si. A educação intercultural tem como finalidade dar resposta à diversidade cultural das sociedades contemporâneas, a partir de premissas que reconheçam o pluralismo cultural, dentro do sistema educativo (González, 2013). O

mesmo autor afirma que a educação intercultural é um mecanismo para chegarmos à educação inclusiva.

Segundo González (2013), são destacados alguns objetivos que as crianças e jovens devem reter, tais como:

- “actitudes de respeto a las culturas diferentes a la propia.
- Mejorar el autoconcepto personal, cultural y académico del alumnado.
- Potenciar la convivencia y la cooperación entre el alumnado culturalmente diferente.
- Potenciar la igualdad de oportunidades académicas en todos los alumnos y alumnas” (González, 2013, p. 155).

De acordo com Ford, 1898 citado por Cortesão & Pacheco 1991, a educação multicultural é

“a educação que se empenha na criação de um meio educacional no qual os estudantes de uma variedade de grupos microculturais (i.e., raça, etnia, gênero, classe social e excepcionalidade) tem a experiência da igualdade educacional” (Cortesão & Pacheco, 1991, pp. 34).

1.6. As competências culturais

No trabalho com a diversidade cultural e com pessoas com especificidades culturais, é necessário desenvolver competências específicas, que denominados de culturais. De acordo com Bracons (2018), as competências culturais são designadas pela “capacidade de compreender, comunicar com eficácia e interagir com as pessoas oriundas de culturas diferentes e a capacidade de integração cultural e de transformação dos conhecimentos sobre os indivíduos, grupos de pessoas em normas específicas, políticas, práticas, atitudes culturais utilizadas em configurações adequadas para aumentar a qualidade dos serviços, produzindo assim melhores resultados” (Bracons, 2018, p. 16).

Segundo Bracons & Leiva, (2019), a competência cultural foca-se em proporcionar,

“uma atitude de motivação, a descoberta de conhecimento do mapa cultural próprio e do outro, a avaliação do desafio implicado no esforço de adaptação mútuo, o desenvolvimento de capacidades de interação eficaz e adequada em contextos diferenciados” (Bracons & Leiva, 2019, pp. 85).

O Serviço Social é uma das profissões que lida diretamente com o desafio iminente da interculturalidade, devendo ter presente a competência intercultural na forma como comunica e intervém com o migrante. O facto de o profissional não deter esta competência cultural pode colocar em causa a sua atuação, nomeadamente, defender e auxiliar a população (Bracons & Leiva, 2019).

A competência cultural, de uma visão geral, suporta-se na forma como o indivíduo se

relaciona com seres humanos de diferentes culturas, favorecendo um diálogo na base do respeito e no entendimento da cultura da pessoa em questão, promovendo uma intervenção eficaz (Bracons & Leiva).

Para que a competência cultural atinja o grande objetivo é necessário que seja desenvolvida a “capacidade de mentoring, coaching, aprendizagem transformadora ou sentido de negociação” (Bracons & Leiva, 2019, p. 86).

Para que a intervenção seja eficaz, o profissional terá de passar por três etapas fulcrais na sua intervenção, sendo estas: o descentramento; a descoberta do quadro de referência do outro e a negociação.

É ainda fundamental abordarmos as questões pedagógicas e como é vista a educação intercultural dos docentes, sendo uma questão bastante importante na sociedade. De acordo com Canen (1996 citado por Fonseca, 2021), esta autora destaca que existem várias perspetivas teóricas para introduzir a competência pedagógica na formação base do próprio docente. Segundo Mello (1982) e Candau (1991 citado por Fonseca, 2021), afirmam que os docentes devem seguir no contexto sociocultural em educação, introduzindo a competência de neutralidade quer ao nível das técnicas quer nas habilidades que teriam de adotar ao ensino.

Para que a integração e o acolhimento do aluno seja feito de forma eficaz e que acarrete a felicidade do mesmo é necessário que o docente se adapta a realidade do aluno quer este seja migrante ou tenha algum défice cognitivo, é fundamental que o professor esteja atento às exigências dos seus alunos para que os consiga cativar e possa criar estratégias de integração dentro da sua turma (Fonseca, 2021).

De acordo com Salomão (2007 citado por Fonseca, 2021), ao longo do tempo o autor considera que é fundamental o docente adotar o papel de mediador dentro da sua turma, impulsionando os seus alunos a irem ao longo do tempo desenvolverem as suas competências.

Cabe ao docente o papel de observador para que aja da forma mais correta com aquela criança através da precessão que terá sobre os seus interesses e assim cativá-la e adaptar medidas para promover a melhor aprendizagem, garantindo assim uma integração de sucesso (Salomão, 2007, citado por Fonseca, 2021).

1.7. Discriminação na escola

Segundo o Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (2022), o conceito de racismo em Portugal nasce através de uma publicação francesa (*Revue Blanche*), em 1902. Ao longo dos anos podemos constatar que o termo racismo se

veio a generalizar, constatando-se atos de discriminação, apoiados na separação que foi desenvolvida pela sociedade, nomeadamente na diferenciação em raças, etnias colocando em causa uma hierarquia de superioridade

“o racismo inclui as ideologias racistas, as atitudes preconceituosas, o comportamento discriminatório, disposições estruturais e práticas institucionalizadas que resultam na desigualdade racial, assim como na noção falaciosa de que as relações discriminatórias entre grupos são moral e cientificamente justificáveis; encontra-se refletido em disposições discriminatórias, na legislação ou regulamentação e em práticas discriminatórias, bem como em crenças e atos antissociais; dificulta o desenvolvimento das suas vítimas, perverte quem os pratica, divide as nações internamente, impede a cooperação internacional e dá origem a tensões políticas entre os povos; é contrário aos princípios fundamentais de direito internacional e, conseqüentemente, perturba gravemente a paz e a segurança internacionais” (UNESCO, 1978, citado por Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022, pp.9).

Existe ainda a importância de nos focarmos no conceito de xenofobia, sendo este um conceito muito próximo do conceito de racismo.

“A palavra xenofobia tem origem no termo xeno-, do grego ksénos, que significa, convidado, estrangeiro, estranho, e -fobia também deriva de um palavra grega, no caso, fóbos que exprime a noção de medo patológico ou aversão” (Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022, pp.10).

De acordo com a declaração de Durban (2012 citado por Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022), podemos afirmar que o conceito de xenofobia não tem uma definição universal, contudo a mesma pode ser vista como um conjunto de comportamentos desempenhados pelos seres humanos perante outra pessoa, como o intuito de inferiorizar, rejeitar difamar, sendo que normalmente ocorre com pessoas de outras nacionalidades.

De acordo com a declaração supramencionada a mesma garante que,

“a xenofobia contra estrangeiros, particularmente migrantes, refugiados e requerentes de asilo, constitui uma das principais fontes do racismo contemporâneo e que as violações dos direitos humanos contra membros de tais grupos ocorrem, frequentemente, no contexto de práticas discriminatórias, xenófobas e racistas”(Alto Comissariado para as Migrações,

I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022, pp.11).

Segundo a ENAR, os grupos que mais sofrem com estes comportamentos são: as pessoas de etnia cigana, pessoas negras, pessoas muçulmanas e migrantes.

De acordo com Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (2022), existem diversos tipos de discriminação, focando-nos na discriminação em razão da Língua. Esta consiste na discriminação pela barreira linguística, acabando por colocar em causa a forma como as pessoas falam ou escrevem a sua língua não materna, sendo alvo de discriminação.

De uma forma generalizada, o bullying acarreta todas as formas de intervir para com o outro com intenção de magoar repetidamente, não só no nível psicológico, demonstrando atitudes agressivas (Monteiro, 2012). Este tipo de comportamentos repugnados, desenvolvidos pelo agressor podem causar muitas consequências na vida das vítimas (crianças/jovens), nomeadamente sintomas ou crises de ansiedade, a negação de ir à escola, pode contribuir para uma baixa auto estima, podem surgir dificuldades na sua interação perante as outras crianças/jovens (Monteiro, 2012).

De acordo com Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial (2022), para que uma escola seja inclusiva a mesma pode adotar algumas medidas de combate a qualquer tipo de preconceito nomeadamente:

- “a) Implementação de um plano anual estratégico de prevenção da discriminação que inclua iniciativas diferenciadas para os vários níveis de ensino e para os diferentes grupos da comunidade educativa (campanhas de sensibilização, debates, atividades artísticas, desportivas ou outras), e ainda que envolva a comunidade educativa (incluindo pessoal docente e não docente e famílias) no seu desenho e implementação, organizações públicas ou privadas, associações ou personalidades “porta-voz”. O plano pode e deve estar integrado no Projeto Educativo da escola;
- b) Definição de uma estratégia de “alerta permanente” que permita conhecer a intensidade do fenómeno na escola e a sua gravidade, através de meios de auscultação da comunidade educativa e de propostas de ação;
- c) Criação de um grupo de trabalho com representantes de profissionais, alunos/as e famílias, com o objetivo de apoiar e monitorizar as medidas, procedimentos e ocorrências;
- d) Disponibilização de diferentes formas de comunicação de ocorrências que sejam simples e acessíveis a todos os elementos da comunidade educativa;
- e) Divulgação de procedimentos de atuação perante situações de discriminação que

- incluam profissionais preparados/as, respostas eficazes e consequentes;
- f) Monitorização e análise das situações reportadas, de forma a caracterizar os/as principais destinatários/as, causadores/as e especificidades das situações;
 - g) Revisão dos regulamentos internos e de outros documentos reguladores da prática, com o objetivo de incluir e/ou explicitar a intencionalidade da não tolerância a quaisquer atos de discriminação, incluindo discriminação por razão de cor de pele, etnia, cultura, religião, nacionalidade ou língua, assinalando as respetivas consequências;
 - h) Explicitação no código de conduta dos/as profissionais da escola dos comportamentos adequados e não adequados dirigidos a grupos minoritários (código de conduta antirracista);
 - i) Divulgação impactante, informativa e inclusiva sobre as várias medidas que compõem a política de combate e prevenção da discriminação racial, abrangendo todos os espaços da escola e adaptada aos diferentes grupos que compõem a comunidade educativa (p. ex. considerar a tradução nas várias línguas presentes na escola);
 - j) Definição de uma estratégia de sensibilização e de formação para pessoal docente¹⁶ e não docente que inclua desenvolvimento de competências interculturais, gestão de conflitos, educação intercultural, prevenção e combate à discriminação racial, reflexão e revisão de procedimentos e documentos internos (ex. nos processos de admissão na escola, na forma como recebem alunos/as ou famílias na portaria, no atendimento telefónico, na secretaria, bar ou cantina) ” Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, 2022, pp. 22-23).

Capítulo II - Metodologia

De modo a compreender o presente estudo, é de extrema relevância apresentar a forma como a investigação foi estruturada e desenhada. Neste capítulo iremos abordar os objetivos gerais e específicos e o tipo de estudo utilizado para a obtenção dos resultados. Recorreu-se à metodologia qualitativa sendo utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, na qual foi aplicada junto dos professores selecionados e dos alunos. Por fim, iremos dar ênfase à análise e discussão dos dados.

2.1. Tema

O tema escolhido para o presente estudo foi o Acolhimento aos migrantes- Integração das crianças migrantes em contexto escolar, tendo como intuito conhecer como é realizada a integração/acolhimento da criança migrante em contexto escolar.

Numa fase inicial e para dar início ao projeto, tivemos de definir uma pergunta de partida, a qual definimos como: Qual a perceção dos estudantes migrantes de 2º e 3º ciclo quanto à sua integração em contexto escolar e quais as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças migrantes?

Definimos como localização para a recolha de informação, o concelho de Benavente, ao qual o agrupamento de escolas se disponibilizou para participar neste estudo. Foi feita uma sondagem no concelho para perceber quais as escolas que iríamos selecionar para a amostra.

Agrupamento	Escola	Número de alunos
AEB	Centro escolar de Benavente	226
AEB	EB1/ JI Nº1 de Benavente	228
AEB	EB1 /JI Nº 2 de Benavente	103
AEB	JI Nº3 de Benavente	36
AEB	EB1 de Santo Estêvão	50
AEB	JI de Santo Estêvão	39
AEB	EB1/ JI Foros da Charneca	28
AEB	EB 2º3 Duarte Lopes de Benavente	536
AEB	Escola Secundária de Benavente	776
AESC	Centro escolar de Samora Correia	266
AESC	EB1 das Acácias	180
AESC	EB1 Fonte dos Escudeiros	141
AESC	JI Prof. António José Ganhão	112
AESC	JI da Lezíria	45
AESC	Centro Escolar do Porto Alto	277
AESC	JI Nº1 do Porto Alto	65
AESC	EB 2º3 Fernandes Pratas de Samora Correia	692
AESC	EB 2º3 do Porto Alto	583
	TOTAL	4383

Figura I - Nº de alunos nas escolas por AESC e AEB

O quadro I é referente ao número de escolas e de alunos por escola no concelho de Benavente do AESC e do AEB, do pré-escolar até ao ensino secundário.

Ciclo	Nº de alunos	Nº alunos com PLNM
Pré-Escolar	13	0
1º ciclo	39	10
CEF (EB Duarte Lopes)	3	0
2º ciclo (EB Duarte Lopes)	15	3
3º ciclo (EB Duarte Lopes e Escola Secundária (9ºano))	30	4
Secundário (Escola Secundária de Benavente)	16	7
Profissional (Escola Secundária de Benavente)	26	3
Total	142	27

Figura II - Nº de alunos migrantes AEB

O quadro acima mencionado é referente aos alunos migrantes no agrupamento de escolas de Benavente, do qual recolhemos como amostra, o 2º ciclo, onde estão matriculados 18 alunos migrantes, dos quais 3 frequentam a disciplina de Português língua não materna. Do 3º ciclo temos como amostra 34 alunos dos quais 4 frequentam a disciplina de Português língua não materna. Este quadro é referente ao 1º semestre do ano letivo 2022/2023, sendo que neste momento poderá ter aumentado o nº de alunos.

Como era de esperar, o número de alunos efetivamente aumentou, contando com a participação de 47 alunos migrantes, dos diferentes anos letivos mencionados.

2.2 Objetivos

Para Serrano (2008), os objetivos "São os propósitos que se pretendem alcançar com a execução de uma ação" (Serrano, 2008, p. 24). A autora destaca ainda que os mesmos têm de ser claros, realistas e pertinentes. Sendo que os mesmos podem ser diferenciados em duas categorias, os objetivos gerais e os objetivos específicos, devendo ser elaborados de maneira precisa para que o seu entendimento seja o mais esclarecido possível.

2.1.1. Objetivos Gerais

Segundo Marconi & Lakatos, o objetivo geral é aquele que se envolve em todo o tema definido. Este relaciona-se com o "conteúdo intrínseco, quer dos fenómenos e eventos, quer das ideias estudadas" (2003, p. 219). O objetivo geral acaba por estar ligado de forma direta ao próprio objetivo

de estudo. Por sua vez, de acordo com Espinoza (1986 citado por Serrano, 2008), este afirma que "São aqueles propósitos mais amplos que definem o quadro de referência do projeto" (Serrano, 2008, p.45).

Tendo em conta o tema escolhido foram definidos como objetivos gerais os seguintes:

- Conhecer a perceção dos estudantes migrantes do 2º e 3º ciclo sobre a sua integração em contexto escolar;
- Identificar as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças migrantes.

2.1.2. Objetivos Específicos

De acordo com Serrano (2008), podemos referir que os objetivos específicos contrariamente aos objetivos gerais têm um carácter mais concreto, e reconhecem de uma maneira mais concreta para atingir a execução do projeto. Os objetivos específicos “inserem-se dentro dos objetivos gerais, sendo estes mais restritos e precisos face aos gerais” (Serrano, 2008, p. 46).

Após a definição dos objetivos gerais foram definidos os seguintes objetivos específicos:

- Definir o perfil sociodemográfico de crianças migrantes do 2º e 3º ciclo no agrupamento de escolas de Benavente;
- Identificar os percursos migratórios das crianças migrantes;
- Conhecer como foi realizada a integração e o acolhimento dos alunos em contexto escolar;
- Identificar práticas de integração promovidas pelos professores;
- Perceber algumas dificuldades sentidas pelos professores no contacto com os alunos migrantes.

2.3. Tipo de Estudo - instrumentos utilizados

A estratégia metodológica adotada para o presente estudo, que se traduz num trabalho empírico e exploratório, com o intuito de investigar como é realizado o acolhimento/integração das crianças migrantes em contexto escolar e como os professores se sentem nesta realidade, recorreu ao instrumento de investigação qualitativa onde foi aplicada a entrevista semiestruturada, aos professores através da aplicação google forms, no qual os professores responderam de forma livre às questões colocadas. Também foi aplicada a entrevista semiestruturada a uma amostra de alunos migrantes do 2º e 3º do AEB.

“A palavra "metodologia resulta da combinação das palavras m3).éthodos (do grego, organização) e lógos (do grego, palavra, estudo, razão), ou seja, é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou um estudo” (Reis, 2010, p. 5).

Como referido, para a realização do estudo em questão recorreremos à metodologia qualitativa. Nos dias que correm ainda existe uma disputa entre qual a metodologia que se deve adoptar, sendo que os positivistas defendem que devemos nos guiar pela metodologia quantitativa, uma vez que a qualitativa é subjetiva e não científica, pois não apresenta resultados em função numérica (Guerra, 2014).

Guerra (2014) defende que “para os adeptos da pesquisa qualitativa, o estudo da experiência humana deve ser feito entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentidos” (Guerra, 2014, p. 12). Sendo que estes acabam por criticar a abordagem positivista uma vez que colocam em causa o facto de não haver uma especial atenção pela essência do objeto em estudo, colocando em causa se a mesma poderá ser considerada científica.

“O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2008 citado por Guerra, 2014, p. 14).

Segundo Reis (2010), para darmos início à investigação com o intuito de darmos resposta aos desafios selecionados, numa fase inicial tentamos recorrer a conceitos considerados importantes para a perceção do problema, sendo que ao longo do projeto recorreremos a diversas técnicas de investigação para solucionar a questão.

Segundo Guerra (2014), a abordagem qualitativa destaca-se pela tentativa de compreender as ações desenvolvidas pelos indivíduos ou grupos no seu dia-a-dia ou no seu contexto social. A abordagem qualitativa contrariamente à quantitativa não se preocupa com questões numéricas, mas sim com: “1) a interação entre o objeto de estudo e pesquisador; 2) o registro de dados ou informações coletadas; 3) a interpretação/ explicação do pesquisador” (Guerra, 2014, p. 11).

Lakatos e Marconi (2017), afirmam que a entrevista é um encontro entre dois indivíduos com o intuito de um dos indivíduos recolher informações sobre o outro referente a um assunto estipulado, através de uma conversa de cariz profissional. Esta técnica é recorrente na investigação social a fim de ajudar na obtenção de dados e auxiliar no diagnóstico social (Lakatos & Marconi, 2002).

Segundo Reis (2018), é relevante possuir um plano de entrevista para que ao longo do discurso todas as informações pretendidas sejam adquiridas. A entrevista permite que o entrevistador e o

entrevistado estabeleçam uma relação de modo a facilitar o acesso à informação, estando esta ligada à investigação qualitativa (Reis, 2018).

Na perspetiva de Reis (2018), a entrevista semiestruturada é composta por um conjunto de questões abertas e fechadas derivadas do quadro teórico definido, neste caso a obtenção de informação sobre as estratégias/ medidas para a integração das crianças migrantes em contexto escolar. Ao longo da entrevista, o entrevistador segue aleatoriamente a sua linha de raciocínio, tendo sempre em consideração o seu quadro teórico (Reis, 2018). Recorremos ainda à análise de conteúdo categorial após a realização das entrevistas semiestruturadas, das quais foram lidas as respostas dadas pelos alunos e pelos professores, para posteriormente ser feita a análise de todas as respostas para chegarmos ao resultado esperado e indo de encontro com os objetivos traçados.

Capítulo III - Apresentação, análise e discussão dos resultados

Neste capítulo será apresentado o estudo, onde será retratada a análise dos resultados das entrevistas semiestruturadas realizadas aos 24 professores selecionados do agrupamento de escolas de Benavente, e posteriormente será apresentada a análise de conteúdo das entrevistas aos alunos do 2º e 3º ciclos selecionados. Para terminar irá ser apresentada uma breve discussão onde serão comparadas as respostas dos professores com as dos alunos, a fim de percebermos as necessidades e fraquezas sentidas por ambos os elementos do estudo, com o intuito de aferir se vão de encontro uns com os outros.

3.1. Análise de dados - Professores

3.1.1. Breve caracterização dos professores

Com a aplicação da entrevista semiestruturada, através do google forms, aos professores do agrupamento de escolas de Benavente que lecionam no 2º e 3º ciclo e que na sua turma têm alunos oriundos de outros países, como do Brasil, Moldávia, Ucrânia, Paquistão, Chile, França e de Angola, podemos perceber, através do gráfico, que a idade dos professores que lecionam neste agrupamento varia entre os 28 anos e os 63.

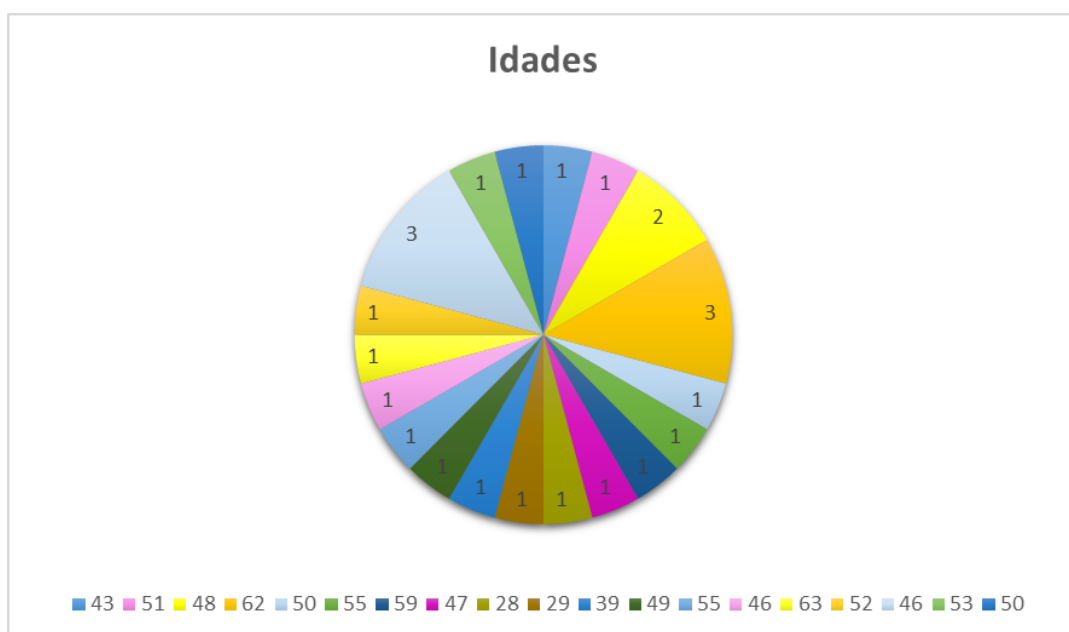


Figura III - Gráfico Idade

Podemos aferir através do gráfico que quanto ao género, predomina o género feminino com 19 professoras e apenas 5 professores do género masculino.

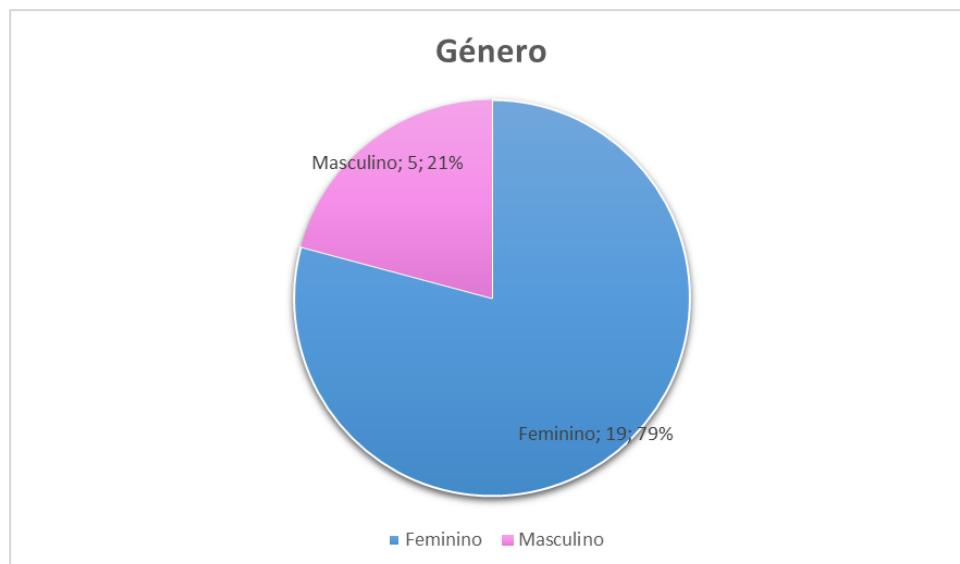


Figura IV - Gráfico Género

Relativamente às habilitações literárias, podemos verificar que a maioria dos professores tem apenas a licenciatura, alguns têm mestrado, assim como pós-graduações em diversas áreas, sendo interessante destacar que nenhum aufere algo relacionado com a questão da integração de alunos migrantes.

Podemos concluir que dos 24 professores entrevistados, 16 têm a licenciatura, 6 têm licenciatura mais mestrado na sua área de ensino e 2 têm a licenciatura mais uma pós-graduação. Um dos professores (P23), afirma ter Licenciatura em Ensino de Português e francês, outro dos professores (P7), tem a Licenciatura em Ensino - Port/Ing e pós-graduação em Avaliação e por fim o professor (P19) tem Licenciatura em Engenharia e especialização em Informática e programação de bases de dados.

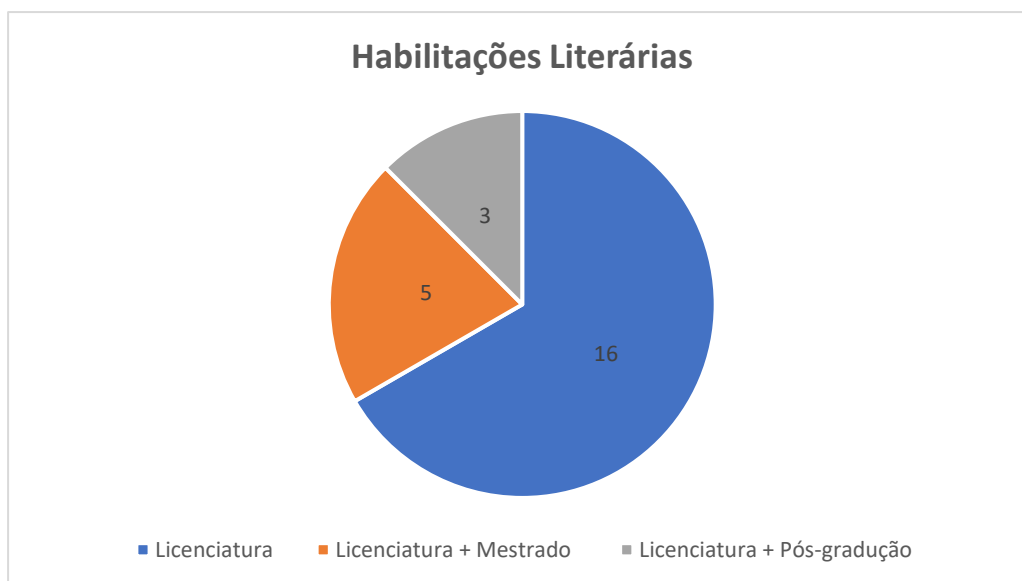


Figura V - Gráfico Habilitações Literárias

Foi questionado o número de anos a lecionar ao qual concluímos que, existem 3 professores lecionar há 2 anos, sendo estes os mais recentes, 2 professores lecionam há 14 anos, 2 dos 24 professores lecionam há 18 anos, 2 lecionam há 20 anos, 1 leciona há 21 anos, 2 há 23 anos, 2 há 25 anos, 1 há 27 anos, 2 há 28 anos, 1 há 29 anos, 1 há 32 anos, 3 há 33 anos, 1 há 39 anos e por fim 1 há 40 anos.



Figura VI - Gráfico nº de anos a leccionar

Outra questão dirigida aos professores consistia em saber há quantos anos leciona no agrupamento de escolas de Benavente, conseguindo apurar que dos 24 professores, 5 lecionam há 1 ano, 5 lecionam há 2 anos, 1 leciona há 3 anos, 1 leciona há 4 anos, 1 leciona há 5 anos, 1 leciona há 7 anos, 1 leciona há 8 anos, 1 leciona há 11 anos, 1 leciona há 16 anos, 1 leciona há 18 anos, 1 leciona há 23 anos, 1 há 29 anos, 1 há 33 anos e o professor mais antigo no agrupamento leciona há 35 anos.



Figura VII - Gráfico nº de anos a lecionar no AEB

Com base no gráfico podemos afirmar que 1 professor tem 25 alunos de outra nacionalidade/cultura, 5 professores têm 4 alunos, 1 professor tem 35 alunos, 2 professores têm 5 alunos, 3 professores têm 3 alunos, 1 professor tem 13 alunos, 3 professores têm 7 alunos, 2 professores têm 10 alunos, 4 professores têm 2 alunos, 1 professor tem 24 alunos e por fim 1 dos 24 professores tem 12 alunos.

Os professores afirmam que no total existem 197 alunos de outra naturalidade/cultura nas suas direções de turma.

Podemos concluir que dos 197 alunos, a grande maioria é de nacionalidade Brasileira com cerca de 87 alunos. Segue-se a nacionalidade Ucraniana com 24 alunos, 15 alunos são de nacionalidade Paquistanesa, 31 de nacionalidade Angolana, 5 de nacionalidade Romena, 3 de nacionalidade Francesa, 7 de nacionalidade Moldava, 9 de nacionalidade Chilena, 16 de nacionalidade Chinesa.

Número de alunos de outra nacionalidade/cultura

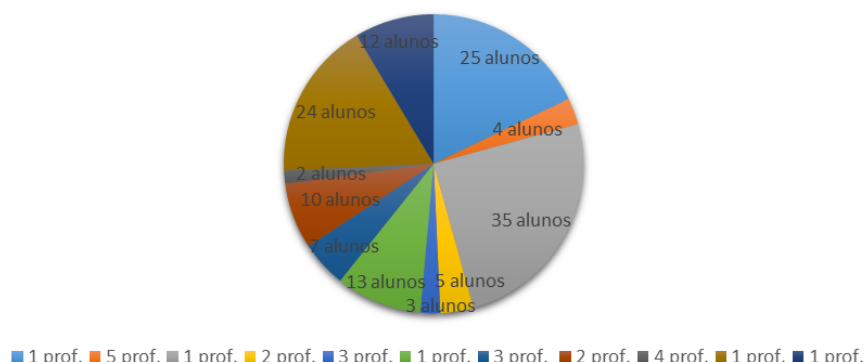


Figura VIII - Gráfico nº de alunos de outra nacionalidade/cultura

3.1.2. Estratégias adoptadas com a chegada de alunos migrantes

Outra questão colocada aos professores consistia em saber se com a chegada de alunos migrantes sentiram a necessidade de adotar alguma estratégia, e nesta questão conseguimos obter uma grande variedade de medidas, 6 professores (P7, P8, P13, P18, P21 e P123), afirmaram que não sentiram necessidade de adotar nenhuma estratégia em particular para com estes alunos. Os restantes professores afirmaram ter adotado outras estratégias, tais como refere o P15 “proporcionei diferenciação pedagógica, dei aulas de apoio extra, integrei-os em grupos de trabalho, procurei saber quais os seus interesses e motivações promovendo atividades que já conheciam fazendo-os sentir “orientados”, juntar alunos das diferentes nacionalidades com os alunos portugueses de forma a se ajudarem mutuamente e promover uma melhor integração entre eles. Outra das medidas que alguns professores adotaram (P3, P8, P13, P22 e o P24), foi recorrer ao encaminhamento dos alunos especialmente de nacionalidade ucraniana para a disciplina de português língua não materna, para que tenham um melhor acompanhamento e para que seja possível de uma forma mais individual aprenderem a língua portuguesa. Um dos professores (P11) afirmou que “As estratégias de intervenção e integração dos discentes variam de acordo com as dificuldades sentidas pelos mesmos. Com a escola a dar uma resposta distinta para cada caso, assim, se um(a) aluno(a) tiver dificuldades cognitivas, diversas adaptações ocorrerão ao nível de estratégias a implementar em sala de aula e, em casos extremos, poderá ocorrer uma análise mais simplificada das aprendizagens essenciais (AE). Se um discente possuir problemas relativos ao seu bem-estar pessoal e emocional, poderá ser encaminhado para os serviços de psicologia”.

3.1.3. Medidas de integração promovidas pela escola

De seguida, tentou-se perceber se havia a necessidade de a escola promover medidas de integração para acolher os alunos oriundos de outras nacionalidades, ao qual a maioria dos professores considera que sim, o P5 em particular afirma que “a necessidade varia de aluno para aluno”.

O P11 afirma que “especialmente na fase de adaptação ao novo meio, felizmente, a maioria dos jovens e crianças têm uma maior facilidade em adaptar-se a meios distintos”.

Um dos professores P15 destaca que as escolas têm tido a preocupação com a integração dos alunos migrantes, promovendo atividades. Outro dos professores, neste caso o P20 defende que deveriam ter “horas de apoio para recuperação de aprendizagens e acompanhamento individualizado e/ou em pequeno grupo”.

3.1.4. Maiores dificuldades sentidas pelos alunos

Outra das questões colocadas consistia em perceber quais as maiores dificuldades sentidas, a esta questão a maioria dos professores (P1,P2, P3, P4, P5, P6, P7,P8, P10, P13, P14, P16, P22 e P24), o P11 afirma que a maior barreira é a língua, a comunicação e a sua interpretação, “A língua pode ser uma barreira, mesmo no caso de alunos brasileiros, dado que o uso de expressões quotidianas pode não ser compreendido. As diferenças culturais também são um fator de segregação, bem como a diferença étnica, que se faz sentir com maior prevalência em regiões menos urbanizadas, onde "o diferente" induz desconfiança nos pais e alunos, que caso não seja combatida, é convertida num medo irracional”. Um dos professores (P8) destaca a questão da adequação a um novo ambiente escolar (novas regras, funcionamento da escola em geral). O P9 diz que “estratégias de aprendizagem diferentes para eles apreenderem os conteúdos”. Há um professor (P16) que afirma “sinto que a maior dificuldade é mesmo o facto de sentir que os alunos não estão focados nas aprendizagens e considera-os pouco responsáveis”.

Outra dificuldade afirmada por um professor (P24) foi a questão da assiduidade dos alunos. O P1 afirma que existe “a necessidade de não falantes frequentarem as aulas em língua portuguesa e a dificuldade em prestar um apoio mais individualizado, devido à dimensão dos grupos-turma”.

Com base nestas afirmações conseguimos concluir que a barreira linguística é um dos grandes problemas que acaba por afetar a interpretação da comunicação e consequentemente a sua aprendizagem dos conteúdos programados.

3.1.5. Receção dos alunos migrantes

Na questão, “sente que os alunos migrantes foram bem recebidos pelos colegas ou existiu algum conflito”, praticamente todos os professores (P1, P2, P3, P4, P5, P7, P9, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22, P24), consideraram que todos os alunos foram bem recebidos, não tendo existido qualquer tipo de conflito entre os alunos. P6 afirma que “foram bem acolhidos pelos colegas de turma e alguns docentes. Outros mostraram-se desagradados com a sua integração nas suas turmas porque isso lhes traria trabalho acrescido”. O P10 considerou que “não, do que observo, vejo que os colegas tentaram integrar o colega estrangeiro da melhor forma”.

Um dos professores (P13) considerou que os alunos realmente foram bem recebidos pelos colegas que demonstraram especial preocupação com os alunos ucranianos devido ao conhecimento de eles virem devido ao conflito armado do seu país. O P17 destaca que “sim, foram bem acolhidos embora fosse necessário algum trabalho de sensibilização relacionado com o acolhimento a alunos provenientes de outros países”.

É importante destacar o que um dos professores menciona (P1) “foram bem recebidos, mas tive que desenvolver algum trabalho de sensibilização com a sua turma para os consciencializar falando sobre a diversidade cultural, a importância do respeito pela diferença de modo que estes alunos acolheram os novos alunos de forma digna, sem preconceito”. Um professor (P8), afirma que “na minha direção de turma existiu um caso de *bullying* entre quatro alunos para com um aluno de nacionalidade estrangeira, sendo que os alunos foram chamados à atenção tendo tido uma conversa com a turma toda, de forma a sensibilizar e consciencializar a turma inteira sobre esses maus comportamentos, que afetam o desenvolvimento do aluno”.

3.1.6. A discriminação dos alunos migrantes

Outra questão colocada foi se os docentes sentiram que existiu algum tipo de discriminação para com os alunos migrantes, dos quais 21 professores sentiram que não sentiram qualquer tipo de discriminação dentro das suas direções de turma, (P1, P2, P3, P4, P5, P7, P9, P10, P12, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22, P23, P24) Um dos professores (P2) contou que “senti que discentes de etnia negra foram os mais submetidos a comentários racistas, algo não tolerante dentro e fora de sala de aula. Em termos de contraste, os alunos ucranianos foram os mais acarinhados pelos alunos (provavelmente devido à questão da guerra entre a Ucrânia e a Rússia)”.

O P7 afirma que não tem conhecimento de que tenha ocorrido algum caso com os seus alunos”.

De modo geral, a maioria afirma que não existiram conflitos e que todos os alunos foram bem acolhidos e integrados. Apesar de haver algumas exceções e é nessas que a escola se tem de focar de modo a combater comportamentos desadequados e que proporcionem conflitos e mau estar para os alunos que chegam ao nosso país.

3.1.7. A diversidade cultural

Foi ainda, questionado se os docentes se sentem preparados para a diversidade cultural e quais são os benefícios que veem da diversidade, houve um professor que considera que estão preparados, no entanto sente que nem sempre o espaço/tempo de aula permite um melhor aproveitamento dessa diversidade. Outro docente (P2), afirma que “Sim estão. A diversidade introduz diferentes metodologias. O P3 destaca que “sim”. O maior enriquecimento cultural e a possibilidade de partilhas interculturais”. O P5 destaca “o contacto entre culturas com o consequente enriquecimento de perspectivas entre os alunos”.

Um dos 24 professores, o P6 afirma que “não, de todo. Depois há os que se interessam em aprender, mas a maioria tem de ser constantemente chamados à atenção sobre o trabalho que têm de desenvolver. Não adequam atividades e mantém os alunos nas salas sem tarefas destinadas”. Temos ainda o depoimento de outro professor (P7), que afirma que “ainda não existe por parte de todos os docentes, mas que hão-de chegar a esse nível, se continuarem o bom trabalho que têm desenvolvido ao longo dos anos”. Este docente considera ainda que “os benefícios são relativos ao enriquecimento pessoal com as diferenças culturais inerentes a cada nacionalidade e respetivas tradições as quais podem ser incluídas no trabalho com as turmas em diversas atividades/disciplinas”.

Outra resposta interessante, que se obteve através do P9, e que poderá gerar algum conflito, é a questão de os docentes se sentirem preparados para intervir com a diversidade cultural presente nas suas salas de aula, mas a forma como o ensino em Portugal está estruturada é que não está.

Foi ainda possível perceber que um dos professores (P11), “penso que os docentes têm de estar sempre preparados para o fator mudança, o ensino não é imutável. Penso que a maioria dos meus colegas estarão preparados para um aumento da diversidade cultural. Poderá ser uma mais valia na troca de ideias e enriquecimento cultural, contudo, poderão existir alguns pontos onde as diferenças culturais poderão ter impacto em certas áreas (ex. Biologia e estudo do aparelho reprodutor; História e a emancipação da mulher; e estudo da Cidadania), contudo, através do diálogo sobre estas questões, as aulas poderão ser mais interessantes e até mais produtivas”.

Outro depoimento importante a destacar é o do P17, “penso que há muito a fazer nomeadamente no que toca à questão dos costumes trazidos por estes alunos, bem como ao da questão da língua, nomeadamente ao nível da língua estrangeira, atendendo a que muitos não falam uma

segunda língua que lhes permita comunicar. Também ao nível da avaliação se levantam muitas dúvidas e questões. A diversidade na escola é uma mais-valia, uma forma de aprendermos todos sobre o mundo em que vivemos porque permite a partilha de conhecimento, de vivências”.

Outro dos professores, P21, destaca que “estão preparados, no entanto, nem sempre o espaço/tempo de aula permite um melhor aproveitamento dessa diversidade”.

Nesta situação existem várias respostas mas a maioria sente-se preparada para a diversidade cultural apesar de ver várias condicionantes para que seja aproveitado da melhor forma a questão da diversidade cultural em contexto escolar.

3.1.8. Demonstração de interesse dos EE para com os seus educandos

Uma das questões colocadas era se os pais/encarregados de educação demonstram interesse no percurso escolar dos seus educandos e se sim, perceber em que sentido.

Os professores consideram que sim, não apontando quais os pontos onde se focam, como é o caso do P1, P3 e o P22. Para o P5, P8 e P13 os encarregados de educação nas suas turmas não demonstram qualquer tipo de interesse.

O P9 afirma que “sim. A nível material”. Um professor (P11), deu uma conclusão bastante interessante, que consiste em que “quanto mais interessado um encarregado de educação for, maior a probabilidade de o aluno se aplicar em sala de aula. Um desinteresse, por parte dos EE é acompanhado de um desleixo por parte dos seus educandos. Penso que, para uma inclusão chegar a esse nível, será necessária a reformulação de alguns conteúdos, de forma a analisar diferentes pontos de vista. (Ex: questão da Europa colonial e a escravatura na história)”.

O P15 afirma que “sim, na medida do possível. Penso que sim, pela preocupação que demonstram em acompanhar os seus educandos, em conhecer os seus progressos e dificuldades“. O P18 diz que “depende, a quem demonstra e a quem não demonstro”. O P19 destaca que “sim, se tem boas notas, interessam-se pelos trabalhos que os filhos fazem nas aulas e gostam de conhecer o professor, pelo menos comigo (...) precisava de ter turmas mais pequenas”.

Por fim, o P23 conta que “sim. Na minha direção de turma, um encarregado de educação solicita em vários momentos feedback sobre a integração do seu educando“.

Aqui as respostas não foram unânimes: cada caso é um caso e cada encarregado de educação tem a sua forma de lidar com o acompanhamento do seu educando. Apesar de por vezes ser refletido na forma como o aluno encara a importância da educação/formação, para o seu futuro.

Foi ainda questionado, se o docente acha que os seus alunos de ascendência migrante se encontram bem integrados socialmente nesta escola, ao qual a maioria, 18 professores, (P1, P2, P3, P4, P7, P9, P10, P11, P12, P15, P16, P17, P20, P21, P22, P23 e P24), consideram que os alunos

estão realmente integrados socialmente no contexto escolar. Na perspetiva do P17 “sim, embora existam casos pontuais de um menor grau de integração devido à barreira linguística”.

Contrariamente, o P6 e o P8 afirmam que os seus alunos não estão integrados. O P5 afirma “não conheço a generalidade. Não acho possível generalizar”.

A grande maioria dos professores afirma que os seus alunos estão integrados socialmente na escola apesar de haver exceções e que a maior barreira para que estes não se sintam tão integrados é mesmo a questão da barreira linguística que condiciona a sua integração.

Foi ainda questionado se o docente considera que a experiência acumulada ao longo dos últimos trinta anos tem contribuído para encontrar respostas destinadas a lidar com estes novos públicos, nesta questão as respostas são diversas, no caso do P2, P3, P4, P5, P12, P14, P15, P16, P17, P19, P20, P21, P24 os mesmos afirmam que sim. Contrariamente existem alguns professores que sentem que não, como é o caso do P1, P8, P9 e P23.

O P11, afirma que “apesar de não ter muita experiência, enquanto docente, tive a oportunidade de conhecer diversas culturas e sentir as mesmas durante o meu percurso académico, incorporando costumes e modos de pensar. Penso que a ideia fundamental que se deve tirar do multiculturalismo é a de aprender o melhor que cada cultura nos tem para oferecer, não nos fechando enquanto pessoas, pois isso leva a uma inevitável estagnação (seja de ideias, crenças, atitudes, etc)”. O P13 afirma que “tem sido para mim uma realidade mais recente, no que concerne a alunos com mais diversidade de nacionalidades”. O P17 destaca que “sim... mas é necessário que se concretizem ao nível de medidas concretas para lidar com situações que por vezes são muito específicas”. O P18 afirma que “não sei, mas sei que há burocracias que dificultam a integração”.

Aqui as respostas são diversas, cada professor tem a sua experiência acumulada e utiliza da melhor forma para que seja possível haver uma integração e um acolhimento e um trabalho desenvolvido com estes alunos da melhor forma possível para que consigamos ter alunos de sucesso.

3.1.9. Condições de acolhimento pedagógico e curricular

Outra questão, foi se houve algum tipo de concertação institucional para construir condições de acolhimento pedagógico e curricular dos alunos de ascendência migrante, ao qual a maioria respondeu que sim (P3, P4, P6, P9, P10, P12, P13, P15, P16, P19, e P24). O P3 destaca que abrir “sim, nomeadamente as aulas de português língua não materna”. O P6 afirma que “houve a criação de um coordenador de português língua não materna”. O P15 afirma que “criaram-se equipas multidisciplinares para acompanhar e orientar os alunos no seu percurso escolar, proporcionar que participem em atividades extracurriculares, nomeadamente no Desporto Escolar, Biblioteca, Voluntariado, entre outros...”.

Para outros professores estes sentiram que não existe a concertação ao nível institucional e pedagógico como é o caso do P2, P8, P17, P18, P23. Os restantes professores afirmam que não sabem ou não têm conhecimento se tem ocorrido algum tipo de concertação institucional para construir condições de acolhimento pedagógico para os alunos migrantes.

3.1.10. Comparação do maior e menor desempenho por parte dos estudantes

Foi ainda importante perceber quais os grupos que têm maior e menor desempenho escolar. Muitos professores não tinham uma resposta coerente de sim ou não. Um dos professores (P11), afirma que "analisando os casos dos meus discentes, diria que o grupo mais díspar é o de discentes brasileiros, com alguns a serem os meus melhores alunos, em termos académicos e outros a terem resultados muito fracos. O que me apercebi é que há um período de adaptação necessário para este grupo de alunos, devido às diferenças de ensino entre os dois países". Outro professor (P6) afirma que "Melhor desempenho: os que seguem cursos profissionais e alguns oriundos da Ucrânia. Pior desempenho: oriundos do Paquistão (constrangimentos da língua, aspectos culturais muito divergentes dos nossos)". O P7 refere "no geral, os alunos dos países de leste revelam mais hábitos de trabalho, interesse e atingem melhores resultados".

Outro dos professores (P18) afirma que "dos meus atuais alunos os que têm melhor desempenho vieram do Brasil, com pior desempenho da Moldávia, devido ao desconhecimento do Português e também do Inglês". Outro professor (P4), destaca que "Melhor desempenho na Europa de leste, pior Brasil". Outra resposta (P24), foi que "os alunos da Moldávia e da Ucrânia têm melhor desempenho escolar". Um dos professores (P2), demonstra que quem tem melhor desempenho são aqueles que se empenham e demonstram interesse.

São ainda vários os professores que não conseguem precisar quais os estudantes que têm maior e menor desempenho escolar, tendo em conta as suas particularidades culturais.

Nesta questão a resposta não é unânime e varia muito de turma para turma e o ano lectivo que estão a frequentar. Também varia devido à forma como encaram a escola, com as questões da motivação.

3.1.11. Condições criadas pela escola para a integração nas atividades escolares

Consideramos importante questionar que condições particulares foram criadas, na escola ou no agrupamento, para integrar estes alunos de ascendência migrante nas atividades escolares. Um dos professores (P6), destacou que os alunos "foram colocados em turmas específicas juntos com colegas na mesma condição e foi criada uma turma de PLNM (exceto os da escola secundária), onde podem partilhar saberes e experiências e trabalhar em conjunto com os que estão no país há mais tempo. Isso

ajuda na aquisição de aprendizagens”. Foi desenvolvida a apresentação cultural das diferentes “nacionalidades” existentes no Agrupamento, contou o P3. Houve ainda, a Celebração do Dia das Línguas, onde estes alunos puderam representar o seu país (P8). Muitos professores destacaram a criação da disciplina de português língua não materna, sendo que estes alunos foram integrados nessas aulas para poderem aprender e aperfeiçoar a língua portuguesa. O P15 destaca que “criaram-se equipas Multidisciplinares para orientar e acompanhar os alunos no seu percurso escolar”

Foi notória a tentativa por parte da escola em criar condições para que estes alunos pudessem integrar-se de uma forma mais inclusiva, nomeadamente com a criação da disciplina de português, língua não materna, a celebração do dia das línguas e através da tentativa para que todos os alunos tivessem igualdade para participar em todas as atividades que a escola dispõe, sem haver exceções.

3.1.12. Iniciativas adotadas pelos professores em contexto de sala de aula

Outra questão aplicada foi, se a presença de filhos de imigrantes na escola tem levado a adoptar novas iniciativas na sala de aula, à qual a maioria dos professores considerou que sim, podendo fazer referência a alguns aspectos importantes como: O P2 “novas metodologias de ensino para poder ajudar o aluno”. O P6 “sim uma vez que tenho de diversificar estratégias e trabalhos e utilizo muitas vezes os conhecimentos da aluna integrada na minha turma como enriquecimento”. Um dos professores (P 11), afirma que “sinto que fico mais atento, para verificar se há algum potencial comentários no sul ou racista por parte de algum discente”. O P15 contou que “sim, quando planifico a aula tenho cuidado procurar atividades que promovam a êxito e ao mesmo tempo partilha de saberes e saberes fazeres”. Contrariamente aos depoimentos anteriores, o P19 afirma que “não, não preciso, o modelo de ensino que uso já permite dar apoio, apenas seria necessário reduzir a quantidade de alunos por turma, nesta, as turmas que têm alunos estrangeiros”.

De uma forma generalizada, podemos constatar que a maioria dos professores demonstra uma preocupação em adotar novas iniciativas dentro da sala de aula para que estes alunos se sintam integrados e que consigam acompanhar a matéria dando ainda destaque a preocupação que têm para que nenhum dos seus alunos se sinta afetado por comportamentos desadequados, nomeadamente como as questões do racismo.

3.1.13. Iniciativas desenvolvidas para integração no plano curricular e nas atividades escolares

Por fim, foram questionadas que iniciativas têm desenvolvido para integrar os alunos de ascendência migrante no plano curricular/ nas atividades escolares, a esta questão houve uma grande diversidade de respostas. O que é um “tenho tentado adaptar as estratégias às suas necessidades”.

Outro professor o P2, “trabalho de pares/grupo“. O P4 “partilha de experiências dos diversos países“. O P6 destaca a “integração numa turma de PLNM e adequações curriculares para estes alunos“. O P11 afirma que “todos os alunos são e foram bem-vindos nas diferentes atividades dinamizadas ao longo do ano letivo. A título de exemplo, no grupo de teatro temos vários elementos de ascendência imigrante que são vitais na peça que estamos a desenvolver“. O P14 afirma que tenta “dinamizar atividades que coloquem os alunos em situação de partilha das suas realidades com os colegas, avaliação diferenciada das suas aprendizagens, materiais Bilíngues, recurso a matérias que inclui realidades dos países de origem“. O P18 “tento encontrar tempo para trabalhar em dívida de aumento com estes alunos e tendo fomentar interações entre estes alunos E outros que acho que podem ajudar a integração”.

De modo a concluir é de louvar todas as iniciativas desenvolvidas, por parte da escola e dos professores, para que todos estes alunos aprendam e sejam felizes no ambiente escolar e se sintam realizados e integrados em Portugal.

3.2. Apresentação e Análise de dados - Alunos

3.2.1. Breve caracterização dos alunos

A segunda fase do estudo decorreu junto do agrupamento de escolas de Benavente, local onde foram realizadas as entrevistas semiestruturadas aos alunos, contando com a participação de 47 alunos, entre o 5º e o 10º ano. Com a aplicação da entrevista foi possível estar em contacto com estes alunos migrantes, criando um contacto próximo bastante benéfico.

Inicialmente foi feita uma breve apresentação a cada criança/jovem do trabalho a desenvolver explicando em que consistia o estudo em causa. Foi realizada uma pequena caracterização, onde foi questionado a idade, género, ano que frequentam e nacionalidade.

As crianças/ jovens seleccionadas para o estudo têm entre 11 e 17 anos, dos 47 alunos, 25 são do género feminino e 22 do género masculino, constatando-se uma equidade. Em relação ao ano a frequentar, temos 4 alunos a frequentar o 5º ano, 9 alunos a frequentar o 6º ano, 10 alunos a frequentar o 7º ano, 12 alunos a frequentar o 8º ano, 9 alunos a frequentar o 9º ano e 3 alunos a frequentar o 10º ano, sendo que todos estes alunos frequentam o CEB.

Em relação à nacionalidade é importante referir que existem 2 alunos já com título de residência, uma vez que a partir do 7º ano podem requerer junto do SEF ao abrigo do Art. 92. Um dos alunos nasceu em Portugal, mas é filho de pais migrantes, e 2 têm dupla nacionalidade um Portuguesa/Romena e outro Portuguesa/Angolana, e 3 já têm nacionalidade Portuguesa, por já se encontrarem a residir em Portugal há mais de 5 anos sem interrupções.

A maioria dos alunos são de nacionalidade brasileira, contabilizando 26 alunos, praticamente metade. Oriundos da Ucrânia temos 6 alunos, sendo que apenas dois vieram devido ao conflito armado entre a Ucrânia e a Rússia. Posteriormente dos 47 alunos, temos 3 que vieram do Paquistão, 2 da Moldávia, temos ainda 1 aluno do Chile e por fim um de França.

A primeira questão que lhes foi colocada foi se efetivamente tinham nascido em Portugal, sendo que dos 47 alunos conseguimos perceber que a grande maioria não nasceu em Portugal, 39 alunos.

A segunda pergunta colocada foi há quanto tempo residem em Portugal na qual utilizei uma escala onde coloquei há menos de um ano do qual obtive a resposta de 17 alunos, entre 1 a 5 anos residem 20 alunos, entre 5 e 9 anos residem 4 alunos e há mais de 10 anos residem 6 alunos.

Outra das perguntas realizadas, foi saber o local onde nasceram os seus pais, e aqui as respostas variam bastante, o A1, A9 e o A16 referem que os seus pais nasceram no Paquistão, o A2, A3, A4, A6, A7, A8, A11, A12, A14, A15, A17, A19, A20, A21, A25, A27, A30, A31, A32, A33, A34, A35, A37, A43, A45, A46 e A47 referem que nasceram no Brasil, sendo que o A7 faz referência a que “a mãe nasceu na Bahia e o pai em São Paulo” e o A21 afirma ter sido mais concretamente no “Maranhão”, o A33 refere que são da “região do Rio de Sameiro”, e o A46 “nasceram mais concretamente no Paraná”, o A5, A26, A38, A39, A40, A41 referem que foi na Ucrânia, o A10, A18 e o A36 afirmam que os pais nasceram na Moldávia, o A13 afirma que nasceram ambos em Portugal, o A22 refere que foi no Chile, o A23 e o A24 referem que os seus progenitores nasceram em Angola, o A28, A29 afirmam que os seus pais são oriundos da Roménia, e por fim o A42 e o A44 afirmam que a sua mãe nasceu em África e o pai no Brasil.

A pergunta seguinte consiste em aferir se têm irmãos ou não e se sim, quantos irmãos têm, dos 47 alunos podemos aferir que 5 não têm irmãos (A15, A28, A32, A40, A43), 19 afirmam ter um irmão/irmã, o A1, A2, A5, A8, A11, A14, A16, A18, A19, A20, A21, A29, A30, A34, A37, A38, A39 e o A41, A47, sendo que destes alunos, 14 alunos dizem que os seus irmãos não frequentam a mesma escola por se encontrarem uns no pré-escolar, 1º ciclo ou ensino secundário e 5 afirmam que os seus irmãos estudam na mesma escola que eles.

Existem 12 alunos que têm 2 irmãos (A4, A6, A7, A12, A13, A17, A24, A25, A31, A33, A35 e o A46), destes alunos, 2 têm um dos irmãos a frequentar o mesmo estabelecimento de ensino, e 2 têm efetivamente os 2 irmãos a frequentar a mesma escola, dos 12 alunos 8 afirmam que os seus irmãos frequentam outra escola por se encontrarem em ciclos diferentes aos seus. Dos 41 entrevistados conseguimos perceber que apenas 4 (A3, A22, A23 e A27), tem 3 irmãos, sendo que 1 (A27) afirma que dos 3 irmãos apenas 1 frequenta a mesma escola, 1 (A3) afirma que todos frequentam a mesma escola e 2 (A23 e o A22), não têm os irmãos a frequentar a mesma escola.

Por fim existem 6 alunos que têm 4 irmãos (A9, A10, A26 e A36), destes alunos apenas o A36 tem os seus irmãos a frequentar a mesma escola, os restantes afirmam que nenhum dos seus irmãos frequenta o mesmo estabelecimento de ensino.

Ao longo da conversa com os alunos foi questionado se sempre frequentaram a escola em Portugal, à qual dos 47 alunos, 8 sempre frequentaram o ensino português (A11, A18, A28, A29, A38, A39, A42 e o A45), os restantes 39 alunos afirmam que frequentavam a escola nos seus países de origem.

Foi ainda questionado se alguma vez chumbaram, ao qual podemos concluir que 36 alunos declaram nunca terem chumbado (A1, A3, A4, A5, A6, A8, A9, A10, A12, A13, A14, A15, A16, A17, A18, A19, A20, A21, A23, A24, A26, A27, A28, A29, A31, A33, A34, A36, A37, A40, A42, A43, A44, A45, A46 e A47), sendo que os restantes afirmam já ter chumbado, o A2 no 5º ano, o A7 no 3º ano, o E11 no 6º ano, o A22 no 8º ano (equivalência), o A25 no 7º ano, o A30 no 8º ano, o A32 no 9º ano, A35 no 3º e 5º ano, o A38 no 3º e 9º ano, o A39 no 2º e 3º ano e por último o A41 no 6º ano.

3.2.2. Maiores dificuldades quando chegam à escola

No decorrer da entrevista questionamos quais eram as maiores dificuldades sentidas quando chegaram à escola, e nesta questão surgem diversas respostas, o A1, afirma que “a minha maior dificuldade foi em compreender a língua portuguesa”, o A2 destaca “a maior dificuldade foi na disciplina de inglês, e em entender algumas palavras da língua portuguesa que são diferentes da minha”, o A3 diz que “Idioma, pois às vezes as palavras são complicadas e não conseguia compreender bem a matéria”, o A4 afirma “senti-me um pouco perdida e com algumas dificuldades na socialização com os colegas e os professores”, o A5 afirma que “alguns professores não me ajudaram quando cheguei fazendo com que me sentisse sozinho”, o A6 “entender as matérias e a língua do português de Portugal, pois há palavras diferentes”, o A7 “senti dificuldade em tudo porque no Brasil tudo era diferente, até as classes, as matérias e as regras”, o A8 afirma que “as maiores dificuldades que eu senti foi entender a pronúncia e acompanhar os trabalhos e atividades que íamos fazendo”, o A9 destaca que “a única dificuldade que senti foi em perceber a língua”, o A10 afirma que “senti muitas dificuldades com a língua mas os professores tentaram ajudar-me”, o A11 considerou que “tive dificuldades na matéria, na disciplina e em fazer novos colegas”, o A12 diz que “tive dificuldade em aprender as matérias porque são diferentes das do Brasil”, A13 destaca “só tive dificuldades em acompanhar as matérias que os professores davam”, o E14 afirma que “a única dificuldade foi em inglês que é bem mais avançado que na minha antiga escola”, o A15 destaca que “O horário das aulas são muito tempo, e o entendimento da língua portuguesa”, A16 “para mim só

tive dificuldades em perceber a língua”, A17, “só tive dificuldade em falar o português de Portugal”, A18 afirma que não teve nenhuma dificuldade, A19 afirma que “tive dificuldade em perceber o sotaque que usam”, o A20 destaca “a minha maior dificuldade é em relação às amizades”, o A21 “senti dificuldades em adaptar-me com as pessoas, ter mais amigos”, o A22, tal como muitos alunos desta que a sua maior dificuldade foi em aprender a língua portuguesa, o A23 afirma que “a minha maior dificuldade foi a integração na escola, os horários e as novas regras”, A24 destaca que apenas sentiu dificuldade em algumas disciplinas, A25 “senti dificuldades em fazer novos amigos e em acompanhar a matéria de matemática”, A26 contou que “alguns professores não me ajudaram no processo de integração”, A27 “tive dificuldade na língua, nos modos e nos modelos de ensino que são diferentes”, A28 “senti-me muito tímido e com dificuldades em interagir com os professores e os colegas de turma”, A29 afirma que “as minhas maiores dificuldades foram a comunicação, pois eu não gosto muito de falar”, A30 destaca que não teve nenhuma dificuldade, A31 contou que “para me enturmar, ser acolhido pelas pessoas, a pronúncia de algumas palavras e as matérias que são diferentes das do Brasil”, A32 tal como muitos alunos também deu destaque à dificuldade da língua portuguesa e das matérias, A33 afirma que a sua maior dificuldade foi em “acompanhar a matéria lecionada nas diversas disciplinas”, o A34 “senti dificuldade nas matérias e na adaptação ao sistema escolar”, A35 “nas atividades e nas matérias porque são diferentes”, o A36 afirma que “a minha única dificuldade foi entender a língua portuguesa, assim que consegui fiz muitos amigos”, A37 “a maior dificuldade que eu senti foi em compreender as palavras”, A38 contou que não sentiu nenhuma dificuldade quando chegou à escola, A39 “senti-me discriminada por conta da barreira da linguagem que não dominava a 100%”, A40 “senti xenofobia das colegas de turma, aprender a língua e os professores não ajudaram” o A41 que afirma que “alguns professores não me ajudaram a integrar na turma e em aprender o português”, O A42 disse que consistia em “nunca sabia onde eram as salas, não me apresentaram a escola”, o A43 afirma que a sua dificuldade foi em decorar onde eram as salas de aula, A44 “a minha maior dificuldade foi não conhecer a escola e sentir-me um pouco perdida, sem conhecer ninguém”, A45 “a me conseguir entender com os colegas”, o A46 “perceber o sotaque português, algumas palavras são estranhas”, e por fim o A47 “apesar do mesmo idioma, não percebia bem algumas palavras, devido à pronúncia”.

No geral, a maior dificuldade sentida por estes alunos é a barreira linguística, que acaba por limitar a aprendizagem dos conteúdos programados, a sua comunicação com os colegas, criando aqui uma barreira para a criação de laços de amizade, estas dificuldades são mais sentidas pelos alunos de nacionalidades ucranianas, moldavos, muçulmanos. Sendo que os alunos de nacionalidade brasileira apenas destacam que a português de Portugal apenas tem algumas palavras diferentes, mas que não têm muita dificuldade na sua compreensão.

3.2.3. Relações, amigos e receção

Ao longo da conversa, inquirimos se quando chegaram fizeram amigos e como foram recebidos, o A1 contou que quando chegou não fez amigos e que foi recebido pelo primeiro professor da aula, o A2 afirma “fui recebida super bem, mas gostei sempre de estar sozinha, não quis fazer amigos”, A3 contou que foi muito bem recebida por todos na escola e que fez logo amigos no primeiro dia de aulas, o A4 “fui bem recebida pelos professores e funcionários e fiz logo amigos”, A5 contou que “a turma recebeu-me com cartões de boas-vindas e fui recebida pela professora do PLN, e ao longo do tempo fiz alguns amigos”, o A6 afirma ter sido bem recebido por todos e que conseguiu fazer amigos, o A7 também afirma ter feito amigos e ter sido bem recebido, o A8 “Sim, eu fiz amigos. Fui recebida muito bem e não tive problemas com ninguém”, o A9 sentiu que foi bem recebido, o A10 “sim fiz amigos e fui recebido pelo professor do PLN que é a minha diretora de turma”, A11 “fui bem recebido por todos, mas já tinha feito amigos antes”, o A12 destaca que fez amigos e que foi bem recebido pelos colegas e professores, A13 afirmou que “fui recebido pela professora de PLN que é a minha diretora de turma, e fiz muitos amigos”, A14 constatou que foi muito bem recebido e que conseguiu fazer amigos muito facilmente, E15 tal como a maioria também fez amigos e foi bem recebido, A16 disse que “não fiz amigos, fui bem recebido apenas pelo diretor de turma”, A17, A18, A42, A43, A46 e o A47 constataram que foram bem recebidos por todos, o A19 “ demorei um pouco a fazer amigos, porque sou envergonhado mas fui muito bem recebido”, o A20 “Desde que cheguei a Portugal fui sempre bem recebido em todas as escolas que frequentei, aqui foi onde consegui fazer mais amigos e mais rapidamente”, o A21 “já ando nesta escola desde o 6º ano e aí senti que fui muito bem recebida pela turma, tinha uma ótima turma”, A22 “fui bem recebido pelo professor da primeira aula, e pelos colegas em sala de aula”, o A23 “fui bem recebido pelos colegas que depois ficaram meus amigos, pelos professores e funcionários”, o A24 “senti que foi a escola onde melhor fui recebido por todos e onde fiz mais amigos”, o A25 “Fiz duas grandes amigas, e fui mais ou menos recebida pois eles achavam que eu era uma pessoa estranha”, o A26 considerou que fez amigos após algumas semanas de estar na escola e que foi bem recebido pelos professores”, o A27, A44 e o A45 também consideraram ser bem recebidos e ter feito amigos, o A28 contou que não foi bem recebido, “senti-me a mais na turma e indiferente, não fiz amigos”, o A29 destacou que “sim, consegui fazer amigos dentro da minha turma e fora da turma, pois sempre estive a morar em Portugal”, A30, “eu já conhecia algumas pessoas porque os meus pais têm amigos em Portugal que têm filhos que andam aqui na escola, então foi mais fácil de fazer mais amigos e fui bem recebido”, o A31 afirma que foi bem recebido nos primeiros dias e que em uma semana conseguiu logo fazer amigos, A32 disse que “quando cheguei fiz logo duas amigas e até agora são as minhas melhores

amigas”, o A33 este aluno sentiu que “demorou um pouco até me integrar com a turma, mas depois quando consegui tudo se tornou mais fácil, até porque me ajudaram a estudar e a conhecer colegas de outras turmas”, A34 “fui bem recebido e fizeram-me uma visita guiada pela escola para saber onde estava o bar para comer, a papelaria, a sala dos professores, a biblioteca e o resto dos espaços todos”, A35 este aluno também se considerou bem recebido especialmente pelos colegas de turma, e afirma que as pessoas em Portugal são muito simpáticas, o A36 contou que fez amigos e que foi bem aceite por todos os colegas e colaboradores da escola, o A37 afirma que “assim que cheguei fiz logo muitos amigos e fui muito bem recebida a professora apresentou-me a escola e todos os colegas da turma”, o A38 este aluno referiu que “fui recebido e recebi porrada de alguns colegas, mas depois consegui fazer amigos porque os professores falaram com esses colegas que me estavam a tratar mal”, o A39 disse que não foi fácil a sua integração e que demorou muito tempo, afirmando que até agora só fez uma amizade, o A40 contou que “não fui bem recebido, os colegas andaram durante um tempo a falar mal de mim, acho que não gostaram da minha chegada”, A41 afirma ter sido recebido apenas pelo professor da primeira aula, e que não conseguiu fazer amigos, e por fim o A46 destaca que “fui muito bem recebido e fiz amigos, a maioria brasileiros”.

Sistematizando, podemos concluir que de uma forma geral a maioria dos alunos se sentiu integrado na escola, conseguiram fazer novos amigos, gostam dos professores e auxiliares de ação educativa sentindo que são bastante prestáveis. Existem alguns alunos que não se sentiram tão bem recebidos por parte dos colegas. Há alunos que por serem mais tímidos ou por não se sentirem tão à vontade não quiseram fazer amigos, e na nossa perspetiva e por contacto com os mesmos, a maioria são os alunos ucranianos, que têm esperança de um dia regressarem ao seu país.

3.2.4. Sentimentos na escola

Na questão como se sentem na escola, as respostas variaram, alguns alunos sentiram-se muito felizes, outros sentiram vergonha e medo, outros medo de não transitarem de ano, alguns sentiram-se tristes, e demonstraram sentir alguma insegurança, outros destacaram o cansaço afirmando que aqui a carga horária é maior do que no seu país de origem, existe ainda o sentimento de se sentirem sozinhos, alguns alunos também afirmaram sentirem-se stressados e com algum nervosismo, confusos e indiferentes. O A40 faz uma afirmação que consideramos importante destacar “sinto-me um pouco triste, os professores não percebem as minhas dificuldades na língua e na matéria, nem todos me tentam perceber e ajudar-me”. O A38 “sinto-me triste mas quando chego a casa fico feliz”. O A36 afirma “eu sinto-me muito feliz na escola, gosto muito de aprender e estar com os meus amigos”.

De modo a sintetizar esta questão, suscitou respostas diversas que também têm a ver com a forma de estar de cada aluno, nem todas as crianças são iguais. Existem crianças mais extrovertidas,

mais tímidas, e que isso refletiu muito nas respostas dadas, existem muitos alunos que se sentem felizes na escola, mas outros nem tanto por diversas razões mencionadas anteriormente.

3.2.5. A integração na escola

À questão “sentes-te integrado na escola”, as respostas dividiram-se entre “o sim e não”, dos 47 alunos, 15 não se consideram integrados, dando alguns exemplos de motivos, o A2 “não me sinto muito bem aqui mas os meus colegas tiram um sorriso do meu rosto”, A25 “não me sinto bem porque os meus colegas já se conhecem à mais tempo e faz-me sentir que estou a mais e não consigo criar um laço de amizade forte com eles”, A34 “às vezes não me sinto aceite pelos meus colegas por ter algumas ideias diferentes das deles”.

Os restantes 32 alunos, consideram que se sentem bem integrados na escola, dando também alguns testemunhos, A8 “Eu me dou bem com as pessoas e é como se estivesse aqui desde sempre”, A27 “não me sinto excluída nem dos grupos de amigos, nem das atividades escolares, sinto que todos gostam de mim e eu deles, incluindo os professores e os funcionários”, A39 “a minha turma é muito boa, ajudam-me muito com a matéria quando tenho dúvidas e fiz muitas amizades”.

De modo a concluir esta questão é importante refletir sobre o motivo de tantos alunos não se sentirem integrados, e como é que será possível integrá-los. Sendo que a maioria se sente integrada e bem acolhida na escola, ou seja pressupomos que o trabalho desenvolvido para que estes se sintam integrados está a dar frutos, mas existe ainda um longo trabalho a desenvolver para que haja a totalidade de alunos integrados, que será um grande desafio para a escola.

3.2.6. A discriminação em contexto escolar

No decorrer da entrevista foi questionado se alguma vez se sentiram discriminados na escola, ao qual dos 47 entrevistados, 19 alunos afirmam que já se sentiram discriminados por diversos motivos, nomeadamente ameaças, alguns não quiseram descrever o que se passou, gozar, tentar rebaixar, fazer piadas sobre o seu país, insultar, excluir, serem ignorados pelos professores. Dando agora alguns testemunhos, o A25 “por um colega que me mandou voltar para o meu país”, efetivamente temos aqui presente um caso de racismo por parte de outro aluno, o A31 “numa discussão disse que não gostava de mim e detestava todos os brasileiros”, o A34 “não gostam de trabalhar comigo, se acontece algo na sala de aula, olham logo para mim, como forma de me acusarem”, A41 “é difícil para alguns colegas entender que estou em Portugal por circunstâncias diferentes nomeadamente por o meu país estar em guerra e que por vezes tenho outras oportunidades completamente diferentes e por isso tratam-me de forma diferente demonstrando inveja e condenação, acusando-me de ser privilegiada”, o A43, “sim, por pessoas da minha antiga turma, uma delas até me

tentou bater”. Os restantes alunos consideram que nunca se sentiram discriminados por ninguém (28 alunos).

Fazendo uma pequena análise podemos afirmar que, houve uma situação de realçar de um aluno que sofreu de *bullying*, por parte dos colegas, algo que é inadmissível de acontecer e que se tem de combater e criar medidas de prevenção. Existiram alunos que destacaram sofrer de comportamentos racistas por parte dos colegas.

3.2.7. Relação entre alunos e professores

Indagámos e desejámos perceber como era a relação dos alunos com os professores, sendo que algumas respostas acabaram por ser iguais /semelhantes, o A1 “a comunicação foi difícil, porque os professores não sabem falar a minha língua e eu não sei falar a deles”, o A2 afirma que a relação é “péssima em todos os aspetos”, A3 “boa, existe boa comunicação com os professores”, A4 e o A45 disseram que foi “boa, a comunicação é mais fácil do que pensava”, A5 “a relação é boa, a comunicação foi difícil porque eles não sabem a minha língua nem eu sei a língua portuguesa”, A6 considerou apenas que a relação é boa com todas as pessoas, A7 sentiu que a comunicação foi fácil, apesar de existirem algumas palavras diferentes da sua língua, A8 “a relação é ótima, mas foi um pouco difícil no início”, A9, A10 e A16 “a relação é boa, a comunicação foi difícil eles não sabem a minha língua e eu no início não sabia nem uma palavra em português”, A11 “Foi bastante fácil as pessoas são simpáticas e atenciosas comigo e assim consegui criar uma boa relação com todos”, A12 afirma ter sido fácil todo o processo, A13 “a relação mais ou menos, a comunicação foi fácil porque como os meus pais são portugueses eu já falava português corretamente”, A14, A15, A17, A20, A21, A26, A30, A34, A42 e o A43 afirmam que foi “boa foi tudo muito fácil para mim e gosto de todos”, A18, A25, A28, A36, A37 e o A47 “a minha relação é boa e a comunicação também”, A19 “apesar de no início ter sido difícil agora é ótima, sinto que a relação com os professores nesta escola é mais fácil porque são mais disponíveis para nos ajudarem”, A22 “a relação é boa. A comunicação foi mais fácil porque falo Espanhol e considero parecido com o português”, A23 e o A33 “ao princípio foi difícil de me integrar, necessitei da ajuda dos professores, mas agora estou feliz e integrado”, A24 “tenho uma boa relação com os meus colegas, professores e com as funcionárias, sinto que consigo interagir bem com todos, em relação à comunicação para mim não foi muito fácil, tive alguma dificuldade em aprender a língua portuguesa”, A27 “tenho uma relação boa e tranquila com os professores, para mim foi fácil a comunicação e a interação com todos”, A29 “sinto que eles fazem um esforço para me conseguirem entender, mesmo que eu não goste muito de falar”, A31 “mais ou menos especialmente na interação com os professores”, A32 “sinto muita dificuldade em comunicar com os professores, não consigo interagir nem brincar com os colegas, eles não gostam de mim”, A35

“sim, a comunicação é diferente mas estou a fazer um esforço para aprender a língua para depois conseguir fazer mais amigos e interagir melhor com todos”, A38 “para mim foi mais ou menos por causa da língua e porque sou uma pessoa mais reservada, não gosto muito de falar”, A39 “foi tudo ótimo os professores e os colegas ajudaram-me sempre em tudo o que eu precisava, sempre me voltaram a explicar a matéria quando eu não percebia à primeira, gosto muito da relação que tenho com eles”, A40 “não tenho uma boa relação com os professores nem com os meus colegas”, o A41 afirma que “tenho uma boa relação, os professores compreenderam a minha situação e ajudam-me sempre, com o passar do tempo os meus colegas também começaram a respeitar-me e perceberem a minha condição”, A44 “a relação é boa foi muito fácil de me comunicar e integrar na escola”, A46 “a relação é boa e foi fácil a comunicação e a integração com todos, no início pensei que me ia sentir a mais na escola por ser nova”.

Um dos grandes motivos é a barreira linguística porque se torna difícil conseguir-se comunicar entre alunos e professores. A maioria dos alunos sentem-se felizes e realizados na escola não tendo qualquer tipo de problemas com professores/colegas/auxiliares de ação educativa. Os professores demonstram ser proativos e disponíveis para ajudar os alunos na sua integração e os alunos estão recetivos a essa ajuda. Como em tudo, alguns alunos não têm uma ligação tão próxima com os professores, por não sentirem tanta empatia, outros por não gostarem mesmo dos professores.

3.2.8. Diferenças entre a antiga e atual escola

Ao longo da entrevista, houve a intenção de saber quais as diferenças existentes entre a escola que frequentam atualmente e a que frequentaram anteriormente. Nesta questão surgiram respostas diversas, passando a dar alguns exemplos: A1 “a língua e os professores aqui são mais sérios”, A2 considera que “os professores sem educação e não sabem tirar dúvidas”, A3 “as matérias são diferentes, havia menos disciplinas no meu país, e o recreio era maior. Aqui há refeitório e na minha antiga escola não havia”, A4 “aqui não temos uniforme, na escola do brasil andávamos todos vestidos de igual porque tínhamos que usar o uniforme que a escola escolheu”, A6 “aqui as escolas têm armários para guardarmos as nossas coisas, na minha antiga escola não havia”, A8 “na antiga escola os intervalos eram de 15 minutos, tinham muitas matérias e não tinha tanta tecnologia, esta tem muita tecnologia e muito mais organizada”, A14 “nesta escola a comida é melhor e está mais bem decorada, parece nova”, A16 “aqui as pessoas são mais simpáticas e atenciosas no meu país os professores eram mais sérios e menos comunicativos e atenciosos connosco”, A23 “a qualidade de estudo era fraca e diferente, e a escola atual tem uma qualidade de estudo muito superior”, A28 “é maior e tenho mais amigos nesta escola”, A34 “não tinha música, ET, TIC, espanhol, cidadania, reforço com professor na sala, físico-química, aulas de tarde e de manhã, não usávamos computadores e não fazíamos os

trabalhos digitalmente" o A41 "a escola aqui é muito mais avançada do que na Ucrânia" e o A43 "o ensino é bastante diferente e aqui existe maior respeito entre os professores e os alunos, a segurança também é maior pois, existem muitas auxiliares a tomar conta de nós".

De modo geral aqui as respostas são muito distintas para cada aluno existe a sua diferença, mas foi de destacar a diferença de tamanho, a questão de que na escola pública portuguesa não ser obrigatório o uso de uniforme, destacaram as diferenças de ensino, que para alguns alunos é mais rígido e para outros, menos rígido.

3.2.9. Gosto e tempo dedicado ao estudo

Desejou-se saber se os alunos gostam de estudar, esta resposta foi mais focada entre sim e não, do qual dos 47 entrevistados, 36 consideram que gostam de estudar, aprender novos conteúdos e apenas 11 afirmaram não gostar de estudar.

Quando lhes foi questionado a frequência com que estudam, algumas respostas vão de encontro umas com as outras, ou seja, temos alunos que afirmam estudar todos os dias como é o caso do A5 e o A43 (1 hora por dia), O A6 (em média 2 horas por dia), A31 e o A45 (1 hora por dia mais ou menos), A9 (1 hora por dia), A10 (1 hora por dia), A18 (2 horas por dia), A24 (entre 1 a 2 horas por dia), o A32, A33, e o A35. O A28, A30 e A37 estudam 1 vez por semana, o A2, o A21, A27 e o A47 estudam 2 vezes por semana. O A8 afirma que estuda 3 vezes por semana. O A34 afirma que apenas estuda ao fim de semana. O A36 e o A44 assumem que estudam frequentemente.

Alguns alunos, nomeadamente, o A12, A11, A14, A15, A17, A22, A26, A42 e o A46 afirmam estudar apenas quando têm provas/testes. Um dos alunos A38 afirma que não estuda, apenas presta atenção às aulas e afirma ter bons resultados. O A13, A20, A19, A25 e o A40 afirmam que estudam 3 vezes por semana. O A29 e o A36 afirmam estudar com uma frequência de 4 dias por semana. Um dos alunos, o E41 afirma estudar 6 vezes por semana, apenas folga ao domingo. O A7, A16 e o A23 dizem que estudam com pouca frequência, sendo que o A23 afirma que depende da hora a que chega a casa. Por fim, o A4 afirma que apenas estuda na escola.

3.2.10. Acompanhamento no estudo

Dos 47 entrevistados, houve a tentativa de perceber se são acompanhados no estudo ou não, apenas 15 alunos (A2, A11, A14, A15, A17, A20, A29, A32, A34, A37, A38, A39, A40, A43, A44 e o A46) afirmam que estudam sozinhos, sem apoio. Os restantes 32 alunos afirmam ter apoio sendo que o E1, e o E5 dizem ser a mãe a prestar-lhes esse apoio. O E9 garante que é o apoio que o ajuda a preparar para os testes. O A6, A8, A16, o A22, A23 e o A33 afirmam que têm o apoio de ambos os progenitores. O A13 diz que frequenta a explicação, e quando não vai é a irmã que o ajuda. Por fim,

existem ainda alguns alunos que especificaram e disseram que eram as irmãs mais velhas que os ajudam a estudar, sendo estes o A3, A10 e o A26.

De modo a clarificar podemos concluir que a maioria dos alunos migrantes tem apoio dos familiares para explicar e consolidar a matéria lecionada, outros alunos têm o apoio dos professores, ou de um caso em particular que tem o apoio de uma explicadora. Existem 15 alunos sem apoio, talvez por falta de interesse pela escola, por parte dos EE, ou falta de tempo dos EE.

3.2.11. Relação com os colegas/professores/funcionários

Uma das últimas questões que lhes foi colocada foi como é a relação com os colegas, funcionários e professores, nesta questão a grande maioria respondeu que é boa, mas temos alguns exemplos de respostas que afirmam não ser boa com todos. O A2 afirma que “com os meus colegas é ótima, com os professores horrível e com os funcionários é normal”, o A4 “com os professores e funcionários é muito boa. Com os colegas não faço questão de falar, só se for mesmo necessário, o A8 diz que “dou-me bem com os colegas e com os professores. Às vezes não gosto muito do jeito que os funcionários me tratam, mas não são todos”, A13 considera que “acho que tenho mais ou menos uma boa relação com todos, mas às vezes, não gosto de algumas atitudes que as pessoas tomam”, A16 “a minha relação é boa com todos, os meus colegas é que às vezes não me respeitam”, A21 “com os meus colegas da turma não tenho muita relação, mas com as outras pessoas da escola sou amiga. Eu gosto muito dos professores e dos funcionários”, o A25 destaca que “com os colegas é ruim, os funcionários são muito educados e os professores também”, A27 diz que “com os colegas é um pouco difícil por causa da divisão da turma. Com os professores e os funcionários é uma relação muito boa”, A32 “eu sou de falar mais com os meus amigos, não tenho tanta relação com os professores e com os funcionários, mas gosto deles”, o A39 afirma que “agora tenho uma relação muito boa com os meus colegas, com os professores e com os funcionários também foram sempre muito queridos comigo”, A45 “com os colegas é boa, com os professores acho que é razoável, não tenho muita relação, e com os funcionários mais ou menos, nem todas são simpáticas e às vezes falam-nos mal”.

É fundamental constatarmos que, a maioria sente que tem uma boa relação com todos, colegas, professores e funcionários. Talvez aqui sejam notórias as questões da barreira linguística, da discriminação e da ausência de tempo dos professores para lhes darem o apoio maior, que não deverá ser possível face ao número de alunos por turma, condicionando a relação entre alunos e professores. Em relação aos colegas há alunos mais tímidos que não têm tanta capacidade para fazerem amigos.

3.1.12. Mudanças na escola para que os alunos se sintam mais integrados

A última questão consistia em perceber se os estudantes gostam da escola e se pudessem o que poderiam melhorar para se sentirem mais integrados, a maioria afirma que gosta da escola, passemos a dar alguns exemplos de respostas obtidas. O A1 “sim, mas melhorava ter mais aulas de Português e ter professores a dar apoio nas aulas”, A2 diz que “nesta escola não mudava nada, é tudo muito bom, se pudesse mudaria a do meu país para ficar como esta”, A5 “gostaria que entrássemos mais tarde e tivéssemos mais horas de português”, A10 “queria ter mais horas de língua portuguesa, para conseguir ter melhores resultados”, são vários os alunos que referem que gostavam de ter mais horas de língua portuguesa, nomeadamente o A13, A16 e o A26. O A19 refere que “gostava que as pessoas fossem mais humildes e generosas para com ele”. A21 “mais ou menos, gostava que as pessoas parassem de me julgar por ser de outro país”. O A22 “sim, gosto da escola, mas queria que os professores escrevessem mais no quadro para poder perceber melhor a matéria”. O A23 “sim, mas gostava que houvesse mais atividades extracurriculares”. O A40 afirma que “mais ou menos, mudaria a turma para mais carinhosa e aumentava as aulas de PLNM”. O A45 sugere que “devia haver mais atividades de brincadeira para aliviarmos a cabeça às vezes, porque estudamos muito e passamos muitas horas nas aulas”.

Para concluir aqui as respostas são demasiado variadas, cada aluno tem o seu sentimento e a forma como lida com ele. Foram vários os alunos que pediram para ter mais aulas de PLNM, isto demonstra vontade por parte destes alunos em progredir e aprender a língua portuguesa, pois também será uma forma de se integrarem melhor na escola.

3.3. Discussão dos resultados

Nesta fase pretende-se dar início à discussão de resultados acima analisados com o intuito de ir ao encontro dos objetivos de investigação e da literatura.

Portugal desde sempre é um país de contacto com diversas nacionalidades (Trindade, 1993). Góis & Marques (2018), afirmam que em 1999, sentiu-se um aumento exponencial da população migrante em Portugal, dando destaque aos migrantes vindos do Brasil e da Ucrânia.

No ano de 2021 verificou-se ainda, que a maioria dos migrantes vinham da América do Sul com (39,8%), dos quais se destacam os indivíduos de nacionalidade brasileira, registando-se um total de 199 810, (36,9%) (INE, I.P., 2022).

Segue-se Angola com cerca de 31 556 residentes, Cabo Verde regista 27 144 que diminuiu face a 2011 (38 895) (INE, I.P., 2022).

De modo a fazer uma breve caracterização dos professores do agrupamento de escolas de

Benavente, podemos afirmar que os mesmos têm idades compreendidas entre os 28 e os 63 anos, sendo a maioria do género feminino. A grande maioria dos professores têm como grau académico a licenciatura, apesar de haver professores mestres e com pós-graduações, sendo importante destacar que nenhum dos professores que lecionam neste agrupamento tem uma especialidade em migrantes.

De acordo com os professores do agrupamento de escolas de Benavente selecionados para a amostra, afirmam que nas suas turmas, existem diversas nacionalidades entre elas, Brasileira, Ucraniana, Paquistanesa, Moldava, Chilena, Francesa e Angolana.

Estamos assim perante turmas multiculturais, o multiculturalismo de acordo com Cortesão & Pacheco (1991), remete para a existência de diversas culturas na sociedade e ao qual se pretende entender/perceber as suas especificidades. Podemos concluir que estes alunos, a maioria não nasceu em Portugal.

De modo a fazer uma breve caracterização dos alunos migrantes selecionados para a amostra, podemos começar por aferir que estes têm idades compreendidas entre os 11 e os 17 anos, sendo que dos 47 alunos, 25 são do género feminino e 22 do género masculino, constatando-se que existe uma equidade. Em relação ao ano a frequentar, temos 4 alunos a frequentar o 5º ano, 9 alunos a frequentar o 6º ano, 10 alunos a frequentar o 7º ano, 12 alunos a frequentar o 8º ano, 9 alunos a frequentar o 9º ano e 3 alunos a frequentar o 10º ano.

No que toca à naturalidade dos alunos, temos 26 alunos brasileiros, 6 ucranianos (2 vieram devido ao conflito armado que se instalou no seu país), 3 alunos paquistaneses, 2 moldavos, 1 chileno, 1 francês e 1 angolano.

É ainda importante salientar que destes alunos, 2 já têm título de residência, pois a partir do momento em que frequentam o 7º ano podem os mesmos pedir junto do SEF através do Artigo 92. Existe um aluno que nasceu em Portugal sendo filho de pais migrantes, tendo este estado migrado em outro país posteriormente ao seu nascimento. Dois destes alunos têm dupla nacionalidade, e 3 já obtiveram a nacionalidade portuguesa uma vez que já se encontram a residir em Portugal há mais de 5 anos sem interrupções.

Relativamente ao número de anos a residir em Portugal, temos 17 alunos que residem há menos de 1 ano, 20 alunos residem cá entre 1 a 5 anos, 4 alunos residem entre 5 a 9 anos e 6 alunos residem há mais de 10 anos.

No que diz respeito à importância da chegada de crianças migrantes à escola, concluímos com base nos dados obtidos, através da entrevista semiestruturada aos professores que a escola não tem nenhuma estratégia definida de integração, isto é, cada professor adota a sua estratégia, correspondendo a um dos objetivos gerais traçados que consistia em conhecer quais as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças migrantes. Sendo que nesta, os

professores integraram os alunos em aulas de Português língua não materna, de modo a combater a barreira linguística e para que os mesmos consigam comunicar e compreender as matérias lecionadas. Existem professores que defendem que cada caso é um caso e o professor tenta adaptar estratégias que culminem nas necessidades dos alunos.

Muitos alunos migram com o intuito de progredir nos estudos, mas por vezes a sua integração no sistema educativo, nem sempre é a mais adequada, surgindo várias dificuldades de integração (Oliveira, 2022).

Com base nos depoimentos dos alunos entrevistados podemos concluir que as suas maiores dificuldades consistem na barreira linguística, por parte dos alunos brasileiros deram destaque a que apesar de falarem Português do Brasil, o Português tem muitas palavras diferentes e o sotaque também se torna impeditivo de compreender algumas palavras. Existe ainda, a questão da socialização que também acaba por derivar um pouco da barreira linguística que interfere na forma como os alunos se relacionam entre si e mesmo com os professores, pois nem todos os professores têm conhecimento sobre todos os idiomas com que chegam as crianças migrantes. Alguns alunos sentiram-se discriminados por parte dos professores sentindo aqui que os professores não os ajudaram da forma que eles pretendiam. As regras são outro fator a considerar pois cada país tem o seu método de ensino, sendo que o mesmo não é universal, aqui os alunos sentem uma diferença dando como exemplo que os professores em Portugal não são tão sérios comparativamente com os professores Ucrrianos e Moldavos. No caso dos alunos brasileiros sentem que o ensino em Portugal é mais rígido, tem mais disciplinas e maior carga horária face ao ensino Brasileiro.

Estas questões acabam por vezes por levar a comportamentos racistas, que segundo a UNESCO (1978) citado por Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, (2022), que integra comportamentos racistas, atitudes que promovem preconceito e o comportamento discriminatório para com o outro, temos ainda presente comportamentos xenófobos, que de acordo com declaração de Durban (2012), citado por Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & a Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial, (2022), podemos aferir que a xenofobia consiste num comportamento que viola os direitos humanos, neste caso em concreto direcionado para os migrantes. À prática de *bullying* para com as minorias, como foi relatado por alguns alunos, o *bullying* de acordo com Monteiro (2012), é visto como um comportamento onde um indivíduo tem, a intenção de magoar o outro de forma repetida, não inclui apenas atitudes/comportamentos agressivos mas também a nível psicológico, podendo provocar no outro crises de ansiedade, a negação de ir à escola o que acaba por colocar em causa a integração dos alunos em contexto escolar. As respostas obtidas por parte dos professores vão de encontro ao que os alunos dizem em termos de dificuldades sentidas.

A grande maioria dos professores afirma que não sentiu que os alunos tenham sido alvo de qualquer tipo de discriminação por parte dos alunos portugueses. Apesar de haver exceções e professores a constatarem o contrário e sentiram a necessidade de terem de intervir com a turma, um dos professores destaca que os alunos de etnia negra são aqueles que mais sofrem e sentem que os alunos ucranianos são os mais acarinhados, talvez pela sensibilização face à guerra.

De acordo com Ferreira (2007), a educação é um dos pilares fulcrais da integração da população migrante. A integração do migrante de acordo com a OIM (2009), no “processo através do qual o imigrante é aceite na sociedade, quer na sua qualidade de indivíduo quer de membro de um grupo. As exigências específicas de aceitação por uma sociedade de acolhimento variam bastante de país para país; e a responsabilidade pela integração não é de um grupo em particular, mas de vários actores: do próprio imigrante, do Governo de acolhimento, das instituições e da comunidade” (OIM, 2009, p.34).

Em relação à integração dos alunos na escola, as respostas variam um pouco, uns afirmam que realmente se sentem integrados outros nem por isso, é importante destacar que a maioria destes alunos conseguiram fazer novas amizades, têm uma boa relação com os professores assim como com as funcionárias da escola, considerando-os prestáveis. Alguns destes alunos não se sentem integrados uma vez que ou sofreram de comportamentos desadequados para com eles, ou por serem mais tímidos têm dificuldades em se integrarem com os colegas/professores.

A maioria dos professores sente que os seus alunos estão bem integrados na escola, sendo que existem sempre exceções, os professores voltaram a referir a questão da barreira linguística que interfere na integração dos alunos, mas que com o passar do tempo e com a aprendizagem da língua não materna, os mesmos se irão integrar melhor, sendo que cada aluno tem o seu tempo e a sua forma de reagir à adaptação.

De forma a incentivar e fomentar a integração dos alunos, existiram diversas iniciativas de modo a dinamizar atividades que colocaram os alunos em situação de partilha das suas realidades com os colegas, avaliação diferenciada das suas aprendizagens, materiais bilíngues, recurso a materiais que incluam realidades dos países de origem, há um professor que acaba por aproveitar um pouco as questões culturais para estabelecerem comparações e poderem promover a diversidade cultural, dando abertura para discussão de opiniões e pontos de vista distintos. É de destacar que foi criado um grupo de teatro onde muitos alunos migrantes estão inseridos e são peças fundamentais para o desenvolvimento do mesmo, promovendo a diversidade cultural.

A diversidade cultural não deve ser olhada apenas de forma a haver uma diferença, mas sim como é importante que haja um enriquecimento mútuo entre os indivíduos (Bracons, 2018).

Sendo ainda fundamental de acordo com os professores trabalharem individualmente com

estes alunos migrantes e tentar integrá-los em grupos mistos (alunos migrantes e não migrantes) para fomentar relações e impulsionar uma melhor integração e uma educação inclusiva.

Podemos afirmar que a educação intercultural é uma educação para todos, incluindo todos os alunos independentemente das suas origens/características, havendo espaço para que se possa identificar e respeitar as diferenças entre os alunos. Esta educação tem como finalidade dar resposta à diversidade cultural, reconhecendo o pluralismo cultural sendo que só assim conseguimos chegar à educação inclusiva.

De uma maneira geral, os alunos afirmam que quando chegaram à escola foram bem recebidos, isto demonstra que o processo inicial correu bem, mas salientam ainda que à medida que se vão conhecendo, surgem algumas dificuldades.

De acordo com os professores, podemos afirmar que a grande maioria dos EE demonstram interesse no percurso escolar do seu educando, tentando perceber como é que estão as suas notas, como é o seu comportamento em sala de aula, tentam pedir algum feedback de como está a ser a integração do seu educando.

Um dos professores destaca uma questão interessante que consiste em que quanto mais o encarregado de educação do aluno estiver presente, melhor será o seu desempenho e mais motivado se irá sentir, caso contrário o seu educando poderá acabar por se desleixar com os estudos.

Por fim, é imprescindível deixar algumas recomendações, de modo a fomentar a integração destes alunos migrantes, que sejam desenvolvidas ações de sensibilização para prevenir e acabar com os comportamentos desadequados, nomeadamente comportamentos racistas, xenófobos e a prática de *bullying*.

Considero importante que também haja por parte das auxiliares de ação educativa nos intervalos uma maior atenção para os vários tipos de comportamentos, de modo a evitar que haja racismo e preconceito perante os alunos migrantes.

Seria importante a criação de um guião de estratégias para a integração das crianças migrantes (protocolo de atuação).

Sugere-se ainda a possibilidade de integrar um assistente social neste agrupamento de modo a culminar as necessidades e fragilidades sentidas por estes alunos, podendo ser a nível económico, como em parceria com o CLAIM de Benavente haver uma articulação e um contacto mais próximo com as escolas. Aqui, neste contexto, o assistente social poderia ainda, apoiar os alunos e dar a conhecer as formas que existem junto do SEF para a obtenção do TR, quando existe essa intenção.

Considerações finais

A realização desta dissertação teve como ponto central perceber se as crianças migrantes se sentem acolhidas e integradas nas escolas. Neste processo foram entrevistados 47 alunos e 24 professores do Agrupamento de Escolas de Benavente com o intuito de perceber como é a integração dos alunos e como os professores se sentem com a receção destes alunos.

Com a realização deste trabalho concluímos que fomos de encontro com os objetivos gerais que eram os seguintes:

- Conhecer a perceção dos estudantes migrantes do 2.o e 3.o ciclo sobre a sua integração em contexto escolar;
- Identificar as estratégias adotadas pelos professores para promover a integração das crianças migrantes.

Conseguimos através dos dados concluir que a maioria dos alunos se sentem integrados, mas que ainda existe um longo caminho que a escola em colaboração com os professores tem a fazer para que se possa abranger todos os alunos.

Para que os alunos se sentissem integrados e acolhidos, conseguimos perceber que a maioria dos professores sentiu necessidade em adotar algumas estratégias definidas pelos mesmos dando destaque a que os alunos frequentem a disciplina de Português Língua não Materna (PLNM), a escola em si não tem nenhum programa definido para o acolhimento e integração destas crianças. Cada professor em função com a necessidade de cada aluno acaba por adotar a estratégia que acha melhor para o aluno. Com base nos depoimentos dos professores conseguimos afirmar que apesar de a maioria dos alunos se sentirem integrados e que foram bem acolhidos existiram exceções, nomeadamente relatadas pelos próprios professores e pelos alunos, sendo que aqui os docentes tiveram uma boa intervenção de modo a combater estes comportamentos desadequados, nomeadamente a prática de bullying dos alunos nacionais para com os alunos de nacionalidade estrangeira. Os professores apontaram como principais dificuldades a barreira linguística, a comunicação e consequentemente a sua interpretação.

Os Professores mencionaram ainda, que a diversidade cultural na escola é uma mais-valia mas nem todos os docentes estão preparados, apontando algumas condicionantes, nomeadamente o espaço/ tempo, e afirmaram que próprio ensino português não está preparado.

Por parte dos alunos, conseguimos concluir que a maioria se sente integrado e constataram que foram bem recebidos, apesar de haver exceções. Os alunos destacaram as grandes dificuldades sentidas quando chegaram à escola e que vão de encontro com as que os professores sentem, nomeadamente a barreira linguística que é algo que impede um pouco o contacto limitando a interação entre os alunos e professores, pois nem todos os professores têm conhecimento fluente de todos os

idiomas, outra das razões que os alunos afirmaram foi a questão de haver comportamentos desadequados por parte dos alunos já residentes para com eles, nestes casos os professores também tentam intervir de modo a minimizar os danos que podem criar naqueles alunos. Uma questão interessante que um aluno destacou quando diz que se sente “invisível” na escola, será importante perceber o que realmente se passa e o motivo pelo qual sente que o professor não lhe dá o devido acompanhamento. Os alunos de maneira geral sentem que foram bem recebidos, os alunos demonstraram alguns sentimentos em relação à escola como medo, vergonha, felicidade, tristeza e solidão, destacando que a grande maioria se sente realizada e feliz.

Uma questão fundamental é também perceber se os encarregados de educação têm interesse em acompanhar o seu educando sendo que constatámos que a grande maioria tem essa preocupação, gosta de saber como estão as suas notas, como está o processo de integração e perceber os materiais que necessitam para as aulas, este acompanhamento é fundamental, uma vez que também transmite aos alunos uma maior segurança e empenho.

De uma maneira geral compete ao assistente social, no âmbito escolar acompanhar os alunos e o seu agregado familiar, não se focando apenas na sua aprendizagem, mas também no seu meio envolvente.

De realçar a importância das escolas terem um assistente social, como mediador intercultural, efetuarem advocacia interna, realizarem ações de prevenção junto dos alunos e dos encarregados de educação.

O assistente social tem um papel fundamental como mediador, uma vez que ao longo do seu percurso académico adquire ferramentas teóricas e éticas essenciais, nomeadamente a escuta ativa e a compreensão, sendo mais sensível e realista, que irá contribuir para a interação com os alunos de modo a tentar detetar as suas fragilidades, tendo sempre realçado a sua preocupação com a resolução do problema manifestado.

Seria importante refletirem sobre a possibilidade de reforçarem as aulas de PLN, tendo sido algo em que os alunos manifestaram um grande interesse. Outra sugestão seria a realização de ações de sensibilização junto dos alunos, divulgando questões como o *bullying*, sendo essa uma problemática atual e que se deve combater. Seria ainda interessante que os alunos pudessem partilhar as suas culturas para que os alunos portugueses conhecessem as suas realidades, podendo assim haver a partilha de diferentes experiências. Por fim, propunha a comemoração de dias importantes, nomeadamente, o dia da interculturalidade, onde poderiam criar um espaço de partilha, onde os alunos poderiam expor trabalhos relevantes e de acordo com a sua cultura.

É fundamental haver um grande trabalho de equipa entre todos os profissionais na área da educação, com o intuito de melhorar e impulsionar as questões da integração destes alunos, criando um programa/ modelo estratégico para uma escola inclusiva.

Referências bibliográficas

Alto Comissariado para as Migrações, I.P. & Comissão para Igualdade e Contra a Discriminação Racial. (2022). Guia para a Prevenção e Combate à Discriminação Racial nas Escolas.

Alto Comissariado para as Migrações. Políticas Locais de Acolhimento e Integração de Imigrantes. [db2ceaab-68e6-4e83-a04b-b8ef0a997f56 \(acm.gov.pt\)](https://acm.gov.pt/db2ceaab-68e6-4e83-a04b-b8ef0a997f56)

Araújo, Maria Isabel (2008). Representações sociais da escola e da família: uma perspectiva de pais numa escola do ensino básico. [Master's thesis Universidade Aberta]. Repositório aberto. Universidade Aberta. Disponível em: [Maria Isabel Pires Araújo \(uab.pt\)](https://uab.pt/Maria%20Isabel%20Pires%20Araujo)

Leiva, Juan, & Bracons, Hélia (2019). La Educación Intercultural en la Formación Inicial del Profesorado: la voz de los docentes universitarios. In Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação.

Bracons, Hélia & Leiva, Juan (2019). A relevância da interculturalidade para uma prática mais inclusiva em trabalho social. In Livro de atas do II Congresso Internacional de Mediação Social: a Europa como espaço de diálogo intercultural e de mediação.

Branços, Hélia. (2018). Interculturalidade: Elementos para uma melhor compreensão. Edições Lusófonas.

Botas, Dilaila Olivia dos Santos (2017). Histórias que a escola conta: integração de crianças imigrantes no 1º ciclo de escolaridade. [Doctoral dissertation, Universidade Aberta]. Repositório aberto. Universidade Aberta. [TD_DilailaBotas.pdf \(uab.pt\)](https://uab.pt/TD_DilailaBotas.pdf)

Brey, Elisa (s/d). Crianças Migrantes / Migrant Children. Universidad Complutense de Madrid, España. <https://doi.org/10.21814/uminho.ed.36.19>

Candau, Vera Maria. (2008). Direitos Humanos, Educação e Interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação.

Caré, Maria Júlia Gomes Henriques. (2010). Ciganos em Portugal: Educação e Género. [Master 's thesis, Universidade de Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. Universidade de Lisboa.

[ulfp037384_tm.pdf](#)

CLAIM -Benavente (2022).

Convenção dos Direitos da Criança (2019).

https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Cortesão, Luiza. Pacheco, Natércia Alves (1991). O conceito de Educação Intercultural: Interculturalismo e Realidade Portuguesa.

Costa, Paulo Manuel. (2015). O interculturalismo político é a integração dos migrantes: caso português. [Master 's thesis, Universidade Federal de Santa Catarina].Repositório da Universidade Aberta.https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/4529/1/interculturalismo_politico_planos41427-137472-1-PB.pdf

Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural, (2001).

[https://www.google.com/search?q=DECLARA%C3%87%C3%83O+UNIVERSAL+SOBRE+A+DIVERSIDADE+CULTURAL%2C+\(2001\).&oq=DECLARA%C3%87%C3%83O+UNIVERSAL+SOBRE+A+DIVERSIDADE+CULTURAL%2C+\(2001\).&aqs=edge..69i57j0i22i30l2.486j0j1&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com/search?q=DECLARA%C3%87%C3%83O+UNIVERSAL+SOBRE+A+DIVERSIDADE+CULTURAL%2C+(2001).&oq=DECLARA%C3%87%C3%83O+UNIVERSAL+SOBRE+A+DIVERSIDADE+CULTURAL%2C+(2001).&aqs=edge..69i57j0i22i30l2.486j0j1&sourceid=chrome&ie=UTF-8)

Declaração de Salamanca. (1994).

[Declaração de Salamanca \(pnl2027.gov.pt\)](#)

Diário da Republica.

[Declaração Universal dos Direitos Humanos \(dre.pt\)](#)

Diário da República. Constituição da República Portuguesa.

<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/decreto-aprovacao-constituicao/1976-34520775>

- Estrela, Carla Susana Manso. (2014). Multiculturalidade na educação: a integração de alunos de origem estrangeira na Escola Secundária da Baixa da Banheira. . [Master 's thesis, Universidade do Lisboa]. Repositório da Universidade de Lisboa. <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/8423/1/Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20dos%20resultados%20Question%C3%A1rios.pdf>
- Ferreira, Margarida Rosa Borges de Frias. (2007). Escola e Diversidade Exógena: Um estudo de caso sobre a integração dos alunos imigrantes numa escola básica dos 2º e 3º ciclos. [Master 's thesis, Universidade do Porto]. Repositório da Universidade do Porto. [Repositório Aberto da Universidade do Porto: Escola e diversidade cultural exógena: um estudo de caso sobre a integração dos alunos imigrantes numa escola básica dos 2º e 3º ciclos \(up.pt\)](#)
- Fonseca, Raquel Filipa Coutinho. (2021). Diversidade Cultural em Contexto Educativo: Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo de Ensino Básico. [Master 's thesis, Universidade de Coimbra]. Repositório Comum. [Repositório Comum: Diversidade cultural em contexto educativo \(rcaap.pt\)](#)
- Giroux, H. (1993). La escuela y la lucha por la ciudadanía. Madrid: Siglo XXI editores.
- Góis, Pedro & Marques, José Carlos. (2018). Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos. [Retrato de um Portugal migrante: a evolução da emigração, da imigração e do seu estudo nos últimos 40 anos \(openedition.org\)](#)
- González, María José Arroyo. (2013). La Educación Intercultural: un camino hacia la inclusión educativa. Revista de Educación Inclusiva, ISSN 1889-4208 Inclusive Education Journal, Junio, 2013, Vol. 6 (2).
- Guerra, Elaine Linhares de Assis. (2014). Manual de pesquisa qualitativa. Grupo anima educação.
- Hartwig, Fátima Bandeira. (2016). “Integração de alunos imigrantes e refugiados no Instituto Federal de Brasília - IFB”. [Master 's thesis, Instituto Politécnico de Santarém]. Repositório Científico do Instituto Politécnico de Santarém. IPS- Escola Superior de Educação. [TESE PRONTA FATIMA.pdf \(ipsantarem.pt\)](#)

- Hortas, Maria João. (2013). Educação e imigração: a integração dos alunos imigrantes nas escolas do ensino básico do centro histórico de Lisboa Hortas, Maria João. (2013). Observatório da Imigração.
- INE. (2022). O que nos dizem os censos sobre a população de nacionalidade estrangeira residente em Portugal.
- Lourenço, A. L. S. (2021). Entre culturas: Olhares sobre a integração e inclusão em contexto social e escolar numa cidade dos Alpes Franceses. [Doctoral Dissertation. Instituto politécnico de Leiria]. Repositório institucional de informação científica do instituto politécnico de Leiria.
- Marconi, Marina De Andrade & Lakatos, Eva Maria. (2017). “Técnicas de Pesquisa”. Editora Atlas, S.A.
- Marconi, Marina De Andrade & Lakatos, Eva Maria. (2003). “Fundamentos de Metodologia Científica”. Editora Atlas, S.A.
- Martins, Inês Casquilho Duarte. (2015). Políticas de Imigração e Integração: intervenção do Serviço Social. [Doctoral dissertation, ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. Instituto Universitário de Lisboa . [2357-9162-1-PB\(1\).pdf \(iscte-iul.pt\)](https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/2357-9162-1-PB(1).pdf)
- Malheiros, Jorge Macaísta. (2011). Promoção da interculturalidade e da integração de proximidade. (Manual para técnicos). Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural. (ACIDI, I. P.)
- Monteiro, Maria Irene C. Cerqueira Pereira Aguiar. (2012). A Violência em Contexto Escolar “Bullying” e A Importância da Animação Socioeducativa na Mediação de Conflitos e Apoio ao Aluno. [Master 's thesis, Instituto Politécnico de Coimbra]. Repositório Institucional do Instituto Politécnico de Coimbra. Instituto Politécnico de Coimbra. [Repositório Comum: A violência em contexto escolar "Bullying": a importância da animação socioeducativa na mediação de conflitos e apoio ao aluno \(rcaap.pt\)](https://repositorio.rcaap.pt/handle/10362/10362-1-PB(1).pdf)
- OIM. (2009). “Glossário sobre Migração - Direito Internacional da Migração”.

[b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b \(acm.gov.pt\)](https://acm.gov.pt/b66532b2-8eb6-497d-b24d-6a92dadfee7b)

Oliveira, Catarina Reis. (2022). Indicadores de Integração de Imigrantes - Relatório Estatístico Anual.

Oliveira, Ana. Galego, Carla. (2005). A Mediação sociocultural: Um PUZZLE construção. (Observatório da Imigração:14).

Pinheiro, Daíse Cristina de Sá. O papel do plano de comunicação preventivo em momento de crise na organização. 2005. [Master 's thesis Universidade Federal de Goiás]. Repositório BC. UFG. Universidade Federal de Goiás.
<https://repositorio.bc.ufg.br/riserver/api/core/bitstreams/6427094f-536e-4728-9b74-2708ff4bf9af/content>

Ramos, Natália. (2001). Comunicação, interculturalidade para uma comunicação intercultural. Revista pedagógica portuguesa. [Master 's thesis Universidade Aberta]. Repositório aberto. Universidade Aberta. [Repositório Aberto: Comunicação, cultura e interculturalidade : para uma comunicação intercultural \(uab.pt\)](https://repositorio.aberta.pt/communica%C3%A7%C3%A3o%20intercultural)

Ramos, Natália. (2007). Sociedades Multiculturais, Interculturalidade e educação - Desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos. [Master 's thesis Universidade Aberta]. Repositório aberto. Universidade Aberta. [Repositório Aberto: Sociedades multiculturais, interculturalidade e educação : desafios pedagógicos, comunicacionais e políticos \(uab.pt\)](https://repositorio.aberta.pt/sociedades%20multiculturais%20interculturalidade%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o%20desafios%20pedag%C3%B3gicos%20comunicacionais%20e%20pol%C3%ADticos)

Ramos, Natália. (2009). Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural. [Repositório Aberto: Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural: políticas e estratégias de promoção do diálogo intercultural \(uab.pt\)](https://repositorio.aberta.pt/diversidade%20cultural%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20intercultural%20pol%C3%ADticas%20e%20estrat%C3%A9gias%20de%20promo%C3%A7%C3%A3o%20do%20di%C3%A1logo%20intercultural)

Rampazo, Gabriela Cavalcante. (2019). “Ser Criança e ser Refugiada: Vivências, identidades e culturas infantis em um Jardim da Infância - o ponto de vista das crianças”. [Master 's thesis, ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. Instituto Universitário de Lisboa. [Repositório do Iscte – Instituto Universitário de Lisboa: Ser criança e ser refugiada:](https://repositorio.iscte-iul.pt/ser%20crian%C3%A7a%20e%20ser%20refugiada)

[vivências, identidades e culturas infantis em um jardim da infância - o ponto de vista das crianças \(iscte-iul.pt\)](#)

Reis, Felipa Lopes dos (2010). Guia prático: Como Elaborar uma Dissertação de Mestrado segundo Bolonha. Pactor.

Reis, Felipa Lopes dos (2018). “Investigação Científica e Trabalhos Académicos- Guia Prático”. Edições Sílabo.

Romero, Patricia Elizabeth Benitez (2017). Multiculturalismo: Diversidade cultural na escola. [Master 's thesis, Universidade Fernando Pessoa]. Repositório Institucional Universidade Fernando Pessoa . Universidade Fernando Pessoa- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. [Repositório Institucional da Universidade Fernando Pessoa: Multiculturalismo: diversidade cultural na escola \(ufp.pt\)](#)

Sabariego, Marta (2002). “*La educación intercultural ante los retos del siglo XXI*”. [Vista de Marta Sabariego Puig \(2002\). La educación intercultural ante los retos del siglo XXI. Bilbao: Desclée, 260 pp. \(unav.edu\)](#)

SEF. Artigo 92 – autorização de residência para estudantes do ensino secundário, de cursos de níveis de qualificação 4 ou 5 do qnq ou de cursos de formação profissional. <https://imigrante.sef.pt/solicitar/estudar/art92/>

Serrano, Gloria Pérez (2008). Elaboração de Projetos Sociais- Casos Práticos. Porto Editora.

Silva, Gilberto Ferreira (2004). Sociedade Multicultural: Educação, Identidade (s) e Cultura(s). <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/383/280>

Site da ONU. Migrações- Nações Unidas (2022, 18 de Fevereiro). [Migrações - Nações Unidas - ONU Portugal \(unric.org\)](#)

Trindade, Maria Beatriz Rocha (1993). Perspectivas sociológicas da interculturalidade. [1223292775S5wUL0ix4Wv26XQ7.pdf](#)

United Nations (1953). International Migration Statistics: Organization and Operation Recommended Standards Sampling. Statistical Papers, Series M, No. 20. Sales No. E.53.XIII.10. https://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/SeriesM_20E.pdf.

United Nations (1998). “Statistical Papers Series”. Recommendations on Statistics of International Migration, Revision 1. Statistical Papers, Series M, No. 58, Rev.1. Sales No. E.98.XVII.14.

Vieira, Flora Conceição Queirós Rodrigues (2011). A Educação Intercultural: um contributo fundamental para o desenvolvimento pessoal e social do aluno. [Master's thesis, Universidade da Beira Interior]. Repositório institucional da Universidade da Beira Interior. [Tese Final Flora Vieira.pdf \(ubi.pt\)](#)

Apêndices

Apêndice I - Guião de entrevista aos professores

Idade: _____

Género: _____

Habilitações literárias: _____

Número de anos a lecionar: _____

Número de anos na escola: _____

Número de alunos de outra cultura: _____

1. Com a chegada de crianças/jovens migrantes a escola adotou alguma estratégia de integração?
Se sim, quais?

2. Sente necessidade de a escola promover medidas de integração para estes alunos?

3. Quais as maiores dificuldades sentidas com os alunos migrantes?

4. Sente que os alunos migrantes foram bem recebidos pelos colegas ou existiu algum conflito?

5. Sente que existiu algum tipo de discriminação para com estes alunos?

6. De maneira geral, sente que os docentes estão preparados para a diversidade cultural? Quais os benefícios da diversidade?

7. Os pais demonstram interesse no percurso escolar dos seus educandos? Se sim, quais?

-
-
8. Acha que os alunos de ascendência migrante se encontram bem integrados socialmente nesta escola?

-
-
9. Considera que a experiência acumulada ao longo dos últimos trinta anos tem contribuído para encontrar respostas destinadas a lidar com estes novos públicos?

-
-
10. Houve algum tipo de concertação institucional para construir condições de acolhimento pedagógico e curricular dos alunos de ascendência migrante?

-
-
11. Considerando os alunos representados nesta escola, indique p.f. quais os grupos que têm melhor desempenho escolar e os que têm pior desempenho.

-
-
12. Que condições particulares foram criadas, na escola ou no agrupamento, para integrar estes alunos de ascendência migrante nas atividades escolares?

-
-
13. A presença de filhos de imigrantes na escola tem-no levado a adoptar novas iniciativas na sala de aula?

-
-
14. Que iniciativas têm desenvolvido para integrar os alunos de ascendência migrante no plano curricular/ nas atividades escolares?

Apêndice II - Guião de entrevista aos alunos

Caraterização

Idade: _____

Género: _____

Data de nascimento: _____

Ano/Turma: _____

Nacionalidade: _____

1. Nasceste em Portugal?

Sim	
Não	

1.1 Se não, onde nasceste?

2. Há quantos anos resides em Portugal? (assinala com uma cruz X)

menos de 1 ano	
1-5 anos	
5-9 anos	
Mais de 10 anos	

3. Onde nasceram os teus pais?

4. Tens irmãos? Se sim, quantos?

5. O teu/teus irmão/ irmãos estudam cá na escola ?

Sobre a escola

6. Frequentaste sempre esta escola?

Sim	
Não	

Se responder não, qual a escola anterior?

7. Já chumbaste/repetiste algum ano?

Sim	
Não	

Se sim, em que ano?

8. Quais as maiores dificuldades que sentiste quando chegaste à escola?

9. Quando chegaste fizeste amigos? Como foste recebido?

10. Como te sentes na escola (Triste, feliz, medo, vergonha...).

11. Sentes-te integrado na escola? Como?

Sim	
Não	

12. Alguma vez te sentiste discriminado na escola? Se sim por parte de quem?

Sim	
Não	

12.1 Se sim,o que aconteceu/ qual o motivo?

13. Como é a relação com os professores? Foi fácil a comunicação e a interação?

14. Enumera as diferenças entre a tua antiga escola e a atual.

15. Gostas de estudar?

Sim	
Não	

16. Com que frequência estudas?

17. Tens apoio no estudo?

18. Como é, em geral, a tua relação com os colegas professores e funcionários?

19. Gostas da escola? Se pudesses, o que poderia melhorar para te sentires mais integrado?

Apêndice III - Grelha de análise de Conteúdo receptiva às Entrevistas realizadas aos Professores

Categorias	Subcategorias		Codificação das entrevistas
Caraterização	Idade	28	P10;
		29	P11;
		39	P12;
		43	P1;
		46	P15; P20; P21; P22;
		47	P9;
		48	P3; P4;
		49	P13;
		50	P6; P24;
		51	P2;
		52	P17;
		53	P23;
		55	P7; P14;
		59	P8;
		62	P5; P18; P19;
		63	P16;
	Género	Feminino	P1; P2; P3; P5; P6; P7; P8; P9; P13; P15; P16; P17; P18; P19; P20;

			P21; P22; P23; P24;
		Masculino	P4; P10; P11; P12; P14;
	Habilitações literárias	Licenciatura	P1; P2; P3; P4; P5; P6; P7 (Licenciatura em Ensino - Port/Ing e pós graduação em Avaliação); P8; P9; P13; P15; P16; P18; P19 (Licenciatura em Engenharia e especialização em Informática (programação e bases de dados); P22; P23 (Licenciatura em Ensino de Português e Francês); P24;
		Licenciatura + Mestrado	P10; P11; P14; P20; P21;
		Licenciatura + Pós-Graduação	P12; P17;
	Número de anos a lecionar	18	P1;P12;
		21	P2;
		20	P3; P4;
		28	P6; P17;
		32	P7;
		33	P8; P14; P16;
		23	P9; P15;
		2	P10; P11; P22;
		40	P5;

		25	P19;
		39	P18;
		14	P20; P21;
		29	P23;
		27	P24;
	Número de anos a lecionar nesta escola	1	P1; P3; P10; P11; P22;
		3	P2;
		5	P4;
		35	P5;
		8	P6;
		29	P7;
		18	P8;
		11	P9;
		2	P12; P14; P19; P20; P21; P22;
		12	P13; P17;
		16	P15;
		23	P16;
		33	P18;
		7	P23;
		4	P24;

	Número de alunos de outra nacionalidade/cultura	25	P1;
		4	P2; P3; P10 (3 Uranianos e 1 Angolano); P12; P23;
		35	P5;
		5	P4; P15;
		3	P5; P7; P18;
		13	P6;
		7	P8; P11; P13;
		10	P9; P16;
		2	P14; P17; P20; P21;
		24	P19;
		12	P24;
	Com a chegada de crianças/jovens migrantes a escola adotou alguma estratégia de integração? Se sim, quais?	P1 “Sim: procurar perceber as suas capacidades/dificuldades e integrá-los na turma” P2 “Não” P3 “Sim, encaminhamento PLNM” P4 “Sim, tentar "dialogar" com o tradutor” P5 “Sim, como determinado pelo governo português, criou a equipa multidisciplinar de acompanhamento aos alunos para introdução da língua portuguesa (na sequência da guerra na Ucrânia)” P6 “Não” P7 “Apoio e acompanhamento individual com aulas de Português Língua Não Materna (caso seja necessário); frequência do currículo por disciplinas; adaptações no processo ensino/aprendizagem e respetiva avaliação” P8 “Sim, a disciplina de PLNM” P9 “Não” P10 “Sim. Os alunos provenientes da Ucrânia, sem falar qualquer palavra de português, são integrados	

		nas turmas com outros 20 alunos. Muitas das vezes eles entendem 0 do que os colegas falam e o que o professor leciona” P11”As estratégias de intervenção e integração dos discentes variam de acordo com as dificuldades sentidas pelos mesmos. Com a escola a dar uma resposta distinta para cada caso, assim, se um(a) aluno(a) tiver dificuldades cognitivas, diversas adaptações ocorrerão ao nível de estratégias a implementar em sala de aula e, em casos extremos, poderá ocorrer uma análise mais simplificada das aprendizagens essenciais (AE). Se um discente possuir problemas relativos ao seu bem-estar pessoal e emocional, poderá ser encaminhado para os serviços de psicologia” P12”Apoio extraordinário” P13”Turma de PLNM, materiais adaptados, apoio mais individualizado” P14”Sim. Num dos casos tentei realizar atividades bilíngues, em todas as atividades desenvolvidas na disciplina. No outro caso, apoio na língua portuguesa aumentando a frequências de resolução de exercícios e de acompanhamento mais próximo enfatizando o feedback” P15”Sim. Proporcionei diferenciação pedagógica, dei aulas de apoio extra, integrei-os em grupos de trabalho, procurei saber quais os seus interesses e motivações promovendo atividades que já conheciam fazendo-os sentir "orientados" P16”Sim, adaptação às suas aprendizagens” P17”Não” P18”Frequência de Português língua não materna” P19”Trabalho em grupo” P20”Não, nenhuma estratégia específica e particular para migrantes” P21”Apenas no caso de um aluno ucraniano (aulas de PLNM) durante as primeiras semanas” P22”Não” P23”Sim. Procurei que esses alunos tivessem aulas de Português Língua Não Materna” P24”Sim, apoios pedagógicos”
	Sente necessidade de a escola promover medidas de integração para estes alunos?	P1”Sim” P2 “Sim” P3”Sim” P4”Sim” P5”A necessidade varia de aluno para aluno”

		P6”Sim” P7”Não” P8”Sim” P9”Sim” P10”Sim” P11”Sim, especialmente na fase de adaptação ao novo meio. Felizmente, a maioria dos jovens e crianças têm uma maior facilidade em afastar-se a meios distintos” P12”Sim” P13”Sim” P14”NS/NR” P15”A escola tem promovido atividades, a sua integração tem sido uma preocupação” P16”Sim” P17”Sim” P18”Sim” P19”Já promove” P20”Sim, horas de apoio para recuperação de aprendizagens e acompanhamento individualizado e/ou em pequeno grupo” P21”Sim” P22”Sim” P23”Sim” P24”Sim”
	Quais as maiores dificuldades sentidas com os alunos migrantes?	P1”Comunicação” P2 “Interpretação” P3 “A necessidade de não falantes frequentarem as aulas em língua portuguesa e a dificuldade em prestar um apoio mais individualizado, impossibilitado pela dimensão dos grupos-turma” P4” A língua” P5”A língua” P6”A língua, especialmente dos alunos oriundos dos países asiáticos” P7”Comunicação oral e escrita” P8”A barreira da língua” P9”Estratégias de aprendizagem diferentes para eles apreenderem os conteúdos” P10”Barreira linguística no caso dos alunos ucranianos” P11”A língua pode ser uma barreira, mesmo no caso de alunos Brasileiros, dado que o uso de expressões quotidianas podem não ser compreendidas. As diferenças culturais também são um fator de segregação, bem como a diferença

		étnica, que se faz sentir com maior prevalência em regiões menos urbanizadas, onde "o diferente" induz desconfiança nos pais e alunos, que caso não seja combatida, é convertida num medo irracional" P12"Integração e Atividades para Domínio da Língua" P13"A Língua" P14"A Língua" P15"A compreensão da língua portuguesa" P16"Sinto que a maior dificuldade é mesmo o facto de sentir que os alunos não estão focados nas aprendizagens e considerar pouco responsáveis" P17"Adequação a um novo contexto escolar (regras de funcionamento da escola no geral; regras de sala de aula)" P18"Dificuldades de comunicação" P19"A língua, entenderem bem" P20"Acompanhar o conteúdos (a maioria dos alunos é oriunda de sistemas de ensino estrangeiros)" P21"Dominar a língua portuguesa e/ou acompanhar os conteúdos (os sistemas de ensino/programas estrangeiros são por vezes muito diferentes do português)" P22"Não tive, pois falam a mesma língua" P23"A língua e os hábitos culturais" P24"Comunicação e a falta de assiduidade dos mesmos"
	Sente que os alunos migrantes foram bem recebidos pelos colegas ou existiu algum conflito?	P1 "foram bem recebidos, mas teve de desenvolver algum trabalho de sensibilização com a sua turma para os consciencializar falando sobre a diversidade cultural, a importância do respeito pela diferença de modo a que estes alunos acolheram os novos alunos de forma digna, sem preconceito" P2 "Foram bem recebidos" P3"Não houve qualquer tipo de conflito, os alunos foram bem recebidos e integrados" P4"Foram bem recebidos" P5"Foram bem recebidos" P6"Foram bem acolhidos pelos colegas de turma e alguns docentes. Outros docentes mostraram-se desagradados com a sua integração nas suas turmas porque isso lhes traria trabalho acrescido" P7"No geral são bem recebidos, pois há por parte

		do conselho de turma uma preparação/sensibilização para a sua integração” P8”Na minha direção de turma existiu um caso de bullying entre quatro alunos para com um aluno de nacionalidade estrangeira, sendo que os alunos foram chamados à atenção tendo tido uma conversa com a turma toda, de forma a sensibilizar e consciencializar a turma inteira sobre esses maus comportamentos, que afetam o desenvolvimento do aluno” P9”Bem recebidos“ P10”Não, do que observo vejo que os colegas tentaram integrar o colega estrangeiro da melhor forma” P11”De uma maneira geral, penso que a maioria dos alunos foram bem recebidos e adaptaram-se bem ao modus operandi escolar” P12”Integração e Atividades para Domínio da Língua” P13”Sim, foram bem recebidos em especial os ucranianos, talvez devido a estarem mais sensibilizados devido à guerra” P14”Bem recebidos” P15”Sim” P16”Sim” P17”Sim, foram bem acolhidos embora fosse necessário algum trabalho de sensibilização relacionadas com o acolhimento a alunos provenientes de outros países” P18”Bem recebidos” P19”Sim” P20”Foram muito bem recebidos!” P21”Foram muito bem recebidos!” P22”Foram bem recebidos” P23”Sim” P24”Bem recebidos”
	Sente que existiu algum tipo de discriminação para com estes alunos?	P1”Não” P2 “Não” P3 “Não” P4”Não” P5”Não” P6”Alguma, sim” P7”Não conheço nenhum caso relativo aos meus alunos” P8”Sim”

		P9”Não” P10”Não” P11”Senti que discentes de etnia negra foram os mais submetidos a comentários racistas, algo não tolerado dentro e fora de sala de aula. Em termos de contraste, os alunos ucranianos foram os mais acarinhados pelos alunos (provavelmente devido à questão da guerra da Ucrânia com a Rússia)” P12”Não” P13”Não” P14”Não” P15”Não” P16”Não” P17”Não” P18”Não” P19”Não” P20”Não” P21”Não” P22”Não” P23”Não” P24”Não”
	De maneira geral, sente que os docentes estão preparados para a diversidade cultural? Quais os benefícios da diversidade?	P1 “Sim; aprendizagem mútua” P2 “Sim estão. A diversidade introduz diferentes metodologias” P3 “Sim. O maior enriquecimento cultural e a possibilitar de partilhas interculturais” P4”Sim estão preparados, conhecimento de novas culturas” P5”Sim. O contacto entre culturas com o consequente enriquecimento de perspetivas entre os alunos” P6”Não, de todo. Depois há uns que se interessam em aprender mas a maioria tem de ser constantemente chamados à atenção sobre o trabalho que têm de desenvolver. Não adequam atividades e mantém os alunos nas salas sem tarefas destinadas” P7”Ainda não por parte de todos os docentes, mas que se pode chegar a esse nível, se continuarem o bom trabalho que têm vindo a desenvolver ao longo dos anos. Os benefícios são relativos ao enriquecimento pessoal com as diferenças culturais inerentes a cada nacionalidade e respetivas tradições as quais podem ser incluídas no trabalho com as turmas em diversas atividades/disciplinas” P8”Não”

		P9”Preparados estão. A dinâmica do ensino como está estruturado é que não” P10”Não sei” P11”Penso que os docentes têm de estar sempre preparados para o fator mudança, o ensino não é imutável. Penso que a maioria dos meus colegas estarão preparados para um aumento da diversidade cultural. Poderá ser uma mais valia na troca de ideias e enriquecimento cultural, contudo, poderão existir alguns pontos onde as diferenças culturais poderão ter impacto em certas áreas (ex: Biologia e estudo do aparelho reprodutor; História e a emancipação da mulher; e estudo da Cidadania), contudo, através do diálogo sobre estas questões, as aulas poderão ser mais interessantes e até mais produtivas” P12”Sim” P13”Não” P14”Não. Não existe tempo útil, para discussão da temática ou sequer de trabalho comum nesses sentido” P15”Nem sempre. A possibilidade de conhecer outros costumes, tradições...” P16”Por vezes não. Muitos alunos chegam a meio do ano escolar” P17”Penso que há trabalho a fazer nomeadamente no que toca à questão dos costumes trazidos por esses alunos bem como ao nível da língua, nomeadamente ao nível da língua estrangeira atendendo a que muitos não falam uma segunda língua que permita comunicar. Também ao nível da avaliação se levantam muitas dúvidas e questões. A diversidade na escola é uma mais valia, uma forma de aprendermos todos sobre o mundo em que vivemos porque permite a partilha de conhecimento, de vivências” P18”Não estão preparados nem podem fazer tudo o que acham correto por lidarem com esses alunos num grupo turma grande, por vezes com outros alunos com necessidades especiais” P19”Não sei, só posso falar por mim, e eu sinto-me preparada pois já lido com alunos estrangeiros há bastantes anos” P20”Estão preparados. No entanto, nem sempre o espaço/tempo de aula permite um melhor aproveitamento dessa diversidade” P21”Estão preparados. No entanto, nem sempre o
--	--	---

		espaço/tempo de aula permite um melhor aproveitamento dessa diversidade” P22”Não, se a língua e cultura foram completamente distintos da nossa” P23”Não. Contactar com novos hábitos e línguas” P24”Satisfatoriamente”
	Os pais demonstram interesse no percurso escolar dos seus educandos? Se sim, quais?	P1 ”Sim” P2 “Pouco” P3”Sim” P4”Sim, tentar perceber se os alunos se estão a integrar” P5”Não” P6”Sim, muito interesse e preocupação” P7”É variável” P8”Não” P9”Sim. A nível material” P10”Penso que uma integração na turma sem falar qualquer tipo de palavra em português, é algo que devia sofrer algum atraso pois os alunos deveriam ter um ensino mais intensivo da língua. No entanto, podiam ser integrados nas turmas em outra disciplinas mais práticas” P11”De uma forma geral, quanto mais interessado um encarregado de educação for, maior a probabilidade de o aluno se aplicar em sala de aula. Um desinteresse, por parte dos EE é acompanhado de um desleixo por parte dos seus educandos. Penso que para a inclusão chegar a esse nível, será necessária a reformulação de alguns conteúdos, de forma a analisar diferentes pontos de vista. (Ex: questão da Europa colonial e a escravatura em história)” P12”Sim, todos. A falta de recursos humanos inviabiliza um pouco as estratégias definidas” P13”Não” P14”NS/NR” P15”Sim, na medida do possível. Penso que sim, pela preocupação que demonstram em acompanhar os seus educandos, em conhecer os seus progressos e dificuldades” P16”Algum interesse” P17”Sim. Revelam preocupação com a sua integração, com o cumprimento de regras e aproveitamento” P18”Depende, há quem demonstre e quem não demonstre”

		P19”Sim, se tem boas notas, interessam-se pelos trabalhos que os filhos fazem nas aulas e gostam de conhecer o Professor, pelo menos comigo. Não, precisava de ter turmas mais pequenas” P20”Sim (O/A respetivo (a) diretor(a) de turma será a pessoa indicada para mencionar de que forma demonstram interesse), na minha perspetiva, não (faltam recursos humanos e crédito horário)” P21”Sim (o/a respetivo(a) diretor(a) de turma será a pessoa indicada para mencionar de que forma demonstram interesse)” P22”Sim” P23”Sim. Na minha direção de turma um encarregado de educação solicita em vários momentos feedback sobre a integração do seu educando” P24”Sim, mas nem sempre”
	Acha que os alunos de ascendência migrante se encontram bem integrados socialmente nesta escola?	P1 ”Sim” P2 “Sim” P3”Sim” P4”Sim” P5”Não conheço a generalidade. Não acho possível generalizar” P6”Não” P7”Penso que sim” P8“Não” P9”Sim” P10”Penso que sim” P11”Em termos gerais, penso que sim” P12”Sim” P13”Alguns” P14”Não tenho conhecimento suficiente para dizer sim ou não” P15”Sim” P16”De uma forma geral, sim” P17”Sim, embora existam casos pontuais de um menor grau de integração devido à barreira linguística” P18”Razoavelmente” P19”Sim” P20”Sim” P21”Sim” P22”Sim” P23”Sim” P24”Sim”

	Considera que a experiência acumulada ao longo dos últimos trinta anos tem contribuído para encontrar respostas destinadas a lidar com estes novos públicos?	P1 "Não" P2 "Sim" P3 "Sim" P4 "Sim" P5 "Sim" P6 "Nem sempre. Vão-se integrando à medida que o tempo passa" P7 "De alguma forma, sim" P8 "Não" P9 "Não" P10 "Pois não sei" P11 "Apesar de não ter muita experiência, enquanto docente, tive a oportunidade de conhecer diversas culturas e sentir as mesmas durante o meu percurso académico, incorporando costumes e modos de pensar. Penso que a ideia fundamental que se deve tirar do multiculturalismo é a de aprender o melhor que cada cultura nos tem para oferecer, não nos fechando enquanto pessoas, pois isso leva a uma inevitável estagnação (seja de ideias, crenças, atitudes, etc)" P12 "Sim" P13 "Tem sido uma realidade mais recente, no que concerne a alunos com mais diversidade de nacionalidades" P14 "Sim" P15 "Sim, na medida do possível" P16 "Sim, algumas" P17 "Sim...mas é necessário que se concretizem ao nível de medidas concretas para lidar com situações que por vezes são muito específicas" P18 "Não sei, mas sei que há burocracias que dificultam a integração" P19 "Sim" P20 "Sim, há respostas. Mas, por diversos motivos, não são aplicadas" P21 "Sim, há respostas. Mas, por motivos diversos, não são aplicados" P22 "Não sei" P23 "Não" P24 "Sim"
	Houve algum tipo de concertação institucional para	P1 "Não sei" P2 "Não" P3 "Sim, nomeadamente as aulas de Português Língua Não Materna" P4 "Sim"

	construir condições de acolhimento pedagógico e curricular dos alunos de ascendência migrante?	P5”Não tenho essa informação” P6”Houve a criação de um coordenador de Português Língua Não Materna” P7”Desconheço” P8”Não” P9”Sim” P10”Sim” P11”Não tenho conhecimento se tal mecanismo foi criado em anos anteriores” P12”Sim” P13”Sim, algumas estratégias” P14”N/S” P15”Criaram-se equipas multidisciplinares para acompanhar e orientar estes alunos no seu percurso escolar, proporcionar que participem em atividades extracurriculares, nomeadamente no Desporto Escolar, Biblioteca, Voluntariado, entre outros...” P16”Sim, para os alunos que não são oriundos de países de língua portuguesa” P17”Não” P18”Não” P19”Sim” P20”Desconheço” P21”Não tenho conhecimento” P22”Não sei” P23”Não” P24”Sim”
	Considerando os alunos representados nesta escola, indique p.f. quais os grupos que têm melhor desempenho escolar e os que têm pior desempenho.	P1 “Não sei” P2 ” Melhor desempenho os que se empenham e têm interesse” P3”Não sei responder” P4”Melhor desempenho europa de leste, pior Brasil” P5”Os alunos provenientes dos países de leste são mais trabalhadores e disciplinados, pelo que, na generalidade, têm melhor desempenho escolar” P6”Melhor desempenho: os que seguem cursos profissionais e alguns oriundos da Ucrânia. Pior desempenho: oriundos do Paquistão (constrangimentos da língua, aspetos culturais muito divergentes dos nossos)” P7”No geral, os alunos dos países de leste revelam mais hábitos de trabalho, interesse e atingem melhores resultados” P8”Com melhor desempenho, são os de leste. Com pior desempenho, são os indianos”

		P9”Moldávia e ucranianos têm melhor desempenho escolar” P10”Não sei” P11”Analisando os casos dos meus discentes, diria o grupo mais díspar é o de discentes brasileiros, com alguns a serem os meus melhor alunos, em termos académicos e outros a terem resultados muito fracos. O que me apercebi é que há um período de adaptação necessário para este grupo de alunos, devido às diferenças de ensino entre os dois países” P12”Não tenho informação para responder a esse item” P13”Não sei responder” P14”N/S” P15”Não consegui fazer estes grupos, todos os alunos demonstraram empenho em melhorar” P16”Não tenho conhecimento” P17”Não sei precisar” P18”Dos meus atuais alunos os que têm melhor desempenho vieram do Brasil, com pior desempenho da Moldávia, devido ao desconhecimento do Português e também do Inglês” P19”Os alunos vindos do Brasil tem, no geral, bom desempenho e alguns vindos da Ucrânia. Mas é um pouco variado, existem também maus alunos estrangeiros” P20”Não sei precisar” P21”Não consigo precisar” P22”Melhor desempenho- brasileiros” P23”3ºciclo” P24”Melhor desempenho são os alunos de Leste. Pior desempenho são os alunos brasileiros e paquistaneses”
	Que condições particulares foram criadas, na escola ou no agrupamento, para integrar estes alunos de ascendência migrante nas atividades escolares?	P1 “ Não sei” P2 “Medidas de Aprendizagem e de inclusão” P3” Apresentação cultural das diferentes "nacionalidades" existentes no Agrupamento” P4”Núcleo PLNM” P5”Têm aulas de Português Língua Não Materna (PLNM)” P6”Foram colocados em turmas específicas juntos com colegas na mesma condição e foi criada uma turma de PLNM (exceto os da escola secundária), onde podem partilhar saberes e experiências e

		trabalhar em conjunto com os que estão no país há mais tempo. Isso ajuda na aquisição de aprendizagens” P7”Desconheço” P8”Celebração do Dia das Línguas, onde estes alunos puderam representar o seu país” P9”Plnm para aprender a língua” P10” N/A” P11”Todos os alunos têm igualdade de participação em todas as atividades escolares” P12”Apoio extraordinário e constituição de uma equipa de intervenção” P13”Turma de PLNM” P14”NS” P15”Criaram-se equipas multidisciplinares para orientar e acompanhar os alunos no seu percurso escolar” P16”Alguns apoios” P17”Celebração do dia das Línguas” P18”Não tenho conhecimento de nada” P19”Os alunos vindos do Brasil tem, no geral, bom desempenho e alguns vindos da Ucrânia. Mas é um pouco variado, existem também maus alunos estrangeiros” P20”Alguns usufruíram de apoio de PLNM” P21”Alguns têm aulas de PLNM” P22”Não sei” P23”Aulas de Português Língua Não Materna” P24”Apoios Pedagógicos”
	A presença de filhos de imigrantes na escola tem-no levado a adotar novas iniciativas na sala de aula?	P1”Sim” P2”Novas metodologias de ensino para poder ajudar o aluno” P3”Sim” P4”Sim” P5”Ocasionalmente” P6”Sim, uma vez que tenho de diversificar estratégias e trabalhos e utilizo muitas vezes os conhecimentos da aluna integrada na minha turma como enriquecimento” P7”Iniciativas de comunicação oral como forma de melhorar a integração” P8”Sim” P9”Não” P10”Os que já estão completamente integrados quer culturalmente ou linguisticamente, não” P11”Sinto que fico mais atento, para verificar se há

		algum potencial comentário xenófobo ou racista por parte de algum discente” P12”Sim” P13”Sim” P14”Sim” P15”Sim, quando planifico a aula tenho o cuidado de procurar atividades que promovam êxito e ao mesmo tempo partilha de saberes e saberes fazeres” P16”Algumas. São alunos que chegam com lacunas a nível de aprendizagens” P17”Sim” P18”Esporadicamente, sim” P19”Não, não preciso, o modelo de ensino que uso já permite dar apoio, apenas seria necessário reduzir a quantidade de alunos por turma, nestas turmas que tem alunos estrangeiros” P20”Por vezes” P21”Depende das circunstâncias, mas às vezes acabo por ter de me adaptar” P22”Sim” P23”Sim” P24”Por vezes”
	Que iniciativas tem desenvolvido para integrar os alunos de ascendência migrante no plano curricular/nas atividades escolares?	P1 “Tenho tentado adaptar as estratégias às suas necessidades” P2”Trabalho de pares/grupo” P3”Nomeadamente a partilha de experiências associadas aos seus países de origem” P4” Partilha de experiências dos diversos países” P5”Sendo professora de Português, estes alunos não frequentam as minhas aulas (só se forem brasileiros). Em relação a estes, são os aspetos culturais que são "aproveitados" para estabelecer comparações e promover a diversidade de opiniões e pontos de vista” P6”Integração numa de PLNMs e adequações curriculares para estes alunos” P7”Mais incentivo na participação oral e valorização do seu empenho” P8”Projeção de vídeos e audição de canções de diferentes países” P9”Nenhumas. Estão integrados” P10”Tento facilitar as tarefas e dar mais tempo para as executarem” P11”Todos os alunos são e foram bem-vindos nas diferentes atividades dinamizadas ao longo do ano letivo. A título de exemplo, no grupo de teatro

		temos vários elementos de ascendência migrante que são vitais na peça que estamos a desenvolver” P12”Nenhumas em específico” P13”Apoio mais individualizado, fichas adaptadas...” P14”Dinamizar atividades que coloquem os alunos em situação de partilha das suas realidades com os colegas, avaliação diferenciada das suas aprendizagens, materiais bilingues, recurso a materiais que incluam realidades dos países de origem” P15”Colocá-los a trabalhar em grupo, proporcionar uma maior prática em detrimento da teórica, desenvolver atividades que estejam dentro da sua cultura e da nossa” P16”Atividades diversificadas” P17”Participação nas atividades no âmbito da Celebração do Dia das Línguas; adequação de conteúdos a lecionar” P18”Tento encontrar tempo para trabalhar individualmente com estes alunos e tento fomentar interações entre estes alunos e outros que acho que podem ajudar á integração” P19”Idem, resposta anterior, não preciso” P20”As medidas de previstas no DL nº 54/2018” P21”As medidas previstas no DL nº 54/2018” P22”Mais tempo de explicação das matérias e orientações” P23”Adequar as atividades para que eles também possam participar” P24”Adaptações”
--	--	--

Apêndice IV - Grelha de análise de Conteúdo respetiva às Entrevistas realizadas aos Alunos

Categorias	Subcategorias		Codificação das entrevistas
Caraterização	Idade	10 anos	A42; A46;
		11 anos	A1; A5; A6; A47;
		12 anos	A8; A11; A43; A44;
		13 anos	A2; A4; A7; A10; A12; A13; A14; A15; A17; A18; A20; A21; A23; A27; A29; A45;
		14 anos	A3; A22; A25; A26; A28; A30; A32; A34;
		15 anos	A9; A19; A24; A31; A33; A36; A37;
		16 anos	A40;
		17 anos	A16; A35; A38; A39; A41;
	Género	Feminino	A2; A3; A4; A5; A6; A8; A9; A10; A15; A21; A22; A25; A27; A29; A32; A33; A34; A36; A39; A40; A41; A42; A43; A44; A45;
		Masculino	A1; A7; A11; A12; A13; A14; A16; A17; A16; A19; A20; A23; A24; A26; A28; A30; A31; A35; A37; A38; A46; A47;
	Ano	5º	A1; A42; A46; A47;
		6º	A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11;

		7º	A12; A13; A14; A15; A43; A44; A45;
		8º	A19; A20; A21;A22; A23; A24; A25; A26; A27; A28; A29; A30;
		9º	A31;A32;A33;A43;A35; A36; A37; A38; A39;
		10º	A40; A41;
	Nacionalidade	Paquistanesa	A1; A9; A16; A17; A18;
		Brasileiro	A2; A3; A4; A6; A7; A8; A11; A12; A14 A15; A17; A19; A20; A21; A25; A27; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A37; A42; A43; A44; A45; A46; A47;
		Ucraniana	A5; A26; A38; A39; A40; A41;
		Moldávia	A10; A18(com nacionalidade portuguesa); A36;
		Francesa	A13;
		Chilena	A22;
		Brasileira / Portuguesa	A17;
		Angolana	A23; A24
		Romena/ portuguesa	A28; A29;
	Nasceste em Portugal?	Sim	A14; A17; A18; A28; A29; A
		Não	A1; A2; A3; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A15;

			A16; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A26; A27; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A36; A37; A38; A39; A40; A41; A42; A43; A44; A45; A46; A47;
	Se não, onde nasceste?	Paquistão	A1; A9; A16;
		Brasil	A2; A3; A4; A6; A7; A8; A11; A12; A15; A19; A20; A21; A25; A27; A30; A31; A32; A33; A34; A35; A37; A42; A43; A44; A45; A46; A47;
		Ucrânia	A5; A26; A38; A39; A40; A41;
		Moldávia	A10; A36
		França	A13;
		Chile	A22 (santiago do chile);
		Angola	A23; A24;
	Há quantos anos reside em Portugal?	menos de 1 ano	A1; A7; A8; A9; A10; A14; A15; A16; A23; A24; A25; A26; A34; A35; A36; A46; A47;
		1-5 anos	A2; A3; A4; A5; A6; A12; A13; A19; A20; A21; A22; A31; A32; A33; A40; A41; A42; A43; A44; A45;
		5-9 anos	A11; A17; A27; A37;
		Mais de 10 anos	A18; A28; A29; A30; A38; A39;
	Onde nasceram os teus	Paquistão	A1; A9; A16;

	pais?	Brasil	A2; A3; A4; A6; A7; A8; A11; A12; A14; A15; A17; A19; A20; A21 (Maranhão); A25(Bahia); A27; A30; A31; A32; A33(Rio de Sameiro); A34; A35 (Bahia); A37; A42; A43; A44; A45; A46 (Panamá); A47;
		Ucrânia	A5; A26; A38;A39; A40; A41;
		Moldávia	A10; A18; A36
		Portugal	A13;
		Chile	A22;
		Angola	A23; A24;
		Roménia	A28; A29;
	Tens irmãos?	Sim	A1; A2; A4; A5; A6; A7; A8; A10; A11; A12; A13; A14; A16; A17; A18; A19; A20; A21; A22; A23; A24; A25; A26; A27; A29; A30; A31; A33; A34; A35; A36; A37; A38; A39; A41; A42; A44; A45; A46; A47;
		Não	A15; A28; A32; A40; A43;
	Se sim, quantos	1	A1; A2; A5; A8; A11; A14; A16; A18; A19; A20; A21; A29; A30; A34; A37; A38; A39; A41; A47;
		2	A4; A6; A7; A12; A13; A17; A24; A25; A31; A33; A35; A45; A46;

		3	A3; A22; A23; A27;
		4	A9; A10; A26; A36; A42; A44;
	Os teus irmãos estudam cá na escola?	Sim	A1; A3; A16; A19; A25; A27(1); A31(1); A35(1); A36; A38; A39; A42(1); A44(1);
		Não	A2; A4; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A11; A12; A13; A14; A17; A18; A20; A21; A22; A23; A24; A26; A29; A30; A33; A34; A37; A41; A45; A46;A47;
Sobre a escola	Frequentaste sempre esta escola?	Sim	E11; E18; E28; E29; E38; E39; E42; E45;
		Não	A1(Paquistão); A2; A3;(Escola Osmar Basto, SP); A4; A5(escola da Ucrânia); A6; A7; A8(CAIA); A9 (Paquistão); A10(Moldávia); A11; A12; A13(Escola França); A14 (Escola estadual Deputado Simão da Cunha); A15 (Escola Estadual Professor Nilza Gomes Bergman); A16 (Paquistão); A17; A19; A20; A21 (Escola Pinheirense, Maranhão); A22 (Escola do Chile e em Lisboa); A23 (Colégio Atlântico Sul, Angola); A24; A25 (escola do Brasil); A26 (Escola da Ucrânia); A27 (Escola do Brasil); (Escola em Lisboa); A30; A21 (Escola no

			Brasil); A32 (Escola no Brasil); A33 (Escola do Brasil); A34 (Escola do Brasil); A35 (Escola no Brasil); A36 (Escola da Moldávia); A37 (Escola do Brasil); A40 (Escola da Ucrânia); A41(Escola da Ucrânia); A43(Escola do Brasil);A44(Escola do Brasil); A46 (Escola do Brasil); A47(Escola no Brasil);
	Já chumbaste algum ano?	Sim	A2; A7; A11; A16; A22; A25; A30; A32; A35; A38; A39; A41;
		Não	A1; A3; A4; A5; A6; A8; A9; A10; A12; A13; A14; A15; A17; A18; A19; A20; A21; A23; A24; A26; A27; A28; A29; A31; A33; A34; A36; A37; A40; A42; A43; A44; A45; A46; A47;
	Se sim, em que ano?	2º ano	A39;
		3º ano	A7; A35; A38; A39;
		5º ano	A2; A35;
		6º ano	A11; A41;
		7º ano	A25;
		8º ano	A22; A30;
		9º ano	A32; A39;
	Quais as maiores dificuldades?	A1 “ A minha maior dificuldade foi em conseguir perceber a língua portuguesa, em comunicar com as pessoas”. A2 “ A maior dificuldade foi na disciplina de inglês,	

		e em entender algumas palavras da língua portuguesa que são diferentes da minha língua, por exemplo aqui dizem nº6 e no meu país dizemos “meia” A3 “Idioma, pois às vezes as palavras são complicadas e não conseguia compreender bem a matéria, e as minhas notas assim não eram muito boas” A4 “ Senti-me um pouco perdida e com algumas dificuldades na socialização com os colegas e os professores, devido ao idioma apesar de ser brasileira algumas palavras não têm o mesmo significado”, A5 “ Alguns professores não me ajudaram quando cheguei fazendo com que me sentisse sozinho e um pouco perdida, pois não conhecia ninguém nem a escola”, A6 “ Entender as matérias e a língua do português de Portugal, pois à palavras diferentes”, A7 “Senti dificuldade em tudo porque no Brasil tudo era diferente, até as classes, as matérias e as regras”, A8 “ As maiores dificuldades que eu senti foi entender a pronúncia e acompanhar os trabalhos e atividades que íamos fazendo nas aulas, às vezes os professores vão muito rápido e depois eu não consigo perceber bem a matéria” A9 “ a única dificuldade que senti foi em perceber a língua, precisava de mais apoio para consegui comunicar melhor com os meus colegas e professores”, A10 “Senti muitas dificuldades com a língua mas os professores tentaram ajudar-me” A11 “Eu tive dificuldades na matéria, nas disciplina de português e em fazer novos colegas”, A12 “Tive dificuldade em aprender as matérias porque são diferentes das do Brasil, no Brasil tínhamos menos matérias quer dizer aqui chamam disciplinas” A13 “Eu só tive dificuldades em acompanhar as matérias que os professores davam, porque por vezes são um pouco rápidos a passar de uma matéria para a outra”, A14“ A minha única dificuldade foi em inglês que aqui é bem mais avançado que na minha antiga escola”, A15 “ O horário das aulas são muito tempo, e o entendimento da língua portuguesa”
--	--	---

		A16 “Para mim só tive dificuldades em perceber a língua, pois não é nada igual à minha, mas com as aulas do PLNM estou a conseguir melhorar” A17 “Só tive dificuldade em falar o português de Portugal” A18 ”Sinceramente eu não senti nenhuma dificuldade, talvez por ter vindo para Portugal quando era muito pequeno” A19 “Eu só tive dificuldade em perceber o sotaque que usam aqui”, A20 “A minha maior dificuldade é em relação às amizades, é muito difícil de eu conseguir fazer amigos porque sou muito tímido” A21 “Senti dificuldades em adaptar-me com as pessoas, ter mais amigos” A22 ” A minha maior dificuldade foi sem dúvida aprender o português que ao não saber acaba por me limitar e não deixar fazer tantos amigos” A23 “ A minha maior dificuldade foi a integração na escola, os horários e as novas regras” A24 “ A minha maior dificuldade foi na disciplina de português, matemática e de ciências” A25 "Senti dificuldades em fazer novos amigos e em acompanhar a matéria de matemática” A26 “Alguns professores não me ajudaram no processo de integração e isso deixou-me triste e a sentir-me sozinho e isolado” A27 “Tive dificuldade na língua, nos modos e nos modelos de ensino que são diferentes daqueles a que estava habituado no meu país” A28 "Senti-me muito tímido e com dificuldades em interagir com os professores os colegas de turma” A29 “As minhas maiores dificuldades foram a comunicação, pois eu não gosto muito de falar e assim também não faço amigos e nas aulas contam a participação e aí tenho má nota” A30 ”Na verdade eu não senti nenhuma dificuldade, senti-me sempre bem e vim para Portugal quando era muito pequeno, acho que isso facilitou” A31“ A minha maior dificuldade foi para me enturmar, ser acolhido pelas pessoas, a pronúncia de algumas palavras e as matérias que são diferentes das do Brasil” A32” Eu tive muitas dificuldades nas matérias e também, na adaptação e aprendizagem da língua portuguesa” A33 “Eu tive dificuldade em conseguir acompanhar
--	--	---

		a matéria lecionada nas diversas disciplinas” A34 “Senti dificuldade nas matérias e na adaptação ao sistema escolar” A35 “Senti dificuldade nas atividades e nas matérias porque são diferentes” A36 “A minha única dificuldade foi entender a língua portuguesa, assim que consegui fiz muitos amigos e senti que aprendi muitas coisas novas” A37 “A maior dificuldade que eu senti foi em compreender palavras, por serem diferentes e terem uma pronuncia ser estranha” A38 “Eu não senti nenhuma dificuldade, para mim foi tudo bom” A39 “Senti-me discriminada por conta da barreira da linguagem que não dominava a 100% e assim acabava por me sentir inferiorizada perante os meus colegas” A40 “Senti xenofobia das colegas de turma, aprender a língua e os professores não ajudaram” E41 “Posso dizer que alguns professores não me ajudaram a integrar na turma e em aprender o português, mas eu gostava muito de saber” A42 “A minha dificuldade era em nunca saber onde eram as salas, não me apresentaram a escola” A43 “A minha maior dificuldade foi em saber e decorar onde eram as salas de sala, pois esta escola é muito maior que a minha anterior” A44 “A minha maior dificuldade foi não conhecer a escola e sentir-me um pouco perdida, sem conhecer ninguém” A45 “Senti dificuldade a me conseguir entender com os colegas, por termos palavras diferentes no nosso vocabulário”, A46 “Perceber o sotaque português, algumas palavras são estranhas”, A47 “Apesar do mesmo idioma, não percebia bem algumas palavras, devido à pronuncia e isso fez com que por vezes me sentisse perdido ou mais atrasado em acompanhar o que o professor explicava”.
	Quando chegaste fizeste amigos? Como foste recebido?	A1 “Não consegui fazer amigos porque não conseguia falar nem integrar-me com eles, fui recebido pelo professor da primeira aula que tive no primeiro dia” A2 “Fui recebida super bem , mas gostei sempre de estar sozinha, não quis fazer amigos, gosto de estar no meu espaço sem grandes confusões”

		A3 “Fui muito bem recebida por todos na escola, consegui fazer logo amigos no primeiro dia de aulas, os professores também me ajudaram a integrar na turma” A4 “Fui bem recebida pelos professores e funcionários e fiz logo amigos”, A5 “A minha experiência na receção foi muito positiva, a turma recebeu-me com cartões de boas-vindas e fui recebida pela professora do PLNM, e ao longo do tempo fiz alguns amigos” A6 “Fui bem recebido por todos e consegui fazer um grande amigo”, o A7 “Eu acho que fui bem recebido por todas as pessoas da escola, ninguém me tratou mal nem me desrespeitaram por ser de outra nacionalidade, consegui fazer muitos amigos ao longo do tempo” A8 “Sim, eu fiz amigos. Fui recebida muito bem e não tive problemas com ninguém”, A9 “Fui bem recebido, e fiz amigos, que são muito importantes para mim” A10 “Sim fiz amigos e fui recebido pelo professor do PLNM que é a minha diretora de turma” A11 ”Fui bem recebido por todos, mas já tinha feito amigos antes, pois os meus pais tinham cá amigos e eu conhecia os filhos deles”, A12 “Eu acho que fui bem recebida pelos meus colegas e pelos meus professores, após uns dias fiz alguns amigos” A13 “Fui recebido pela professora de PLNM que é a minha diretora de turma, e fiz muitos amigos” A14 “Eu fui muito bem recebida e consegui fazer amigos facilmente” A15 “Sim, muito bem” A16 “Não fiz amigos, não me consegui integrar bem com os meus colegas, senti-me a mais na turma, fui bem recebido apenas pelo diretor de turma” A17 “Eu fui muito bem recebido por todos nunca tive nenhum problema com nenhum dos meus colegas, talvez porque já nasci em Portugal, mas depois voltei para França, mas quando regresssei ainda tinha alguns amigos que tinha cá deixado” A18 “Senti-me bem e bem recebido pelos colegas e pelos professores, foram simpáticos e atenciosos comigo” A19 “Demorei um pouco a fazer amigos, porque sou envergonhado mas fui muito bem recebido, quer pelos meus colegas quer pelos meus professores”,
--	--	--

		A20 “Desde que cheguei a Portugal fui sempre bem recebido em todas as escolas que frequentei, aqui foi onde consegui fazer mais amigos e mais rapidamente” A21 “Já ando nesta escola desde o 6º ano e aí senti que fui muito bem recebida pela turma, tinha uma ótima turma” A22 “Fui bem recebido pelo professor da primeira aula, e pelos colegas em sala de aula, após alguns dias fiz logo amigos e senti-me bem” E23 “fui bem recebido pelos colegas que depois ficaram meus amigos, pelos professores e funcionários” A24 “Senti que foi a escola onde melhor fui recebido por todos e onde fiz mais amigos” A25 “Fiz duas grandes amigas, e fui mais ou menos recebida pois eles achavam que eu era uma pessoa estranha, isso deixava-me um pouca constrangida” A26 “Fiz amigos após algumas semanas de estar na escola e que foi bem recebido por os professores” A27 “Eu fui bem recebida pelos professores, pelos colegas de turma e até pelos funcionários, mas não tenho muitos amigos” A28 “Não fui bem recebido, senti-me a mais na turma e indiferente, não fiz amigos” A29 “Sim, consegui fazer amigos dentro da minha turma e fora da turma também, pois sempre estive a morar em Portugal, acho que isso me ajudou” A30 “Eu já conhecia algumas pessoas porque os meus pais têm amigos em Portugal que têm filhos que andam aqui na escola, então foi mais fácil de fazer mais amigos e fui bem recebido” A31 “Fui bem recebido nos primeiros dias e em uma semana conseguiu logo fazer amigos” A32 “Quando cheguei fiz logo duas amigas e até agora são as minhas melhores amigas, tenho algumas dificuldades em fazer mais amigos” A33 “Demorou um pouco até me integrar com a turma, mas depois quando consegui tudo se tornou mais fácil, até porque me ajudaram a estudar e a conhecer colegas de outras turmas” A34 “Fui bem recebido e fizeram-me uma visita guiada pela escola para saber onde estava o bar para comer, a papelaria, a sala dos professores, a biblioteca e o resto dos espaços todos”
--	--	--

		A35 “Fui bem recebida, em especial pelos meus colegas de turma, sinto que as pessoas em geral em Portugal são muito mais simpáticas” A36 ”Fui bem aceite pelos meus colegas, professores e todos os colaboradores da escola contou que fez amigos e que foi bem aceite por todos os colegas e colaboradores da escola, e consegui fazer amigos” A37 “Assim que cheguei fiz logo muitos amigos e fui muito bem recebida, a professora apresentou-me a escola e todos os colegas da turma” A38 “Fui recebido e recebi porrada de alguns colegas, mas depois conseguiu fazer amigos porque os professores falaram com esses colegas que me estavam a tratar mal, e agora já me sinto bem” A39 “A minha integração não foi nada fácil, demorei muito tempo até conseguir fazer uma amiga que é a única que tenho até agora”, A40 “Não fui bem recebido, os colegas andaram durante um tempo a falarem mal de mim, acho que não gostaram da minha chegada, não me senti nada integrado” A41 “Só me senti bem recebida pelo professor da primeira aula, e até agora ainda não consegui fazer nenhum amigo” A42 “Senti-me bem acho que fui bem acolhido por todos, não fui tratado de maneira diferente dos meus colegas, consegui fazer vários amigos desde que cheguei a Portugal” A43”Senti-me bem integrada por todos , todos me ajudaram a conhecer a escola e as novas regras que tínhamos” A44 “Fui bem recebida em especial pelos professores, que são bastante simpáticos, consegui fazer logo bastantes amigos nos primeiros dias” A45 “Fiz logo muitos amigos assim que cheguei à escola, e todos me receberam muito bem, talvez o facto de ser brasileira também facilita porque a língua é mais parecida e consigo comunicar melhor com todos” A46 “Fui muito bem recebido, e fiz amigos, a maioria brasileiros”. A47 “Senti-me bem e bem recebida por todas as pessoas da escola, achei os bastante simpáticos e com vontade de me ajudarem em tudo, consegui fazer muitos amigos”
--	--	---

	Como te sentes na escola?	A1 "Agora sinto-me feliz por estar a aprender novas matérias". A2 "Tenho muita vergonha e sinto medo de falhar e que os outros me tratem mal" A3 "Sinto-me feliz" A4 "Para mim a escola é um tédio, uma seca estar tantas horas ali fechada nas salas de aula" A5 " Sinto que sou bastante tímida e às vezes triste" A6 " Feliz, mas com medo de não passar de ano" A7 "Sinto vergonha" A8 "Feliz, as vezes triste, com vergonha e insegura" A9 "Sinto-me feliz" A10 "Sinto-me feliz" A11 "Por vezes feliz e outras vezes triste" A12 "Feliz" A13 "Sinto-me muito feliz" A14 "Vergonha, medo, triste cansado mas às vezes também me sinto feliz mas são muitos poucos os dias" A15 "Às vezes me sinto muito sozinha mas feliz" A16 "Até me sinto feliz" A17 "Sinto-me feliz aqui" A18 "Feliz e contente" A19 " Feliz" A20 "Com alguma vergonha" A21 "por vezes um pouco triste mas maioria das vezes estou feliz" A22 "Sinto-me feliz mas tenho alguma timidez em relacionar-me com os meus colegas" A23 "Na escola me sinto feliz" A24 " Muito feliz" A25 "Tenho medo às vezes, vergonha mas também sou um pouco feliz" A26 "Sinto muita timidez" A27 " Às vezes feliz, tenho vergonha, às vezes um pouco stressada com os testes e cansada" A28 "Sinto-me feliz" A29 "Sinto-me bem" A30 "Feliz" A31 "Às vezes feliz outras vezes nem tanto, mas a maioria dos dias estou feliz" A32 "Mais ou menos, tenho medo de alguns colegas" A33 "Feliz mas por vezes muito cansada, temos muitas matérias" A34 "Feliz, pois gosto de muitas coisas aqui, mas também sinto medo de não ter notas suficientes para
--	----------------------------------	--

		passar de ano” A35 “Depende do dia mas sempre sou feliz” E36 “Eu sinto-me muito feliz na escola, gosto muito de aprender e estar com os meus amigos” A37 “Feliz” A38 “Sinto-me triste mas quando chego a casa fico feliz”. A39 “Sinto-me confusa” A40 “Um pouco triste, os professores não percebem as minhas dificuldades na língua e na matéria, nem todos me tentam perceber e ajudar-me” A41 “Sinto indiferença é como se ninguém notasse que estou cá” A42 “Feliz” A43 ”Agora feliz, mas já senti medo quando uma colega me queria bater” A44 “Feliz” A45 “Acho que feliz” A46 “Sinto-me satisfeito” A47 “Sinto-me muito feliz”
	Sentes-te integrado na escola? Como?	A1 “Não, porque sinto que me colocam de lado” A2 “Não, me sinto muito bem aqui, mas meus colegas tiram um sorriso do meu rosto” A3 “Sim, os professores gostam de mim” A4” Sim, todos me tratam bem, todos me tentam ajudar para que seja mais fácil” A5 “Não, porque não consegui fazer amigos por causa da minha língua e por estar um pouco triste” A6 “Sim, nas matérias” A7 “ Sim, foram todos legais comigo, ajudam-me em tudo o necessito” A8 “Sim. Eu me dou bem com as pessoas e é como se estivesse aqui desde sempre” A9 “Não” A10 “Não, não sei explicar talvez por não estar no meu país, aqui é diferente” A11 “Sim, me sinto bem mas ao mesmo tempo não” A12 “Sim” A13 “ Sim” A14 “Sim” A15 “Sim, tenho mais envolvimento com todos” A16 “ Sim” A17”Sim, me tratam bem” A18 “ Não, sinto-me um pouco a mais como se não fosse o meu espaço e estivesse a invadir o espaço de outras pessoas que já cá estavam”

		A19 “Sim, no círculo social” A20 “Sim, com as participações e oportunidades que tenho de integrar mais na turma e na escola” A21 “Sim, tenho poucos amigos mas gosto muito deles e gosto muito das funcionárias”. A22 “Sim, receberam-me bem, consegui fazer alguns amigos e os professores gostam de mim” A23 “ Sim, todos me acolheram bem, senti-me como se tivesse no meu país” A24 “Sim, quando cheguei correu tudo bem todos me acolheram bem, especialmente por parte dos professores, que sempre tratam bem e me ajudam” A25 “Não me sinto bem porque os meus colegas já se conhecem à mais tempo e faz-me sentir que estou a mais e não consigo criar um laço de amizade forte com eles” A26 “Sim, a minha turma ajudou-me a conhecer a escola e os professores ajudam-me nas matérias, apesar de ser difícil para mim a língua portuguesa” A27 “Não me sinto excluída nem dos grupos de amigos, nem das atividades escolares, sinto que todos gostam de mim e eu deles, incluindo os professores e os funcionários” A28 Sim, todos me integraram bem desde que cheguei a Portugal, como já estou aqui à mais de 10 anos para mim neste momento é muito fácil, e já não quero voltar para o meu país, sou mais feliz e sinto-me melhor aqui” A29 “Sim, dou-me bem com todas as auxiliares e nunca tive um conflito assim grande com alguém na escola, por isso sinto-me integrado” A30 “Sim, todos os meus colegas e professores me fizeram sentir bem, e tentaram que eu não estranha se as diferenças entre a escola antiga e a que estava quando cheguei” A31 “ Não me sinto integrado aqui, gostava mais de estar no Brasil, aqui parece que não gostam de mim e sinto-me mais” A32 “Sim, os professores ajudaram-me a apresentar aos colegas de turma, mas a minha relação com eles nunca foi a melhor, sinto-me muito excluída de tudo” A33 “Sim, com os meus amigos” A34 “Às vezes não me sinto aceite pelos meus colegas por ter algumas ideias diferentes das deles”. A35“Sim,todos são muito amigáveis comigo, sinto-me bem em Portugal, mais seguro” A36 “ Não”
--	--	---

		A37 “Sim, todos me integraram bem, tenho amigo, gosto dos professores, e as funcionárias são muito prestáveis” A38 “Sim, já estou aqui à muitos anos mas mesmo assim não me sinto bem aqui, sinto que os professores não me ajudam, sinto-me ignorado aqui” A39 “A minha turma é muito boa, ajudam-me muito com a matéria quando tenho dúvidas e fiz muitas amizades”. A40 “Não, Gostava que os meus colegas fossem mais simpáticos e me ajudassem mais, os professores alguns tratam-me outros não, mas de uma forma geral não me sinto realizada aqui” A41 ”Não, os meus colegas não me fazem sentir feliz aqui, sinto-me indiferente e por isso não me sinto integrada” A42 “Sim, conheci muitos amigos e fazem-me sentir feliz e em casa” A43 ”Sim, em tudo” A44 ”Sim, todos me tratam bem” A45 ”Não, não gosto de estar aqui preferia estar no meu país lá sentia-me mais à vontade, apesar de ter amigos, é diferente, parece que não estou no meu lugar” A46 ”Sim, Aqui me sinto mais protegido, os professores me integraram na turma, apresentaram-me e tentaram que todos me acolheram bem” A47 ”Sim, todos me tratam bem, os meus amigos tentam-me ajudar em tudo para que me sinta bem”
	Alguma vez te sentiste discriminado na escola ? Se sim, por parte de quem?	A1 “Sim, os meus colegas ameaçaram-me diversas vezes, acho que me queriam bater, não sei talvez por ser de outra nacionalidade” A2 “Sim, mas não quero explicar o que aconteceu” A3 “Não” A4 “Não” A5 “Sim, os alunos gozavam comigo” A6 “Não” A7 ” Não” A8 “ Não” A9 “Não” A10 “Não” A11 “Não” A12 “Não” A13 “ Não” A14 “ Não” A15 “ Sim, por uma colega de turma, uma coisa

		pessoal que já está resolvida” A16 ”Os meus colegas gozam com o meu nome” A17 ”Não” A18 “Não” A19 “ Sim, por parte de alunos, me chamam de brasileiro no intuito de me rebaixar” A20 “ Não” A21” Sim, por alguns garotos e tem garotas que olham mal para mim, faziam piadas e discriminavam o meu país” A22 “Sim, mas tive de uma forma positiva, meus colegas brincam comigo” A23”Não” A24 “Sim, por parte dos colegas, insultavam-me senti racismo por parte deles” E25 “Sim, por um colega que me mandou voltar para o meu país” A26 “ Não” A27 “Não” A28 ”Não” A29 ”Não” A30 ”Não” A31 ”Sim, por parte dos colegas da minha sala, tivemos uma discussão que falou que não gosta de brasileiros e que eu devia voltar para o meu país” A32 ”Sim, por parte dos alunos, eles me excluem de tudo” A33 ” Não” E34 “Sim, pelos meus colegas e alguns professores que fingem que não existo, não gostam de trabalhar comigo, se acontece algo na sala de aula, olham logo para mim, como forma de me acusarem” A35 ”Não” A36 ”Não” A37 “Sim, prefiro não dizer” A38 ”Sim, sinto que os professores me ignoram” A39 ”Sim pelos colegas, ser tímida mais velha e mesmo assim não conseguir acompanhar os meus colegas ao nível da escola” A40 “Sim os colegas, às vezes pelos professores e pelos alunos da escola em geral” E41 ”Sim, pelos colegas, para mim é difícil para alguns colegas entender que estou em Portugal por circunstâncias diferentes nomeadamente por o meu país estar em guerra e que por vezes tenho outras oportunidades completamente diferentes e por isso
--	--	--

		tratam-me de forma diferente demonstrando inveja e condenação, acusando-me de ser privilegiada" A42 "Não" A43 "Sim, por pessoas da minha antiga turma, uma delas até me tentou bater" A44 "Não" A45 "Não" A46 "Não" A47 "Não"
	Como é a relação com os professores? Foi fácil a comunicação e a interação?	A1 "A comunicação foi difícil porque os professores não sabem a minha língua e eu não sei a deles, então a relação não é muito próxima, apenas tento entender e as matérias" A2 "A minha relação com os professores é péssima" A3 "Boa, há boa comunicação com os professores" A4 "Boa, há uma fácil comunicação, os professores também se esforçam para me ajudar a entender melhor" A5 "A relação é boa. A comunicação foi difícil porque eles não sabem a minha língua nem eu sei português" A6 "A relação com os professores é boa, a comunicação por vezes é um pouco difícil" A7 "A relação é boa e foi fácil a interação e a comunicação" A8 "A relação é ótima. Foi um pouco difícil no início" A9 "A relação é boa. A comunicação foi difícil eles não sabem a minha língua e eu não sei português" A10 "A relação é boa. a comunicação foi difícil porque eles não sabiam a minha língua nem eu sabia a língua portuguesa" A11 "Foi bastante fácil as pessoas são simpáticas e atenciosas comigo e assim consegui criar uma boa relação com todos" A12 "Todo o processo foi bastante fácil de me adaptar" A13 "A relação mais ou menos, a comunicação foi fácil porque como os meus pais são portugueses eu já falava português corretamente" A14 "Boa e muito fácil" A15 "Boa, sim" A16 "A comunicação é boa foi difícil porque os professores não sabem a minha língua e eu não sei a deles"

		A17 “Sim é boa e foi fácil de me adaptar” A18 “A minha relação é boa com todos” A19 “Ótima, foi difícil mas apenas no início, agora já é bastante fácil” A20 “Muito boa” A21 “Boa, gosto de todos” A22 “A relação é boa. A comunicação foi mais fácil porque falo Espanhol e considero parecido com o português” A23 “A relação é boa. Ao princípio foi difícil mas já estou minimamente integrada. A24 ”A relação é boa, a comunicação nem tanto e a integração foi fácil” A25 ”Foi fácil, a comunicação ea integração também, os professores são bons” A26 ”A relação é boa, a comunicação foi difícil porque eles não sabem a minha língua nem eu sei a deles” A27 “Com os professores é uma relação boa e tranquila. Foi fácil a comunicação e a integração” A28 “É boa e foi tudo fácil” A29 “Sinto eles fazem um esforço para me conseguirem entender, mesmo que eu não goste muito de falar” A30 “É muito boa, eles ajudaram-me e agora sinto que a integrada, a comunicação também foi fácil” A31 “Foi mais ou menos especialmente na interação com os professores” A32 ”Sinto muita dificuldade em comunicar com os professores, não consigo interagir nem brincar com os colegas, eles não gostam de mim” A33 ”A minha relação com os professores é boa, foi um pouco difícil no início todo o processo de integração e de comunicação” A34 “ Com os professores tenho uma boa relação. A comunicação foi difícil, pois não entendia nada do que eles falavam” E35 “Sim, a comunicação é diferente mas estou a fazer um esforço para aprender a língua para depois conseguir fazer mais amigos e interagir melhor com todos” A36 “A relação é muito boa, a comunicação e integração está a ser difícil” A37 ”A relação com os professores é boa, a comunicação foi fácil e a integração, também foi fácil todos me acolheram muito bem fazendo com que não sentisse tanto as diferenças em relação ao meu país”
--	--	---

		A38 “Para mim foi mais ou menos por causa da língua e porque sou uma pessoa mais reservada, não gosto muito de falar” A39 “foi tudo ótimo os professores e os colegas ajudaram-me sempre em tudo o que eu precisava, sempre me voltaram a explicar a matéria quando eu não percebia à primeira, gosto muito da relação que tenho com eles” A40 “Não tenho uma boa relação com os professores nem com os meus colegas” A41 ”Tenho uma boa relação, os professores compreenderam a minha situação e ajudam-me sempre, com o passar do tempo os meus colegas também começaram a respeitar-me e perceberem a minha condição”, E44 “a relação é boa foi muito fácil de me comunicar e integrar na escola” A42 ”É muito boa a relação que tenho com os professores, consegui integrar-me apesar de no início sentir algumas dificuldades em me adaptar às diferenças, a comunicação foi fácil, pois é parecida com a do meu país” A43 ” Foi tudo muito bom” A44 ” Eu acho que tenho uma boa relação com os professores eles me tratam com respeito e eu a eles a mim, me explicam as matérias quando tenho dúvidas e são muito prestáveis comigo. A comunicação e a integração foi fácil, eu gosto muito de estar aqui” A45 ”Para mim foi tudo fácil, sempre me senti bem na escola e os professores são bons para mim, consigo ter uma boa comunicação com todos e sempre me senti integrada pelos professores e pelos meus colegas” A46 “A relação é boa e foi fácil a comunicação e a integração com todos, no início pensei que me ia sentir a mais na escola por ser nova” A47 ”A relação com todos os professores é boa, todos me tratam bem, consegui logo ter uma boa comunicação, apesar de algumas palavras serem diferentes mas os professores se esforçaram para me entender e me ensinar as palavras em português”
	Enumera as diferenças entre a tua antiga escola e a atual?	A1 ”A língua, os professores nesta escola são mais sérios” A2 “ Sinto que os professores não têm educação e não sabem tirar dúvidas” A3 “ As matérias, o recreio são diferentes. as disciplinas eram menores. Não havia refeitório”

		A4 “Fisicamente a escola do brasil era maior. Nesta escola tenho mais disciplinas e aqui não temos de usar uniforme” A5 “A língua, os professores, os rapazes e as raparigas trabalham em grupos separados” A6 “Inicialmente andava numa escola privada e não tinha armários para guardar as nossas coisas como aqui” A7 ”Não sei, não fiquei muito tempo lá” A8 " Antiga": os intervalos eram de 15 minutos, tinham muitas matérias e não tinha toda a tecnologia. A atual: intervalo é de 10 minutos, poucas matérias e é maior mais organizada e tem muito mais tecnologia” A9 “A língua, os professores no meu país são mais sérias, aqui são mais simpáticos e sorridentes” A10 “A língua, os professores no meu país são mais sérios” A11 “Bem, na antiga escola tínhamos 30 minutos de intervalo. Na atual não tenho” A12 “As matérias, o tamanho das aulas e as pessoas” A13 “A língua, os professores no meu país são mais sérios. As pessoas no intervalo são mais calmas aqui” A14 “ Esta escola é mais bonita, tem a comida melhor e as aulas mais dinâmicas” A15 “Não podia sair da escola, a comida era melhor, tinha mais respeito na sala de aula” A16 ”A língua e no meu país as pessoas são mais sérias, aqui as pessoas sorriem mais” A17 “A personalidade das pessoas” A18 “As disciplinas, o tamanho das aulas e número de alunos por turma” A19 “Os horários, as vestimentas aqui não precisamos de andar de uniforme e a comida” A20 “Na primeira escola tinha muitas mais amizades e interações, na atual fui bem recebido também mas não tenho tantas amizades e tenho menos interações, pode ser pela minha vergonha” A21 “Na antiga escola eu tinha muitos amigos, e só tinha aulas da parte da manhã” A22 “A língua, os professores são mais respeitados, a escola aqui é maior” A23 “A qualidade de estudo era fraca e diferente, e a escola atual tem a qualidade de estudo muito superior”
--	--	---

		A24 “O ensino, as horas, a comida aqui é melhor, aqui temos um campo de futebol, e eu gosto muito de jogar à bola, e temos mais atividades extracurriculares na escola” A25 ”As pessoas , as matérias aqui são mais, e o jeito de falarem algumas palavras diferentes” A26 “A língua, os professores no meu país são mais sérios , os rapazes e as raparigas trabalham em grupos separados, aqui podemos trabalhar todos juntos” A27 ”A escola atual tem mais alunos, mais professores, temos mais matérias aqui é bem maior que a antiga escola” A28 “Esta escola é maior e tenho mais amigos nesta escola” A29 ”Na minha antiga escola eu tinha menos amigos e a matéria não era tão avançada, na minha escola atual, tenho mais amigos dou-me bem com todos” A30 ”Não me lembro sempre frequentei a escola em Portugal, mas em relação à antiga escola esta é maior, e temos mais disciplinas” A31 ” Nesta escola não posso entrar com a bicicleta para andar, esta escola é muito maior que a antiga” A32 ”Na antiga escola no brasil usávamos uniforme, aqui podemos vestir a roupa que gostamos e que nos sentimos bem, a escola é maior, temos mais auxiliares” A33 ”Não tinha aulas de tarde e de manhã, só tinha um intervalo no dia, a carga horária era menor” A34 “Na antiga escola não tinha música, ET, TIC, espanhol, cidadania, reforço com professor na sala, Físico-química, aulas de tarde e de manhã, não usávamos computadores e não fazíamos os trabalhos digitalmente” A35”Não senti nenhuma diferença” A36 ”Os colegas aqui são mais respeitosos e os professores são muito melhores e mais simpáticos” A37 ”Nesta escola existe muito mais organização, a estrutura da escola é melhor” A38 ”A antiga escola tinha bons professores, mas a escola estava muito estragada e esta está em ótimas condições” A39 ”Não posso dizer as diferenças porque só frequentei a escola em Portugal” A40 ”Na minha antiga escola as minhas colegas eram mais queridas comigo” A41 “A escola aqui é muito mais avançada do que na Ucrânia”
--	--	---

		A42 "Nesta esta escola a gente tem mais matérias e tem de levar mais coisas, como livros os materiais para a matéria de desenho, mas ao menos temos cacifos onde podemos guardar," A43 "o ensino é bastante diferente e aqui existe maior respeito entre os professores e os alunos, a segurança também é maior pois, existem muitas auxiliares a tomar conta de nós" A44 "Sinto-me mais protegida nesta escola na antiga escola no brasil as pessoas eram mais maldosas, aqui não usamos uniforme, mas temos mais matérias o que é bom porque aprendemos mais coisas" A45 "Acho que não tem diferenças" A46 "A antiga dou um 6 e à atual dou um 8, tem muitas diferenças no ensino, aqui aprendemos mais coisas e temos mais diversidade de matérias" A47 "Na antiga escola não tinha diretora de turma e agora tenho, e esta escola é bem maior que a que frequentava no brasil"	
	Gostas de estudar?	Sim	A1; A2; A3; A5; A6; A7; A8; A9; A10; A12; A13; A14; A15; A16; A17; A18; A19;
		Não	A4; A11; A20;
	Com que frequência estudas?	A1 "1h, 3 vezes por semana" A2 " Estudo 2 vezes por semana" A3 " Estudo todos os dias em casa" A4 "Apenas estudo na escola" A5 "Estudo 1h por dia" A6 " 4 vezes por semana, cada dia estudo duas horas e em cada hora uma matéria diferente" A7 " Estudo com pouca frequência" A8 "Eu estudo 3 vezes por semana" A9 "Estudo 1h por dia" A10 "Estudo 1h por dia" A11 "Estudo apenas quando tenho testes" A12 "Estudo apenas quando tenho provas" A13 "Estudo 3 vezes por semana" A14 " Estudo apenas quando tenho provas/testes" A15 "Só estudo quando tenho prova e na escola" A16 "Estudo com pouca frequência" A17 "Antes dos testes" A18 "Todos os dias, 2 horas" A19 "Estudo 3 vezes por semana"	

		A20 “Estudo 3 vezes por semana” A21 “ Estudo 2 vezes por semana” A22 “Estudo apenas quando tenho provas/testes” A23 “Estudo com pouca frequência, às vezes depende da hora a que chega a casa” A24 “Estudo entre 1 a 2 horas por dia” A25 “ Estudo 3 vezes por semana” A26 “Estudo apenas quando têm provas/testes” A27 ” Estudo 2 vezes por semana” A28 “Estudo 2 vez por semana” A29 “Estudo 4 vezes por semana” A30 “Estudo 2 vez por semana” A31 “1hora por dia mais ou menos” A32 “Todos os dias” A33 “Todos os dias” A34 “Estudo apenas ao fim de semana” A35 “Todos os dias” A36 “ Estudo 4 vezes por semana” A37 “Estudo 2 vez por semana” A38 “Não estudo, mas presto atenção às aulas e tiro bons resultados” A40 “Estudo 3 vezes por semana” A41 “Estudo 6 vezes por semana, apenas descanso ao domingo” A42 “Só quando tenho provas” A43 “Estudo 1h todos os dias” A44 “Estudo frequentemente” A45 “1hora por dia mais ou menos” A46 “Estudo apenas antes dos testes” E47 ”Estudo 2 vezes por semana”	
	Tens apoio no estudo?	Sim	A1 “Da mãe”; A3 “Da minhas irmãs e dos professores” A4 “ Só dos professores” A5 “Da mãe” A6 “ Sim, do meu pai, ele me ajuda a estudar e a minha mãe também” A7 “Sim” A8 “Sim dos meus pais” A9 “ Sim do pai” A10 “Sim da minha irmã” A12;

			A13 ”Sim da minha irmã e ando na explicação” A16 “Sim dos meus pais” A18; A47;
		Não	A2; A11 “Estudo sozinho”; A14; A15; A17; A20; A29; A32; A34; A37; A38; A39; A40; A43; A44; A46;
	Como é, em geral, a tua relação com os colegas, professores e funcionários?	A1 “A minha relação é boa com todos, apesar de no início ter tido alguns problemas com os meus colegas”. A2 “ Com os meus colegas é ótima, com os professores horrível e com os funcionários é normal” A3 “Tenho uma boa relação com todos” A4 “Com os professores e funcionários é muito boa. Com os colegas não faço questão em falar, só se for mesmo necessário” A5 “A relação é boa com todos” A6 “A relação é boa com todos” A7 “Bem” A8 “Me dou bem com os colegas e professores. Às vezes não gosto muito do jeito que os funcionários me tratam, mas não são todos” A9 “ Boa” A10 “Boa” A11 “São boas eu trato eles bem, só quando não estou de mau humor é que é mais complicado” A12 “Boa, como a dos outros alunos” A13 “Acho que tenho mais ou menos uma boa relação com todos, mas às vezes, não gosto de	

		algumas atitudes que as pessoas tomam” A14 “ Boa em geral” A15 “ Boa com todos” A16 “A minha relação é boa com todos, os meus colegas e que às vezes não me respeitam” A17 “ A relação com os colegas é normal, com os funcionários e professores também” A18 “Dou-me bem com toda a gente” A19 ”Uma relação boa, sem muitas barreiras” A20 “ É excelente com todos” A21 “Com os meus colegas da turma não tenho muita relação, mas com as outras pessoas da escola sou amiga. Eu gosto muito dos professores e dos funcionários” A22 “A minha relação é boa” A23”A minha relação é boa” A24 ”Tenho uma relação muito boa” A25 “Com os meus colegas e ruim, os funcionários são muito educados e os professores também” A26” É mais ou menos, nem todos me ajudam” A27 “Com os colegas é um pouco difícil por causa da divisão da turma. Com os professores e os funcionários é uma relação muito boa” A28 ”É muito boa com todos” A29 ”Sinto que é boa” A30 ”É muito boa com todos, são todos muito meus amigos e respeitam as minhas diferenças” A31 ”Com os colegas em geral não é muito boa , com os professores sinto que é mais ou menos mas com os funcionárias é muito boa, gosto muito delas” A32 “Eu sou de falar mais com os meus amigos, não tenho tanta relação com os professores e com os funcionários, mas gosto deles” A33 ”Eu acho que é boa, que dou bem com todos em geral” A34 ”Com os colegas é normal, às vezes chateamo nos mas depois fazemos as pazes com outros não me dou mesmo bem, não falo muito com eles, e com os professores e funcionários também não falo muito” A35 ”Acho que é normal com todos, dou-me bem com eles ainda estou a conhecer melhor as pessoas” A36 ”É muito boa com todos” A37”A minha relação com os colegas e com os professores é boa, apesar de já me ter sentido um pouco discriminado na escola, os funcionários são atenciosos”
--	--	---

		A38 "Gosto dos colegas, dos professores depende alguns não são muito simpáticos e ralham muito, os funcionários são muito gentis" E39 "Agora tenho uma relação muito boa com os meus colegas e com os professores e com os funcionários também foram sempre muito queridos comigo" A40 "Alguns professores são queridos comigo outros nem por isso, não tenho boa relação com os colegas porque eles gozam comigo e não gostam de mim" A41 "Tenho boa relação em geral com todos. Claro que depende das pessoas mas na maioria das vezes tratam-me bem" A42 "Muito boa com todos as pessoas são muito gentis aqui" A43 "Bom, todos me tratam os alunos em geral bem" A44 "É boa" A45 "Com os colegas é boa, com os professores acho que é razoável, não tenho muita relação, e com os funcionários mais ou menos, nem todas são simpáticas e às vezes falam-nos mal" A46 "Muito boa com todos" A47 "Temos uma boa relação todos me tratam bem e com respeito"
	Gostas da escola? Se pudesses o que poderia melhorar para te sentires mais integrado?	A1 "Sim, mas melhorava ter mais aulas de Português e ter professores a dar apoio nas aulas" A2 "Nesta escola não mudava nada, e tudo muito bom, se pudesse mudaria a do meu país para ficar como esta" A3 "Gosto da escola, não sei o que melhorar" A4 "Sim gosto da escola, não há nada para melhorar" A5 "Gostaria que entrássemos mais tarde, às 9 e tivéssemos mais horas de português" A6 "Algumas atitudes dos alunos, por vezes não se portam muito bem" A7 "Gosto de tudo, não mudava nada" A8 "Eu gosto. Eu melhoraria o tempo do intervalo" A9 "Sim. Mais horas de português e ter mais apoio dos professores nas aulas" A10 "queria ter mais horas de língua portuguesa, para conseguir ter melhores resultados" A11 "Gosto um pouco, eu tiraria alguns materiais que estão estragados, como algumas cadeiras riscadas e mesas" A12 "Nada, sinto-me bem assim"

		A13 “Sim gosto, mas gostava de entrar as 8:30 e sair às 13:20, ter mais horas de português e ter mais apoio dos professores nas aulas” A14 “Sim gosto da escola e não mudaria nada” A15 “ Sim, nada tudo é bom” A16 “Sim, ter mais horas de português” A17 “Sim, não mudaria nada” A18 “Sim, não mudava nada” A19 “Gostava que as pessoas fossem mais humildes e generosas para com ele” A20 “Sim. Nada a escola é excelente” A21 “Mais ou menos, gostava que as pessoas parassem de me julgar por ser de outro país” A22 “Sim, gosta da escola, mas queria que os professores escrevessem mais no quadro para poder perceber melhor a matéria” A23 “Sim, mas gostava que houvesse mais atividades extracurriculares” A24 ”Sim gosto da escola, queria que houvesse menos barulho durante as aulas” A25 ”Gostava que houvesse uma turma só para brasileiros e assim gostava mais da escola” A26 ”Eu gosto da escola, mas gostava que houvessem mais horas de português” A27 ”Não gosto muito, mudava a distribuição dos alunos na turma” A28 ”Eu gosto, não mudaria nada” A29 ”Arranjar as casa de banho, de resto a escola é ótima” A30 ”Eu gosto dela do jeito que é” A31 ”Gostava de poder andar de bicicleta no recreio” A32 ”Eu gosto da escola assim, não mudava nada” A33 ”Gosto assim como é” A34 ”Sim, acho que poderiam ter mais eventos para serem vistos os nossos pontos de vista, e perceberem como nos sentimos o que gostávamos que mudassem” A35 ”O tempo das aulas porque é muito grande” A36 ”Sim, eu gosto da escola assim, não mudaria nada” A37 ”Gostava que os colegas fossem mais simpáticos, em relação à escola não mudaria nada, a comida é boa, as salas são grandes eu gosto assim” A38 ”Gosto” A39 ”Gosto aprendemos muito mais para além da matéria talvez não mudaria nada”
--	--	---

		A40 “mais ou menos, mudaria a turma para mais carinhosa e aumentava as aulas de PLNM” A41 ”O único problema que eu sinto e vejo é que as crianças às vezes conseguem ser muito cruéis, só gostava que isso mudasse e a escola assim ficava muito boa” A42 ”Sim eu gosto da escola assim , não sei acho que não mudava nada” A43 ”Gosto de como está a escola, agora que mudei de turma também estou melhor, aqui a comida é boa” A44 ”Gosto acho que não mudaria nada” A45 "Devia haver mais atividades de brincadeira para aliviar-mos a cabeça às vezes, porque estudamos muito e passamos muitas horas nas aulas” A46 ”A escola ter mais horas de PLNM” A47 ”Estou satisfeito com a escola”
--	--	--



Exmo. Sr. Professor Mário Santos
Agrupamento Escolas de Benavente

Assunto: PEDIDO DE COLABORAÇÃO PARA INVESTIGAÇÃO

Para os devidos efeitos, solicito a V.Exa. que seja concedido apoio à elaboração da pesquisa conducente à dissertação de Mestrado da aluna desta Universidade Mariana Filipa Mesquita Anes subordinada ao título provisório "Acolhimento aos migrantes - Integração das crianças migrantes em contexto escolar".

A investigação é orientada pela Professora Doutora Hélia Augusta de Magalhães Bracons Cameiro que poderá ser contactado para qualquer esclarecimento adicional pelo e-mail: helia.bracons@ulusofona.pt ou para a Universidade Lusófona – Centro Universitário de Lisboa, Instituto de Serviço Social, através do e-mail: servico.social@ulusofona.pt.

Lisboa, 20 de setembro de 2023

Assinado por : **Paula Isabel Marques Ferreira**
Num. de identificação: 09536296
Data: 2023.09.21 10:57:21+01'00'

Professora Doutora Paula Isabel Marques Ferreira

Diretora do Mestrado Serviço Social: Gestão de Unidades Sociais e de Bem-Estar